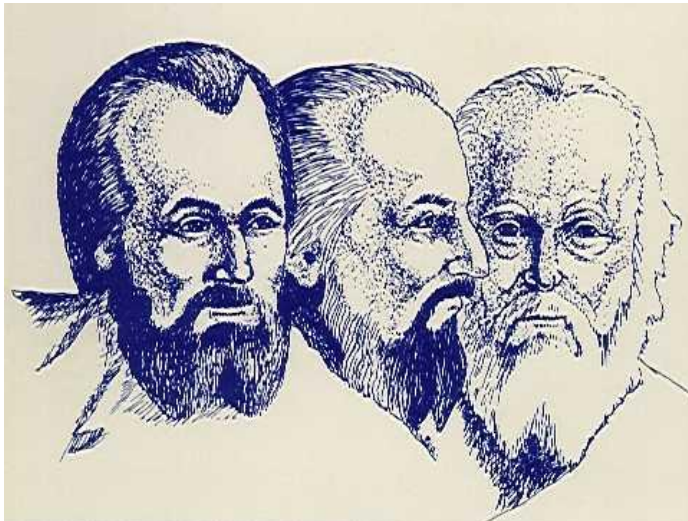


PAULO

O SEU APOSTOLADO E MENSAGEM

Por: C. R. STAM



PAULO

O SEU APOSTOLADO E A SUA MENSAGEM

Por
CORNELIUS R. STAM

Tradução de:
CARLOS OLIVEIRA



EDIÇÃO DA RESPONSABILIDADE
DA IGREJA EM QT. DO CONDE

NUM RECONHECIMENTO CHEIO DE GRATIDÃO

Os meus agradecimentos sinceros vão para os que me ajudaram na preparação deste volume.

Primeiro, para a minha querida mulher, Ruth, que escutou reflectidamente a leitura de todo o manuscrito e proporcionou muitas sugestões que serviram de ajuda.

Depois, a Richard Hunt que transcreveu cuidadosamente a cópia toda em linótipos para a impressão – uma tarefa verdadeiramente meticulosa. Também a RoseAnn (esposa de Bernie) Kees, que ajudou na preparação do manuscrito e na correcção das provas tipográficas tanto do manuscrito como dos cadernos em linótipos – do princípio ao fim. Também a Dan Dobler, que ajudou significativamente na correcção das provas tipográficas.

Agradecimentos sinceros vão também para o meu amado colega, Richard Jordan e para Russell Miller, um velho companheiro na obra, pelas suas sugestões que serviram de ajuda. E agradecimentos, não menores, para os leitores da revista *Berean Searchlight* que amavelmente enviaram sugestões e críticas de tempos a tempos. Como foram para mim significativas!

Acima de tudo, agradeço a Deus pela força física e discernimento espiritual para ver a obra do princípio ao fim, e pelos queridos amigos que ajudaram a proporcionar os fundos necessários para a publicação deste livro.

O Autor

A ILUSTRAÇÃO DA CAPA

A ilustração da sobrecapa foi feita pela nossa Bernadette (esposa de Russell) Miller, dando-nos a sua concepção de como Paulo poderia ter parecido durante as 3 fases da sua vida – novo, meia idade e velhice – como servo de Cristo. Há uma coisa nos retratos de Bernadette: têm **carácter**. Para esta irmã também, as nossa sincera gratidão.

PREFÁCIO

O presente volume sobre *Paulo, o Seu Apostolado e Sua Mensagem*, enquadra-se de alguma forma na mesma categoria do nosso recente livro sobre *A Nossa Grande Comissão*. Como aconteceu com *A Nossa Grande Comissão*, estávamos cada vez mais preocupados com o facto de, apesar de termos escrito dezenas de artigos na revista *Searchlight* e nos opúsculos sobre Paulo e os vários aspectos do seu ministério, nunca termos escrito um livro que abrangesse este assunto. De facto, apesar das centenas de livros que têm sido escritos sobre Paulo, não conhecemos nenhum volume que trate do seu apostolado e mensagem dispensacionalmente, de uma forma compreensiva. Portanto, a publicação de um livro assim torna-se *urgente*, pois é a *falta* do conhecimento de Paulo como Apóstolo da Graça, e a falta do reconhecimento do carácter distinto do seu ministério, que são os principais responsáveis pela confusão teológica e divisão que tem agrilhado a Igreja durante séculos.

O conteúdo deste volume foi em grande parte extraído dos artigos escritos durante um espaço de 44 anos, e o seu argumento básico nunca foi desafiado com sucesso; de facto, os argumentos apresentados contra alguns deles têm servido para confirmar “os crentes da graça” na sua posição a favor do ministério dado por Deus a Paulo como apóstolo separado e distinto do dos doze apóstolos. Entretanto – só pela graça de Deus – estes artigos têm trazido luz adicional e compreensão da Palavra de Deus a uma multidão de crentes sinceros. Este facto parece indicar que *Paulo, o Seu Apostolado e Sua Mensagem* pode, sob Deus, ser usado para ajudar muitos dos seus leitores na compreensão das Escrituras – numa época em que isto é tão intensamente necessário.

Não reclamamos nenhum entendimento superior da Palavra de Deus ou qualquer dom especial para comunicar as Suas verdades aos outros. Pelo contrário, reconhecemos sinceramente que *qualquer* luz ou bênção

adquiridas pela leitura deste livro terá vindo *da parte de Deus*. Assim, oramos fervorosamente para que o Espírito Santo abra corações a fim de que recebam alguma *verdade* que este livro apresenta e discirnam quaisquer erros que possam surgir. Não pedimos a ninguém que creia em nós, mas que comparem as nossas palavras com a Palavra de Deus, que considerem com sinceridade os nossos argumentos, à luz das Escrituras, bem manejadas.

Agora que este volume vai para o prelo, esperamos que os factos apresentados relativamente a *Paulo, o Seu Apostolado e a Sua Mensagem*, tragam ricas bênçãos aos corações dos nossos leitores, como, na verdade, trouxeram ao coração do escritor.

Cornelius R. Stam
Chicago, Illinois
Abril, 15, 1985

Estamos convencidos de que os argumentos básicos colocados neste livro *não podem* ser respondidos por aqueles que consideram a chamada “Grande Comissão” a sua “guia de marcha”. No entanto não os desafiamos a tentarem-no. Antes oramos para que, como os nobres Bereanos, os considerem com um coração e mente abertos, examinando diligentemente as Escrituras para verem «*se estas coisas são assim*».

INTRODUÇÃO

A CONVERSÃO DE SAULO DE TARSO

Um evento na história que provavelmente se ergue, em grau de importância, a seguir à morte e ressurreição de Cristo, é a conversão e comissão de Saulo de Tarso, posteriormente conhecido como o *Apóstolo Paulo*. No entanto este grande evento é quase ignorado pelos historiadores, e não tem quaisquer celebrações ou feriados dedicados à sua memória.

Além disso, o significado do lugar de Paulo na história, e no programa de Deus tem quase sido perdido de vista *pela Igreja*. Como resultado ele é considerado, mesmo pelos Cristãos crentes, como meramente “um apóstolo” juntamente com os doze. No entanto ele foi escolhido totalmente à parte dos doze, longe de Jerusalém, em território Gentílico. E ele *não* foi um seguidor de Cristo como eles tinham sido (Mat. 19.28); pelo contrário, precisamente na véspera da sua conversão ele estava «*respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor*» (Act. 9.1). E na sua conversão ele foi logo designado apóstolo (Act. 26.16,17; cf. 20.24).

A conversão de Paulo é mais detalhadamente descrita e mais vezes referida nas Escrituras do que qualquer outra conversão, ou na verdade, do que qualquer outra experiência pessoal, exceptuando a crucificação e ressurreição de Cristo. A maior parte de três capítulos separados nos Actos ocupa-se com este relato e é o tema *principal* de dois dos cinco discursos registados de Paulo. O próprio apóstolo está tão consciente da importância da sua conversão em relação ao evangelho da graça de Deus que se refere a ela repetidas vezes nas suas epístolas.

Em Paulo aprendemos *o que o Senhor Jesus Cristo realizou no Calvário*, pois Paulo era, como ele mesmo testifica, o principal dos pecadores, salvo pela infinita graça de Deus (I Tim. 1.13-16), graça que apenas podia ser conferida «*pela redenção que há em Cristo Jesus*» (Rom. 3.24).

O argumento de que a sinceridade de Paulo na sua oposição a Cristo constituía alguma desculpa para o seu homicídio e blasfémia não tem base, pois dessa forma “o que tu crês sinceramente” toma o lugar *daquilo que Deus tem dito na Sua Palavra*, e assim o homem não é mais

responsável pela obediência à vontade revelada de Deus. Nós estamos a colher os frutos desta filosofia ímpia que nos rodeia nos nossos dias.

Mas o facto estranho é que alguns, que aborrecem esta filosofia, parecem fazer uma excepção no caso de Saulo de Tarso. Num esforço para provarem que ele *não* era o principal dos pecadores, apontam para a sua sinceridade e fazem dele, afinal, num bom homem! E isso quando sabem que Deus repudia completamente até as melhores obras dos que rejeitam Cristo.

O facto é que Paulo *podia e devia* ter conhecido que Jesus era o Cristo, porém ele não desejou conhecer isto. Ele enganou-se ao pensar que «*contra o nome de Jesus Nazareno devia praticar muitos actos*».

O profundo ódio que Paulo tinha a Cristo elevou-o a uma alta posição em Israel. Quando ele «*perseguia a igreja de Deus e a assolava*», ele «*excedeu em Judaísmo a muitos da [sua] idade*» (Gál. 1.13,14).

À luz de tudo isto, Deus deve ter tido algum propósito muito *especial* ao salvá-lo. É sobre isto que este volume trata realmente. Está escrito para demonstrar *pelas Escrituras* que Deus levantou Paulo para ser tanto o arauto como a demonstração viva da Sua graça para um mundo condenado.

Uma Nova Dispensação

Capítulo I

PAULO, O MODELO

O MISTÉRIO REVELADO

A conversão de Paulo assinalou o *começo* da revelação do mistério do propósito e graça de Deus. Na verdade, o próprio facto de *um outro* apóstolo, completamente separado dos doze, ter sido levantado, indica claramente que Deus tinha começado a introduzir uma *nova* dispensação: «*a dispensação da graça de Deus*» (Efé. 3.1-4). O Dr. I. R. Dean disse disto:

“Porque é que era necessário Paulo ter uma nova revelação do evangelho se ele devia pregar o mesmo evangelho que João Baptista e Cristo e os Seus discípulos pregaram? Onde reside a diferença?”

“João Baptista e Cristo e os Seus discípulos ofereceram a *Israel* um Messias ... O *evangelho de Paulo* não oferece, de forma alguma, um Messias a Israel; Deus agora não está a oferecer um *Messias* a ninguém” (*The Coming King, P.210*).

Dean estava certo, pois em vez de agora estar a oferecer um Messias Deus está a oferecer reconciliação pela graça a todos os homens, num mundo onde o Messias, o Rei, foi, e continua a ser, rejeitado.

«*Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia*» (Rom. 11.32).

NASCIDO COMO UM ABORTIVO, OU, ANTES DO TEMPO DEVIDO

Uma palavra adicional deveria ser dita acerca da conversão de Saulo. Em I Cor. 15.8 ele designa-se de «*um abortivo*». Aqui ele parece comparar a sua própria conversão com a futura conversão de Israel, pois o termo no Grego indica um “aborto”, ou nascimento prematuro.

E muitos crentes Judeus não tinham sido salvos sob o ministério terreno do Senhor e em Pentecostes? Eles não foram também nascidos

como “abortivos” ou antes do tempo devido? Sim, mas algo significativo ocorreu entre ambos – Paulo e eles.

Os discípulos Judeus tinham sido salvos durante o que Cristo chamou, *o dia de Israel* e *o tempo da tua visitaçã*o (Luc. 19.41-44). O nosso Senhor também chamou a este tempo «*o ano aceitável do Senhor*» para Israel (Luc. 4.19). Além de que este «*ano aceitável do Senhor*» foi prorrogado pela intercessão do Senhor na cruz (Luc. 23.34; cf., Luc. 13.8).

Todavia os apóstolos não podiam ter sabido que Pentecostes, quando o reino estava então a ser *oferecido*, não era o «*tempo devido*» para a conversão de Israel, pois o nosso Senhor tinha-se recusado dizer-lhes isso (Ver Act. 1.6,7).

Mas com o homicídio de Estêvão e a «*grande perseguição*» que se seguiu, tornou-se evidente que Israel não aceitaria Cristo. Por este acto de rebelião a nação respondeu à questão dos apóstolos de Cristo quanto ao estabelecimento do Seu reino. Agora a conversão de Israel tem que esperar um dia *futuro*; o «*tempo devido*» ainda está para acontecer, mesmo apesar de todos não terem ainda compreendido isso.

É por isso que Paulo fala de si mesmo como tendo nascido *antes* do “tempo devido”, ou como «*um abortivo*» e não “no tempo devido”. Todavia, não se depreende de tudo isto que a conversão de Paulo fosse necessariamente típica de toda a nação de Israel.

Tendo Paulo nascido como «*um abortivo*», ou *antes* do tempo devido, tem uma relação mais directa connosco Gentios do que com Israel. Israel nascerá de novo *no* tempo devido, enquanto que nós, como Paulo, nascemos como «*abortivos*», ou *antes* do tempo devido. Clarifiquemos:

Quando é que é o “tempo devido” para Israel, como nação, ser salva? Passado, presente ou futuro? É claro que a resposta é *futuro*. Quando é que é o “tempo devido” para os Gentios serem salvos? A resposta da profecia também é a mesma: futuro, pois os Gentios, de acordo com o concerto e a profecia, serão salvos *por intermédio da nação de Israel remida* (Isa. 60.1-3; Luc. 2.30-32). Quando, então, hoje, os Judeus são salvos, são-no “no tempo devido”, profeticamente falando, ou, “antes do tempo devido”? Certamente que “*antes do tempo devido*”, e por *graça*. E quando, hoje, os *Gentios* são salvos, são salvos “no tempo devido”, ou “antes do tempo devido”? A resposta também é “*antes do tempo devido*”,

pois segundo a profecia, a salvação dos gentios era para ter sido - e será - resultado da conversão de Israel, enquanto que *agora* Judeus e Gentios são salvos numa base de igualdade.

Por conseguinte, quando, hoje, Judeus e Gentios são salvos e reconciliados com Deus num só corpo, são salvos como «abortivos», ou *antes* do tempo devido, não na base de qualquer concerto que Deus tenha feito com eles, mas por pura *graça*; não segundo a profecia, mas de acordo com o *mistério* revelado a Paulo e por seu intermédio.

Alguns insistem que a conversão de Saulo era apenas “um modelo” da conversão de Israel, mas não é isso que *ele* diz. Ele afirma, pela inspiração do Espírito, que Cristo, no seu caso, mostrou «*toda a Sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer n’Ele (Cristo) para a vida eterna*» (I Tim. 1.16).

SERÁ QUE DAMOS A PAULO UMA PROEMINÊNCIA INDEVIDA?

Será que na nossa pregação e escritos fazemos de Paulo mais do que aquilo que ele é? Estar-lhe-emos a dar proeminência indevida? É verdade que nos nossos ensinamentos referimo-nos muitas vezes a Paulo e baseamos os nossos discursos no que ele diz nas suas epístolas. De facto, há somente uma pessoa de quem falamos mais – muitas vezes mais – do que Paulo, e essa pessoa é o *Senhor Jesus Cristo*. Mas há *uma razão válida* para nos referirmos a Paulo tantas vezes como fazemos, e falarmos dele apenas menos do que falamos de Cristo.

PAULO, O MODELO

O Senhor não lhe confiou apenas a mensagem e o programa para nós, hoje, como colocou-o como modelo para nós seguirmos (1) na *salvação*, (2) no *serviço*, e (3) na *conduta*. Demonstramos isto pelas Escrituras. Os Modernistas e os Liberais têm ensinado durante anos que Cristo é o nosso exemplo, ou modelo; que nós devemos segui-Lo “nas Suas pisadas”, e segui-Lo para sermos salvos e abençoados. Mas isto é contrário às Escrituras.

O NOSSO MODELO NA SALVAÇÃO

Como é que o Senhor Jesus poderia ser o nosso modelo para a salvação? Ele viveu uma vida *perfeita*, por isso a Sua perfeição só poderia chamar a atenção para a nossa imperfeição. A Sua santidade só poderia enfatizar a nossa pecaminosidade e indignidade. A Sua vida *condenar-nos-ia*; é a Sua morte que nos salva. É por isso que Paulo nos proclama «o evangelho ... pelo *qual somos salvos* ... que *Cristo morreu pelos nossos pecados*» (I Cor. 15.1-3).

Mas mais, o Senhor não poderia ser o nosso modelo na salvação porque viveu sob uma dispensação diferente. Viveu debaixo da Lei, como lemos em Gál. 4.4, e muitas outras passagens. Ele foi circuncidado ao oitavo dia num ritual religioso. Assistia na Sinagoga todos os dias (sétimos) sábados. Ele observou os dias de festa da Lei. Deveremos segui-Lo em todas estas coisas?

Não! O Senhor Jesus ergue-se só. Ele é o Filho de Deus, Deus o Filho, o nosso *Salvador*. É verdade que quando na *terra* Ele disse para O seguirem, mas em vez disso reclamaram, «*Tira! Tira!*» e crucificaram-nO, enviando-O de volta para o céu como um exilado do Seu próprio mundo. E é aqui que Paulo entra.

O Senhor sabia que seria rejeitado. As Escrituras tinham-no predito há muito. Assim, em admirável amor e misericórdia, o Senhor rejeitado, em vez de julgar logo o mundo, interrompeu o curso do programa profético e *salvou* Saulo de Tarso, o principal dos pecadores e o líder da rebelião do mundo. Assim, Ele não só introduziu «*a dispensação da graça de Deus*» como estabeleceu Paulo como modelo para a nossa salvação – um pobre pecador indigno, salvo porque «*a graça de nosso Senhor superabundou*». Poderia Paulo declarar isto com mais clareza do que a que apresenta em I Tim 1.13-16?

«*A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.*

«*E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo.*

«Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

*«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a Sua longanimidade, **PARA EXEMPLO** dos que haviam de crer n'Ele para a vida eterna.»*

Aqui devemos considerar cuidadosamente Rom. 5.20,21 para vermos que Paulo, na sua conversão, foi o retrato da introdução duma nova dispensação em que a graça *reina*. Ele não foi nosso modelo em todos os aspectos, mas na graça que lhe foi revelada como pecador (I Tim. 1.14,16).

Como vimos, o Senhor Jesus Cristo *não poderia* ser nosso modelo na salvação, mas Paulo constitui decerto um modelo ideal: um pecador – um grande pecador – salvo por *graça superabundante!* Assim, para se ser salvo, tem que se tomar Paulo como modelo e Cristo como Salvador. Temos que, por assim dizer, tomar o nosso lugar com Paulo e dizer, “Também sou pecador – um enorme pecador”, confiando em *Cristo* como nosso Salvador. Fazendo-o, podemos-nos regozijar na verdade de Efésios 1.7:

«Em Quem [Cristo] temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça».

Foi esta mensagem de abundante e indiscriminada graça para pecadores que Paulo gastou a sua vida a proclamar e a defender.

O NOSSO MODELO NO SERVIÇO

Do mesmo modo que Paulo é o nosso modelo na salvação, ele *também* é o nosso modelo no serviço. Notemos o que Efé. 3.8,9 diz acerca disso:

«A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo» (Ver. 8).

Porque é que Deus escolheu alguém que era «o mínimo de todos os santos» para ocupar esta posição elevada? O versículo 9 diz-nos:

«E demonstrar a todos qual seja a dispensação (comunhão¹) do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo».

O significado, muito claramente, é que Paulo, *o mínimo de todos os santos*, foi escolhido para proclamar entre as nações *«as riquezas incompreensíveis de Cristo»* - «E», isto é, e assim, demonstrar a todos os homens *«qual seja dispensação do mistério»*, isto é, para mostrar-lhes a espécie de pessoas que Deus usa nesta “administração conjunta”. Assim como o principal dos pecadores foi *salvo* para mostrar que Deus salvará o mais vil dos pecadores, do mesmo modo ele, que era *«o mínimo de todos os santos»*, foi *usado* por Deus para mostrar que Deus quer usar o mais pobre dos santos.

Quantos crentes têm dito, “Oh, Ele não pode usar-me!”. Mas pode. Ele não usou Paulo, o mínimo de todos os santos, para proclamar as riquezas incompreensíveis de Cristo? Dirás: “Mas crês que Paulo foi *realmente* «o mínimo de todos os santos»?”. Bem, é a Palavra de Deus que diz que ele era o principal dos pecadores e o mínimo de todos os santos. A Palavra de Deus não é a verdade? Paulo não escreveu aquelas coisas apenas por modéstia, mas por inspiração divina. “Mas”, dirás tu, “Vê como Deus o usou!” Ah, sim, mas isso foi *«graça dada»* (Ver. 8; cf. Gál. 2.9).

I Cor. 1.27 não diz que Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e as que não são para confundir as que são? E em Romanos 7 lemos e vemos nos versículos finais como o apóstolo lutou com a sua própria velha natureza e exclamou,

«Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?».

Todavia ele exclama no último versículo:

¹ No *Textus Receptus* a palavra é *koinonia*, ou comunhão. O autor uma vez seguiu aqueles que defendiam que deveria ser *oikonomia*, ou dispensação, mas um estudo adicional convenceu-o de que a palavra “comunhão” está correcta. Se, contudo, fosse a palavra “dispensação”, isso também seria *verdade*, pois Paulo proclamou a dispensação do mistério.

«Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor».

Do mesmo modo que Deus *salvou* Saulo, o principal dos pecadores, para garantir que qualquer pecador pode ser salvo, *usou* Paulo, o mínimo de todos os santos, para garantir que Deus pode e espera usar qualquer santo.

Que graça, termos *«este tesouro (as riquezas da graça de Deus) em vasos de barro» (tão facilmente estragáveis e quebráveis) «para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós» (2 Cor. 4.7)*. Que, então, nenhum filho de Deus se escuse servir a Deus com o argumento, “Oh, Ele não pode usar-me!”. Pelo contrário, que, por assim dizer, avancemos para a linha da frente, com a pergunta, *«Senhor, que queres que eu faça?»*

O NOSSO MODELO NA CONDUTA

Finalmente, Deus escolheu Paulo para ser o nosso modelo igualmente no *comportamento ou conduta*. Na nossa presente condição e neste *«presente século mau»* não seremos ajudados tentando seguir Cristo como nosso exemplo. É verdade que devemos possuir as Suas virtudes morais e espirituais, mas se não for por graça, nunca as possuiremos. Ficamos tão destituídos dessa realidade que só podemos servir de contraste e nunca de comparação. Contudo, Paulo é um modelo ideal no que diz respeito à nossa conduta. Escutemo-lo:

«Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; ...

«Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim,

«Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus» (Fil. 3.12-14).

E depois acrescenta:

«Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam» (Ver. 17).

Nós *não podemos* seguir Cristo como nosso exemplo, nem moral nem dispensacionalmente. Porém Paulo constitui para nós um perfeito exemplo a seguir na nossa conduta. Ele reconhece prontamente o seu próprio fracasso em *«alcançar»* completamente ou em atingir a perfeição.

Mas ele tinha um segredo! Sabendo que repousar nos sucessos passados só o incharia, e fazer nos fracassos passados só o desanimaria, ele estava determinado em «*esquecer-se das coisas que atrás ficam, e avançar para as que estão diante*», prosseguindo para o bendito alvo - «*a soberana vocação ou chamada*». E esse é também o segredo para nós. Tendo nós recebido, em graça, da parte de Deus, uma posição em Cristo, à Sua mão direita, abençoados com todas as bênçãos espirituais (Efé. 2.5,6; 1.3), devemos agora *ocupar* pela fé essa posição e *apropriar* essas bênçãos. Que grande vitória ter conhecimento deste bendito segredo!

Se, na verdade, Deus nos deu uma posição nos lugares celestiais, podemos – sim, e *devemos* - ocupar essa posição. E se Deus nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais, não será um insulto ao Seu amor e graça, *não* levar a sério a Sua Palavra, e não apropriá-las?

Sim, Deus deu-nos um grande Salvador para nos salvar e abençoar, e o modelo mais apropriado para seguirmos, na salvação, no serviço e na conduta.

Uma Consideração Básica

Capítulo II

AUTORIDADE APOSTÓLICA

OS DOZE APÓSTOLOS E PAULO

Nós, membros do Corpo de Cristo, nunca desfrutaremos de unidade doutrinal até reconhecermos o facto importante de que quando Israel rejeitou o Messias e o Seu reino, os doze apóstolos foram suplantados por *um outro* apóstolo que, como representante do Senhor rejeitado mas glorificado, introduziu a presente «*dispensação da graça de Deus*» (Efé. 3.1-4).

OS DOZE APÓSTOLOS

Toda a criança da Escola Dominical sabe que o nosso Senhor, quando na terra, escolheu doze apóstolos para O acompanhar no Seu ministério. Mas, por via do contraste, quantos pregadores de púlpito compreendem *porque* é que Ele escolheu *doze*, ou o que isso envolve?

O que *todos* nós devemos compreender é que o nosso Senhor, quando na terra, proclamou «*o evangelho do reino*», as boas novas da restauração – em maior glória - do reino de Israel na terra, e que neste reino os *doze* apóstolos assentar-se-ão sobre *doze* tronos, com Ele, como juízes sobre as *doze* tribos de Israel (Mat. 19.28; Luc. 22.28-30).

Todavia, o nosso Senhor explicou aos Seus discípulos que este reino não seria estabelecido antes de primeiro Ele ter sofrido, morrido e ressuscitado, pois os profetas tinham claramente predito «*os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir*» (I Ped. 1.11).

Quando, após a Sua ressurreição, os apóstolos Lhe perguntaram, «*Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?*» (Act. 1.6), Ele não modificou de forma alguma a Sua promessa, mas disse tão somente, «*Não vos pertence saber os tempos ou as estações ...*» (Ver. 7) pois, humanamente falando, a resposta à questão deles estava pendente. Dependia da resposta de Israel à amnistia oferecida pela oração do

Senhor na cruz (Luc. 23.34), e anunciada em Pentecostes (Act. 2.38,39; 3.19-21; cf. Luc. 13.6-9).

PODERES APOSTÓLICOS

Face à proximidade da Sua ascensão ao céu, o Senhor deu aos apóstolos poderes oficiais para exercerem na Sua ausência. Entre outras coisas Ele disse-lhes:

«E eu te darei [Pedro] as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus» (Mat. 16.19).

«Em verdade vos digo [doze] que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu» (Mat. 18.18).

«Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos» (João 20.23).

Que arrazoados tem havido entre os Protestantes sobre estes versículos; que esforços para os explicar! Mas, os seus argumentos aos clamores Católico Romanos apresentam-se tão débeis quanto o fio de algodão.

Então devemos-nos voltar para Roma e confiar as nossas almas a *homens*, homens que nos podem tanto abençoar como amaldiçoar consoante a sua vontade – homens que sabem menos do que nós? De forma alguma!

A solução para este problema é dispensacional. Foi dada autoridade aos apóstolos para actuarem oficialmente na ausência do Messias, mesmo no que concerne ao perdão dos pecados, representativamente, claro. Em Pentecostes Pedro não ordenou aos seus ouvintes convictos: *«Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados?»* E Pedro e os outros não prosseguiram baptizando os que se *tinham* arrependido?

Mas uma pessoa sagaz não poderia ter enganado os apóstolos? Não. *Ananias enganou-os?* Ele foi levado morto! E não poderia haver nenhum

erro? Não, pois *estavam todos «cheios do Espírito Santo»* (Act. 2.4) e foram-lhes dado poderes miraculosos especiais, incluindo o «*dom de conhecimento*»²

Como sabemos, Judas «*se desviou*», mas obedecendo às Escrituras, Pedro e os demais apóstolos e discípulos actuaram logo para restaurarem novamente para doze o número de apóstolos. Como resultado «*Matias ... foi contado com os onze ... E todos foram cheios do Espírito Santo*» (Act. 1.15-2.4).³

UM OUTRO APÓSTOLO

Mas apesar de milhares de pessoas se terem volvido para Cristo sob o ministério dos doze, a nação como tal, e especialmente os governantes, permaneceu renitente na sua rejeição de Cristo e do Seu reino. Finalmente Estêvão foi apedrejado e uma grande perseguição levantou-se contra os seguidores de Cristo. Em resposta Deus levantou *um outro* apóstolo, Paulo, para introduzir uma dispensação nova e diferente, «*a dispensação da graça de Deus*» (Efé. 3.1-3). Começou assim a «*rejeição*» de Israel por um tempo (Rom. 11.13-15,25).

Que Paulo proclamou uma mensagem distinta, nunca antes proclamada, é evidente em muitos dos seus escritos, mas citamos aqui a sua declaração importante em Gál.2.2,9:

«E subi por uma revelação, e lhes expus o evangelho, que prego entre os Gentios, e particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão ... E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos Gentios, e eles à Circuncisão».

² Este assunto é debatido mais desenvolvidamente na brochura do autor, *A Autoridade Apostólica dos Doze*.

³ A questão de Paulo dever, ou não, ter tomado o lugar de Judas é discutida em maior profundidade neste volume. Mas o facto deles terem sido todos cheios do Espírito Santo é prova suficiente de que Matias era a escolha de Deus.

A passagem acima, de forma alguma, pode ser interpretada como significando que Paulo foi a Jerusalém para “se certificar junto dos apóstolos ali” de que estavam todos a pregar a mesma coisa.

A passagem diz-nos que Paulo «*subiu por uma **revelação***». Ele foi enviado por Deus. E quando chegou ali, ele diz, «*Ihes expus o **evangelho que prego entre os Gentios***». Certamente que as palavras «*o evangelho que prego*» caracterizam a sua mensagem como sendo *diferente* da deles. Mas há mais. Ele diz: «*[subi] **particularmente** aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão*». Porque é que ele havia de fazer isto se a sua mensagem era a mesma que a deles? Mas para completar a evidência, lemos a seguir que Tiago, Cefas [Pedro] e João, vendo a validade do seu ministério, deram um aperto de mãos a ele e a Barnabé, publicamente, concordando solene e oficialmente que Paulo deveria continuar a ir aos Gentios, enquanto que eles restringiriam o seu ministério a Israel.

Assim, aqueles que, originalmente, tinham sido enviados a «*todas as nações*» e a «*todo o mundo*», concordam que agora tinha ocorrido uma mudança. Deus tinha designado *Paulo* para ir aos Gentios com «*o evangelho da graça de Deus*», de modo que eles agora deveriam limitar o seu ministério à «*Circuncisão*». Assim, com efeito, eles libertaram-se da sua “grande comissão”, e de forma clara, o que eles desligaram na terra através de um solene e público acordo, foi também desligado no céu.

OS CLAMORES DE PAULO

Os próprios clamores de Paulo, inspirados pelo Espírito, relativamente ao carácter distinto do seu ministério como apóstolo dos Gentios não deixa qualquer margem para dúvidas no que diz respeito a este assunto. Consideremos os seguintes exemplos:

Romanos 11.13: «*Porque convosco falo, Gentios, que, enquanto for apóstolo dos Gentios, exalto o meu ministério*».

Gál. 1.11,12: «*Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens.*

«*Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo*».

Efé. 3.1-3: *«Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os Gentios;*

«Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

«Como me foi este mistério manifestado pela revelação ...».

Col. 1.25: *«... eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir [completar] a Palavra de Deus».*

I Tim. 2.5-7: *« Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem.*

«O qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo.

«Para o que (digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios na fé e na verdade».

Tito 1.2,3: *«Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos;*

«Mas a seu tempo manifestou a Sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador».

AS DOZE TRIBOS E O UM SÓ CORPO

OS DOZE E PAULO COMO REPRESENTANTES

Tem Sido ensinado muitas vezes que os doze apóstolos representam a Igreja desta dispensação precisamente do mesmo modo que os doze patriarcas representavam Israel.

É claro que isto é oriundo da mesma tradição antiga de que Pentecostes assinalou o começo do Corpo de Cristo, porém é absolutamente destituído de fundamento bíblico.

Em Mateus 19.28 é declarado com clareza que os doze apóstolos representavam a nação de Israel.

«E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem Se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel».

Esta promessa foi feita sem restrições, por Cristo, o Rei, aos doze apóstolos, e decerto de que Ele a cumprirá. Deus tinha um outro apóstolo para representar o Corpo de Cristo. Tratava-se de Paulo. Aos que duvidam disto colocamos a questão: Se os doze apóstolos representavam a Igreja desta dispensação e se, em Pentecostes, a mensagem deles trouxe cerca de três mil almas para o Corpo de Cristo – qual a razão de Paulo?

As Escrituras ensinam com clareza que os doze representavam Israel (Mat. 19.28), por isso Paulo representava o Corpo de Cristo (Col. 1.24,25).

Consideremos Paulo:

Ele era Judeu ou Gentio?

Dirás: “Era Hebreu!”

Bem, ele era Hebreu por *nascimento*, ou foi *naturalizado*?

“Oh”, dirás, “Ele *nasceu* Hebreu, «da tribo de Benjamim».

E ele era muito Hebreu, ou apenas pobremente?

Responderás de novo: “Ele era «Hebreu de Hebreus»”.

E estás certo. Paulo era *intensamente* Hebreu.

Mas, espera, *também era Romano!*

Após a sua experiência à meia-noite, em Filipos, ele aterrorizou os corações dos governantes quando disse:

«Açoitaram-nos publicamente e, sem sermos condenados, **sendo homens Romanos**, nos lançaram na prisão, e agora encobertamente nos

lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora».

Portanto ele era muito Romano!

Em Actos 21.39 encontramos-lo a dizer ao Tribuno em Jerusalém: «*Na verdade que sou **um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia***», e no capítulo seguinte diz ao centurião:

«*É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado? E, ouvindo isto, o centurião foi, e anunciou ao tribuno, dizendo: Vê o que vais fazer, porque este homem é Romano. E, vindo o tribuno, disse-lhe: Diz-me, és tu Romano? E ele disse: Sim. E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas **eu o sou de nascimento**. E logo dele se apartaram os que o haviam de examinar; e até o tribuno teve temor, quando soube que era Romano, visto que o tinha ligado*» (Act. 22.25-29).

Vemos assim que Paulo era muito Hebreu, mas também muito Romano; religiosamente Hebreu e politicamente Romano.

De nascimento, Ele era tanto Hebreu como Romano.

Que representante apropriado para a Igreja *desta dispensação!* Um representante de Judeus e Gentios *numa só pessoa!* É isso que a Igreja de hoje é: um «*corpo*» composto por crentes Judeus e Gentios. Além disso, Paulo tinha sido um *inimigo* de Cristo, agora gloriosamente *reconciliado* pela graça, e é exactamente isso que a Igreja de hoje é:

Efé. 2.14: «*Porque ele é a nossa paz, o qual de AMBOS os povos fez Um ...*».

Efé. 2.15: «*... para criar em si mesmo DOS DOIS UM NOVO HOMEM ...*».

Efé. 2.16: «*E pela cruz reconciliar AMBOS com Deus EM UM CORPO, matando com ela as inimizades*».

Vozes Para Serem Obedecidas

Capítulo III

EU OUVI UMA VOZ

DECLARAÇÃO DE PEDRO

II Pedro 1:16-18

“Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas: mas nós mesmos VIMOS a Sua majestade.

“Porquanto Ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando DA MAGNÍFICA GLÓRIA Lhe foi dirigida a seguinte VOZ: Este é o Meu Filho amado em quem Me tenho comprazido.

“E OUVIMOS ESTA VOZ dirigida do céu, estando nós com Ele no monte santo”.

DECLARAÇÃO DE PAULO

Act. 22:7, 14, 15

“E caí por terra, e OUVI UMA VOZ que me dizia: Saulo, Saulo, porque Me persegues?”

“E ele (Ananias disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a Sua vontade, e vejas Aquele justo, o OUÇAS A VOZ DA SUA BOCA.

“Porque hás-de ser Sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido”.

Tanto Pedro, como Paulo, viram o Senhor na glória. Ambos ouviram vozes do céu. E ambos foram enviados para serem testemunhas das coisas que tinham visto e ouvido (Act. 4.20; 22.15). No entanto houve uma diferença distinta nas circunstâncias e no significado das suas experiências.

Pedro viu o Senhor na Sua glória *na terra*; Paulo viu-O na Sua glória *no céu*. Pedro viu-O na Sua glória *real*, no Seu *reino*; Paulo viu-O na glória da Sua *graça* à mão direita do Pai. A voz que Pedro ouviu tinha em vista a *aceitação* de Cristo («*Ouvi-O*», Mateus 17:5); a voz que Paulo ouviu tinha em vista a *rejeição* de Cristo («*Porque Me persegues?*» Act. 9.4). A experiência de Pedro foi uma demonstração do «*poder e vinda*» de

Cristo; a de Paulo foi uma demonstração da *graça que O levou a adiar a Sua vinda*⁴ (II Pedro 3:9, 15). A experiência de Pedro harmonizava-se com o seu ministério relativamente ao *reino*; a de Paulo com o seu ministério como apóstolo da *graça de Deus*.

PEDRO NO ALTO MONTE

Em Mateus 4:17 lemos: «*Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: ‘arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus’*», e o décimo capítulo diz-nos como Ele enviou os doze com a mesma mensagem.

Como é que esta mensagem foi recebida? Vejamos o registo em Mateus 16:21:

“Desde então [uns dois anos mais tarde] começou Jesus a mostrar aos Seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia»

Imaginemos agora os sentimentos dos apóstolos! Eles já se encontravam desencorajados com a ausência de resposta à sua proclamação do reino, e agora que a oposição dos líderes se torna mais determinada o Senhor começa a falar em ser morto!

O que sucedeu às reivindicações do Seu reino? É verdade que Ele predisse que ressuscitaria ao terceiro dia, mas isso era demais para eles crerem. Lucas 18:34 diz-nos, enfatizando três vezes, que eles não tinham arcaboço para abarcar com aquilo. Tudo o que eles podiam ver era a Sua rejeição presente por parte de Israel, a possibilidade da Sua morte, e o desvanecimento das suas esperanças a respeito do reino. Notemos a reacção de Pedro:

«E Pedro, tomando-O de parte, começou a repreendê-IO, dizendo: Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum te acontecerá isso» (Ver. 22).

Sem dúvida que esta atitude de dúvida e temor foi uma das razões para o Senhor se ter transfigurado. Nesse dia Pedro, Tiago e João tornaram-se

⁴ Isto é, para julgar e reinar.

“*testemunhas da Sua majestade*” e ouviram a voz de Deus, confirmando o que tinham visto.

Como eles necessitavam disto antes da cruz! Agora, sucedesse o que sucedesse, pelo menos não tinham qualquer *razão* para duvidarem que Cristo, de acordo com a profecia, reinaria em glória na terra.

SAULO A CAMINHO DE DAMASCO

Como sabemos, Pedro e os outros apóstolos foram incapazes de conduzir Israel ao arrependimento ou convencer a nação de que Jesus era o Cristo. A oposição do governo à mensagem deles tornou-se cada vez mais feroz, especialmente após a Sua ressurreição, até que finalmente «*o sangue de Estêvão*» se derramou, e depois mais sangue, e cada vez mais.

É aqui que lemos pela primeira vez de Saulo de Tarso, pois foi ele que inspirou e liderou a «*grande perseguição*» que assolou em pouco tempo os crentes Pentecostais.

A respeito do brutal assassinio de Estêvão lemos, «E também Saulo consentiu na morte dele», e no mesmo versículo, «E fez-se [levantou-se] naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém ... E Saulo assolava a igreja» (Act. 8.1,3).

Nesta perseguição atroz Saulo de Tarso foi inquestionavelmente o representante do espírito de rebelião de Israel contra o Messias, mas no caminho para Damasco, quando a perseguição estava no seu apogeu, o próprio Senhor rejeitado interveio e Saulo, como Pedro, viu o Senhor na Sua glória – agora na Sua *glória no céu* – e ouviu a Sua voz oriunda da destra do Pai.

Mas que circunstâncias tão diferentes! Pedro, como apóstolo do Senhor, tinha *visto* e *ouvido* que Jesus era de facto o Cristo, mas Saulo era inimigo acérrimo de Pedro por este proclamar esse facto. Pedro era o líder da Igreja Pentecostal. Paulo era o líder da perseguição violenta contra essa Igreja.

Quanto à voz que Saulo ouviu do céu deveriam ser notados particularmente dois factos. Primeiro, *a rejeição de Israel em relação ao Senhor era agora assumida*. Antes do apedrejamento de Estêvão e do

levantamento de Saulo como líder da rebelião, tinha sido assumido, ou pelo menos esperava-se, que Israel se arrependeria e aceitaria o seu Messias como seu Rei (Act. 1.6-8; 2.14-21; 36-41; 3.19-21). Mas agora, com Israel a empreender uma perseguição implacável contra a Igreja⁵, com Saulo a assolá-la e a arrasá-la, o Senhor rejeitado brada do céu, «*Saulo, Saulo, porque Me persegues?*». Depois disto o reino nunca mais foi oferecido a Israel.

Segundo, deveria ser notado que apesar do Senhor reconhecer aqui Saulo como Seu inimigo, trata-o com terno amor e graça. De facto, em vez de julgá-lo, Ele *salva-O!*

Tudo isto é profundamente significativo, pois uma vez que Israel voltara as costas ao Messias, Deus estava agora a encerrá-los em incredulidade juntamente com os Gentios, «*para com todos [Ele] usar de misericórdia*» (Rom. 11.32).

Anos depois, olhando retrospectivamente, Paulo refere-se a si como «*blasfemo, perseguidor e opressor*», todavia continua a explicar que «*a graça de nosso Senhor superabundou*», acrescentando:

«*Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, **dos quais eu sou o principal***».

Porém notemos agora com muito cuidado como ele termina a sua declaração, pois a Igreja tem ignorado isto quase completamente:

«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a Sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer n'Ele para a vida eterna» (I Tim. 1:13-16).

Para este escritor é difícil de compreender como é que se pode ler esta porção das Escrituras sem se ver que Deus principiou algo novo com a conversão de Saulo. Em vez de julgar logo Israel e o mundo, Deus demonstrou «*as abundantes riquezas da Sua graça*» na salvação de Saulo e introduziu a presente «*dispensação da graça de Deus*».

⁵ A Igreja Pentecostal, claro, não «*a Igreja que é o Seu [de Cristo] Corpo*».

OS SOFRIMENTOS E A GLÓRIA

O que Pedro viu e ouviu «*no monte santo*» dizia respeito à glória em que ele próprio participaria no reino de Cristo. Porém, o que Paulo viu e ouviu dizia respeito aos *sofrimentos* do Senhor - e aos *seus*. Aquele que perguntou a Saulo: “*Porque Me persegues?*”, disse a Ananias, a respeito de Saulo: «*Eu te mostrarei quanto [Paulo] deve padecer pelo Meu nome*» (Act. 9.4,16). O Senhor ainda seria rejeitado, e Paulo, o pecador salvo pela graça, sofreria os sofrimentos da Sua rejeição. Assim ele declara em Col. 1:24:

«Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha *carne cumpro o resto da aflições de Cristo, pelo Seu corpo que é a Igreja*».

Certamente que ele aqui não queria dizer que podia acrescentar algo à obra consumada para a salvação, realizada por nosso Senhor. A explicação é simplesmente o facto de Cristo ainda estar a ser rejeitado pelo mundo, e em vez de Ele julgar de imediato os Seus ofensores, ter escolhido permanecer num Exílio Real, deixando cá Paulo – e nós – como embaixadores da Sua graça. Assim, Saulo, o perseguidor, transforma-se agora em Paulo, o perseguido, um embaixador de Cristo em território inimigo.⁶ Certamente que os doze também sofreram por Cristo, mas sempre na esperança de que a nação recebesse ainda o seu Messias, enquanto que Paulo declara que foi deixado aqui para proclamar uma oferta de graça e reconciliação a *um mundo que rejeita Cristo*.

Cristo *ainda* está a ser rejeitado por Israel e o mundo, mas quem é que aguenta com os sofrimentos da Sua rejeição? Nós – ou deveríamos. Nós estamos num mundo em inimizade com Deus e o Seu Filho. Erguendo-nos diante dos homens como representantes de Jesus Cristo, exclamamos:

«... somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. rogamo-vos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus.

“Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que n’Ele fossemos feitos justiça de Deus» (II Cor. 5:20-21).

⁶ Assim, os Actos deixam Paulo na prisão em Roma, «*um embaixador em cadeias*». Como é que Deus poderia mostrar com mais clareza a Sua graça aos Seus inimigos?

Israel e o mundo tinham ambos sido alienados de Deus, mas nós estamos aqui como embaixadores entre inimigos alienados, instando com eles para que se reconciliem com Deus por meio de Cristo, que morreu por eles. Como Paulo nós instamos com os homens, dizendo com efeito: “Cristo não está aqui; vós não O quisestes, porém nós estamos aqui em Seu lugar para vos dizer que Ele vos ama e morreu por vós a fim de poderdes ser reconciliados com Deus”.

MAIS DUAS VOZES

Estamos relutantes em encerrar este capítulo sem abordar tanto as vozes que, tanto Pedro como Paulo, ouviram quando foram arrebatados. Desta vez foi bastante interessante a experiência de Paulo no que dizia respeito aos Judeus e a de Pedro no concernente aos Gentios. E veremos uma vez mais a harmonia perfeita das Escrituras na revelação do propósito de Deus.

PEDRO EM JOPE

Act. 10:9-16

«E no dia seguinte ... subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta.

«E, tendo fome, quis comer; e, enquanto lho preparavam sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos,

«E viu o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra.

«No qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu.

«E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro; mata e come.

«Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda.

«E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou.

«E aconteceu isto por três vezes e o vaso tornou a recolher-se no céu».

PAULO EM JERUSALÉM

Act. 22:17-21

«E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim.

«E vi aquele que me dizia: Vá-te depressa, e sai apressadamente de Jerusalém; porque não receberão o teu testemunho acerca de Mim.»

«E eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em Ti.

«E quando o sangue de Estêvão, Tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava os vestidos dos que o matavam.

«E disse-me: Vai, porque hei de enviar-te aos Gentios de longe.

«E ouviram-no até esta palavra e levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva!»

Aqui, uma vez mais, Pedro e Paulo ouviram, cada um, uma voz; mas desta vez ambos num arrebatamento de sentidos e ambos enquanto empenhados na oração.

A experiência de Pedro dizia respeito ao propósito de Deus em se voltar para os Gentios. A de Paulo dizia respeito ao Seu propósito em *abandonar* Israel. Ambos replicaram com Deus, mas ambas as experiências enfatizaram o propósito que Deus tinha em se voltar de Israel para as nações.

Pedro, na sua repulsa pelos animais imundos, objectou dizendo que nunca tinha comido nada comum ou imundo. Paulo, na sua avidez de ganhar os seu parentes segundo a carne, argumentou dizendo que todos eles sabiam que ele tinha aprisionado e torturado os crentes e tinha mesmo tomado parte no apedrejamento de Estêvão. Decerto que eles o escutariam!

Todavia, o Senhor insistiu em levar a cabo o Seu propósito em ambos os casos. A Pedro Ele disse, “*Não faças tu comum ao que Deus purificou*”, e mandou-o ir à casa Gentílica de Cornélio “nada duvidando”. A Paulo Ele replicou sumariamente, “*Vai, porque hei-de enviar-te aos Gentios de longe*”.

Nós estamos bem cientes de que Pedro não proclamou o mistério do propósito de Deus e a Sua graça a estes Gentios. Ele nem sequer tinha conhecimento disso. De facto, ele nem sequer sabia porque é que Deus o estava a enviar, e explicou simplesmente aos seus críticos: “*quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?*” (Act. 11:17).

Não obstante isto, a comissão de Pedro aqui foi *um dos primeiros passos dados na introdução do mistério do plano de Deus em abençoar as nações a despeito da rejeição a que Israel votou Cristo*. Ele tornou isto muito claro quando, defendendo mais tarde o ministério Gentílico de Paulo, afirmou, “*... bem sabeis ... que Deus me elegeru dentre vós, para que os Gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem*” (Act. 15.7). Isto foi uma estratégia dirigida pelo Espírito, pois como poderiam os irmãos Judeus objectar o ministério Gentílico de Paulo quando o seu próprio líder designado por Cristo tinha sido enviado a pregar o evangelho a uma casa Gentia, e isto sob circunstâncias que confirmavam ser claramente da vontade de Deus?

Foi quando Pedro citou uma profecia do Velho Testamento que tocava apenas na fé em Cristo para a remissão dos pecados (Act. 10.43)⁷ que Deus *interrompeu* o discurso dele e o Espírito Santo veio sobre estes Gentios. Incidente admirável! Assim, apesar de reconhecermos perfeitamente qualquer aspecto do reino da conversão de Cornélio, não nos podemos esquecer dos seguintes factos importantes:

1. O incidente ocorreu *depois* da conversão de Saulo, está registado precisamente no capítulo seguinte à mesma.
2. Pedro *não* foi enviado a Cornélio sob a chamada “grande comissão”, mas sob uma comissão *especial*.
3. Deus não enviou Pedro a Cornélio porque Israel tivesse *aceitado* o Messias, mas devido ao facto de O ter *rejeitado*. Por outras palavras, *não* foi o passo seguinte no levar a cabo da “grande comissão”, pois os apóstolos ainda não tinham terminado o seu ministério em Jerusalém (Luc. 24:47; Act. 1:8; Act. 8.1; Nota: «*excepto os apóstolos*»).
4. Na história de Cornélio é enfatizado repetidas vezes que Deus «*não fez diferença alguma*» entre Judeus e Gentios (Act. 15:9). Isso não será quando a “grande comissão for levada a cabo (Mateus 24:14). Cristo será então Rei em Jerusalém e Israel será exaltada *acima* das nações. Porém antes do término do livro dos Actos é claramente demonstrado (através do ministério de Paulo) que «*não há diferença*» entre Judeus e Gentios, quer quanto ao pecado do homem (Rom. 3:22-23) quer quanto à graça de Deus:

«*Porquanto não há diferença entre Judeu e Grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que O invocam.*

«*Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*» (Rom. 10.12,13).

⁷ Em Actos 10.43 *Profecia e Mistério coincidem*. Assim a interrupção dos Vers. 44,45 sucedeu antes de Pedro chegar à oferta estipulada na sua “grande comissão” (Mar. 16.16; cf. Act. 2.38), a fim de que estes Gentios incircuncisos fossem inteiramente salvos aparte do baptismo na água. Este assunto é debatido mais aprofundadamente em *Actos Dispensacionalmente Considerados*, Vol. II, Págs. 97-100.

5. Foi na base da experiência de Pedro que o ministério de Paulo para com os Gentios foi reconhecido pela igreja em Jerusalém (Act. 15, cf. Gál. 2).

Quanto à experiência de Paulo, enfatizava de novo o facto de que Deus iria enviar a salvação aos Gentios devido Israel rejeitar Cristo. Como Paulo nos diz, ocorreu no seu primeiro regresso a Jerusalém, após a sua conversão. Portanto indica-nos que a rejeição de Cristo por parte de Israel tinha agora sido assumida, pois o Senhor disse-lhe: «*Eles não receberão o teu testemunho acerca de Mim*» Os líderes de Israel, e a nação como um todo, não tinham dado ouvidos aos doze; nem escutariam Paulo. Deus tinha-os *encerrado em incredulidade* e iria suspender os Seus tratos com eles, como nação.

Como vimos, Deus pôs Israel de parte juntamente com os Gentios, de modo a poder tratar com Judeus e Gentios como *indivíduos*, e em *graça*. Teremos muito mais a dizer acerca disto.

*Saulo o Pecador
E Cristo o Salvador*

Capítulo IV

DUAS VEZES EM QUE O SENHOR PERGUNTOU PORQUÊ

A CHAVE DO CÉU

Os dois maiores enigmas do universo e da história da humanidade estão expressos em duas questões colocadas pelo Senhor – nas duas ocasiões principais em que Ele, que «*conhece todas as coisas*», perguntou «*Porquê?*».

Uma das vezes foi a Deus que bradou «*Porquê*» e a outra a *Saulo de Tarso*; uma ao *Santo* e a outra ao *principal dos pecadores*. Uma vez bradou o porquê da *vergonhosa cruz* e a outra da *Sua glória no céu*. Em cada um dos casos foi repetido o nome da pessoa a quem a pergunta se dirigia.

Em Mat. 27.46 encontramos o primeiro angustioso «*porquê?*» emanado do fundo do Seu coração e dos Seus lábios quando Ele bradou da cruz cruel, «*Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?*» O outro encontra-se em Actos 9.4, onde lemos como Ele bradou do Seu trono no céu, «*Saulo, Saulo, porque Me persegues?*»

«*Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?*»

«*Saulo, Saulo, porque Me persegues?*»

Estas duas questões representam os maiores enigmas da história, e apesar disso, de forma estranha, uma é a explicação simples da outra! As duas são complementares.

Porque é que Deus abandonou o Seu amado Filho? Porque é que Ele *permitiu* que homens iníquos ultrajassem e crucificassem o Cristo impecável, inocente? Só descobrirá a resposta quando perguntar porque é que a humanidade (representada por Saulo) odiou Cristo e O perseguiu até à morte. A acção de Deus foi o único antídoto para a do homem. A morte de Cristo foi o único remédio para o pecado do homem. Foi por causa da total falta de razoabilidade do pecado do homem, que um Deus gracioso, para o salvar, teve de ser mais que razoável.

Que «*Cristo morreu*» foi um facto histórico que toda a gente conhece. «*Os nossos pecados*» também constituem um facto que ninguém pode negar. No entanto, se um dos factos permanecesse só, estaríamos perante um mistério insolúvel. Temos que aceitar a explicação de Deus: «*Cristo morreu PELOS nossos pecados*» (I Cor. 15.3) ou teremos dois problemas molestos que não poderemos explicar. Tem sido bem dito que, aqui, na pequena contracção da preposição «*pelos*», temos “*a chave do céu*”.

Assim, nos dois “porquês” que consideramos aqui, os problemas da morte de Cristo e dos nossos pecados fica resolvido. Eles resolvem-se um ao outro. O Salvador e o pecador são juntos. O blasfemador, o perseguidor, é completamente transformado, e quando ele considera Cristo crucificado, exclama cheio de gratidão, «*[Ele] me amou, e se entregou a Si mesmo por Mim*» (Gál. 2.20).

SAULO O PECADOR

Consideremos o quadro que nos é apresentado no livro dos Actos. Só há uma nação, apenas uma, que Deus reconhece como Sua e, eis que *esta* nação se junta às outras na rebelião contra Ele! E quem é que inspira e conduz a rebelião? *Saulo de Tarso!*

E quem é este Saulo de Tarso? Um rufia, um assassino? De facto não! Trata-se de alguém pertencente à raça escolhida que era altamente respeitado pela sua nação, que era escrupuloso observador da Lei, zeloso das tradições dos seus pais.

Ignoraria, então, ele as profecias do Velho Testamento, para não reconhecer Cristo? Não! Ele era Fariseu, filho de uma linha de Fariseus, Hebreu de Hebreus, pertencendo orgulhosamente à tribo de Benjamim, um líder espiritual em Israel com um conhecimento profundo da Lei e dos Profetas.

No entanto este homem conduziu Israel numa perseguição feroz contra os seguidores de Cristo, determinado a exterminar o nome e a memória de Jesus.

O registo divino relata como é que no apedrejamento de Estêvão «*Saulo consentiu na morte dele*», e informa-nos que o homicídio de

Estêvão provocou «*uma grande perseguição*» em que «*Saulo assolava a Igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão*» (Act. 8.1-3).

De facto, o próprio Paulo reconheceu mais tarde: «*E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui*» (Act. 26.11). Foi em relação à última destas «*cidades estranhas*», que lemos:

«*E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao Sumo Sacerdote*

«*E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, afim de que, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém.*

«*E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu*» (Act. 9.1,2).

Armado assim, «*com poder e comissão dos principais dos sacerdotes*» (Act. 26.12), Paulo determinou-se em prender tantos discípulos quantos pudesse e trazê-los «*manietados para Jerusalém ... afim de que fossem castigados*» (Act. 22.5).

Este propósito dele nunca foi cumprido, pois ele próprio foi aprisionado pelo Senhor glorificado e foi salvo no caminho de Damasco. E quando o Senhor enviou Ananias para lhe ministrar, Ananias replicou,

«*Senhor, a muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos Teus santos em Jerusalém;*

«*E aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o Teu nome*» (Act. 9.13,14).

E quando os crentes de Damasco ouviram-no testemunhar de Cristo, disseram, «*Não é este que em Jerusalém perseguiu os que invocavam este Nome?*» (Act. 9.21).

Posteriormente, em oração, Paulo confessou a Cristo: «*eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em Ti*» (Act. 22.19), e testemunhou perante Agripa:

«... encerrei muitos dos santos nas prisões; e quando os matavam eu dava o meu voto contra eles.

«E, castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar» (Act. 26.10,11).

Tudo isto, e mais, encontramos no registo de Lucas sobre as obras e confissões de Paulo, mas a isso Paulo acrescenta as suas próprias declarações escritas:

«... sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava» (Gál. 1.13).

«Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persequi a igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou» (I Cor. 15.9,10).

«E dou graças Ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério; a mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso» (I Tim. 1.12,13).

É verdade que o Apóstolo explica nesta passagem que o fez «*ignorantemente, na incredulidade*», mas não o faz para ser absolvido da culpa. Como Saulo, o Fariseu, ele podia e *devia* ter sabido que Jesus era o Cristo, mas ele não desejava crer nisto. Por conseguinte, a ignorância dele, moveu, na verdade, o compassivo coração de Deus, do mesmo modo que nós poderíamos apiedarmo-nos de alguém que se injuria a si mesmo pela sua obstinação cega, todavia a atitude dele era, apesar de tudo, totalmente indesculpável.

De facto, ele enfatiza o *pecado* dele quando salienta que foi apenas porque «*a graça de nosso Senhor superabundou*» que ele, o «*principal*» dos «*pecadores*» foi salvo. De facto, é a partir desta premissa que ele argumenta que a graça de Deus é suficiente para salvar *qualquer* pecador (I Tim. 1.15,16).

SAULO E A RAÇA HUMANA

Deverá ser claramente compreendido que Saulo de Tarso, o blasfemo e homicida, representava toda a raça humana na sua rebelião contra Deus e o Seu Cristo. O único canal através do qual Deus ainda mantinha

relações com o mundo nos dias de Saulo era com a nação de Israel, e Saulo tinha-se tornado o líder da rebelião de Israel. Saulo representava Israel e Israel representava o mundo. Saulo representava o espírito da rebelião de Israel, sim, o espírito da *rebelião do mundo contra Deus e o Seu Cristo* (Sal. 2.1-3).

Foi a incrível falta de razoabilidade da inimizade do mundo contra Cristo, que o nosso Senhor exprimiu quando bradou do céu: «*Porque Me persegues?*».

CRISTO E A RAÇA HUMANA

À nossa volta as pessoas perguntam “Porquê?”. *Porquê* esta doença tão prolongada e dolorosa? *Porquê* esta carga insuportável? *Porquê* este luto de partir o coração? *Porquê* esta guerra horrível? *Porque* é que Deus permite todo este sofrimento e tribulação e miséria e morte? *Porquê?* ... *porquê?* ... *porquê?*

Mas os que perguntam porque é que Deus permite que o sofrimento e a miséria e morte aflijam a humanidade esquecem-se, normalmente, duma questão muito maior. *Porque é que Deus abandonou Cristo no Calvário?* Nós, que somos pecadores, podemos esperar sofrimento e miséria e tribulação, mas Cristo não pecou. Porque é que Ele, o Santo, que «*andou fazendo bem*», teve de sofrer a agonia e a vergonha por causa dos pecados que Ele nunca cometeu? Como é que um Deus justo, muito menos um Pai que ama, pôde permitir que homens maus sujeitassem o Seu Filho ao sofrimento e à morte – sim, e «*morte de cruz*»?

E isto levanta uma outra questão: Porque é que no princípio Deus permitiu o *pecado*? Se for respondido que, originalmente, Deus criou o homem à Sua imagem, como um agente moral livre, com o poder de escolha, então *porque* é que Deus o criou assim ou porque é que, pelo menos, não o impediu de pecar, ou de alguma maneira restringiu ou habilitou o poder dele para escolher activamente entre o bem e o mal? E quanto mais questões destas se levanta, mais questões surgem.

Não há dúvida de que, na Bíblia, todas estas questões podem encontrar respostas, não apenas satisfatórias, mas *convincentes*, e até *gratificantes*. Porém, é no *Calvário* que se encontra a solução básica para este grande enigma. Nós temos ali uma grande evidência de que, ao

permitir que o pecado entrasse na raça humana, Deus não actuou, nem impulsiva, nem caprichosamente, nem ignorando o bem do homem. Nós vemos ali Cristo, o amado Filho de Deus, a *morrer* como malfeitor *pelos nossos pecados*.

Nós temos assim a solução para *ambos* os enigmas - *A morte de Cristo e os nossos pecados* - nas benditas palavras da mensagem que Deus deu a Paulo: «*Cristo morreu pelos nossos pecados*» (I Cor. 15.3). É, de facto, verdade que, aqui, na pequena contracção da preposição «*pelos*», temos “*a chave do céu*”.

«*Cristo morreu PELOS nossos pecados*» (I Cor. 15.3).

É esta a solução para os dois maiores enigmas do universo e da história: os enigmas da morte de Cristo e do pecado do homem.

«*Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal*» (I Tim. 1.15).

Se não é verdade que o Senhor Jesus Cristo veio a este mundo voluntariamente, especialmente para sofrer e morrer pelos nossos pecados, então não há nenhuma razão para o que quer que seja. Nesse caso, decerto que, se poderia dizer que, “o bem está no cadafalso” e “o mal está no trono”, e que o próprio Deus bem poderia ser acusado de injustiça, e até de crueldade, por permitir que aquele que era, no mínimo, um homem bom e inocente tivesse morrido em agonia e ignomínia às mãos de homens iníquos.

O “Porquê” da cruz, então, é explicado pelo “Porquê” do caminho de Damasco. Por causa da falta de razoabilidade da inimizade e pecado do homem, Deus, para salvá-lo, teve de ser *mais do que razoável* e dar o Seu próprio Filho para sofrer a punição do pecado do homem, e Ele fez isto em infinito amor e graça.

AS RIQUEZAS DA GRAÇA REVELADAS

Nós lemos em Lucas 18.31-33 que o nosso Senhor disse aos doze apóstolos que Ele sofreria, morreria e ressuscitaria ao terceiro dia, mas o registo continua e diz:

«E eles nada disto entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia» (Ver. 34).

É claro que depois da Sua morte e ressurreição estes apóstolos compreenderam que as Escrituras se tinham cumprido, mas, mesmo então, eles não compreendiam o significado pleno da morte e ressurreição de Cristo. Isso ainda *«lhes era encoberto»*. Deus revelá-lo-ia algum tempo mais tarde, por meio do Apóstolo Paulo.

«Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.

«O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, PARA SERVIR DE TESTEMUNHO A SEU TEMPO.

«Para o que [eu, Paulo] (digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios na fé e na verdade» (I Tim. 2.5-7; cf. Gál. 3.23; Tít. 1.2,3).

Em Pentecostes Pedro não proclamou a morte de Cristo como o grande remédio de Deus para o pecado. Ele *acusou* Israel da morte de Cristo e avisou-os de que Deus O tinha ressuscitado dos mortos para O assentar no trono de David, apesar de O terem rejeitado como seu Rei (Act. 2.25-36). Ele não disse: “Cristo morreu pelos vossos pecados. Crede no Senhor Jesus Cristo e sereis salvos.” Foi Paulo quem disse isto pela primeira vez, algum tempo mais tarde. O que Pedro disse aos seus ouvintes convictos foi: *«Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados ...»* (Act. 2.38).

Muitos, confundindo o ministério de Pedro com o de Paulo, ainda proclamam o baptismo na água para o perdão dos pecados, ou requerem-no para uma pessoa se tornar membro de igreja, ou pelo menos acrescentam-no *depois* de terem proclamado a obra “consumada” de Cristo para a salvação.

Mas o que dizem as Escrituras? Não é antes de Paulo entrar em cena que aprendemos que os crentes podem ser *«justificados gratuitamente pela Sua graça [de Deus], pela redenção que há em Cristo Jesus»* (Rom. 3.24).

É Paulo, e ninguém antes dele, que declara:

*«Mas agora se manifestou **sem a lei** a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas» (Rom. 3.21).*

*«Para demonstração da sua justiça **neste tempo presente**, para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus» (Ver. 26).*

A respeito da morte e ressurreição de Cristo, há uma enorme diferença entre a mensagem de Pedro em Pentecostes e a posterior mensagem de Paulo. E há uma enorme diferença entre o requisito que Pedro apresentou, de arrependimento e batismo *«para perdão dos pecados»* e a oferta posterior que Paulo fez da justiça de Cristo *«para o perdão dos pecados»*.

Se em Pentecostes, Pedro, trabalhando sob a chamada “grande comissão”, tivesse conhecido que *«temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça»*, não teria pregado esta gloriosa verdade à multidão culpada? Contudo as Escrituras tornam inequivocamente claro que esta grande verdade não *serviu «de testemunho»* antes do *devido «tempo»*, por meio do Apóstolo Paulo (I Tim. 2.5-7; Tit. 1.2,3; etc.).

Para compreendermos o propósito profetizado de Deus a respeito do reino que será estabelecido na terra, associemos sempre Cristo aos doze apóstolos e às doze tribos de Israel. Porém, para compreendermos o propósito encoberto de Deus, *«o mistério»*, associemos sempre o nosso Senhor a Paulo. Juntemos o Salvador ao principal dos pecadores, e teremos *uma combinação feliz!* Ouçamos de novo o próprio testemunho de Paulo a este respeito:

«Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a Sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer n’Ele para a vida eterna». (I Tim. 1.15,16).

UMA ILUSTRAÇÃO DO VELHO TESTAMENTO

Talvez um episódio do Velho Testamento sirva para ilustrar a salvação sob «a dispensação da graça de Deus» e explique porque é que Deus escolheu especificamente o principal dos pecadores para demonstrar e proclamar esta mensagem da graça.

A PROSTITUTA RAABE

«Pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias» (Heb. 11.31).

O relato que os doze espias trouxeram de Canaã quando Israel ainda estava no deserto FOI, no mínimo, um desafio.

Por um lado Canaã foi relatada como sendo «terra muito boa», manando, por assim dizer, «leite e mel» (Núm. 14.7,8). Mas por outro lado, os seus habitantes eram poderosos e as cidades «fortificadas e mui grandes» (13.28). Ou, como apresenta Deut. 1.28: «Maior e mais alto é este povo do que nós, as cidades são grandes e fortificadas até aos céus ...».

Jericó era a primeira daquelas grandes cidades fortificadas. Escavações arqueológicas têm confirmado o testemunho dos antigos escritores quanto ao tamanho dos muros nos dias de Josué. Adicionalmente ao muro exterior, com cerca de 2 metros de espessura, havia um muro interior, com cerca de 4 metros de espessura e cerca de 9 metros de altura. Isto proporcionava uma protecção quase invencível contra os poderosos exércitos daqueles dias.

A FÉ DE RAABE

No entanto, no interior da cidade havia medo. Medo de Israel, cujo Deus, Jeová, tinha libertado do Egipto, aberto um caminho a seco através do Mar Vermelho, conduzido, com famílias, e gado inclusive, através do deserto, tendo-lhe concedido já, vitórias significativas na sua conquista de Canaã.

Foi a esta cidade que Josué enviou dois espias, que agora encontravam protecção na casa de Raabe, a prostituta, situada sobre o muro de Jericó. Que os espias não estavam na casa de Raabe com um

propósito imoral é claro no registo das Escrituras, mas, mais do que isto, Raabe não só temia agora a Jeová, como *cria* n'Ele. Ouçamos o seu testemunho comovente:

«E disse aos homens: Bem sei que o Senhor vos deu esta terra e que o pavor de vós caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desfalecidos diante de vós.

«Porque temos ouvido que o SENHOR secou as águas do Mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egipto, e o que fizestes aos dois reis dos amorreus, a Siom e a Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes.

«O que ouvindo, desfaleceu o nosso coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; PORQUE O SENHOR VOSSO DEUS É DEUS EM CIMA NOS CÉUS E EM BAIXO NA TERRA» (Jos. 2.9-11).

A declaração final desta passagem aponta para a diferença entre Raabe e o resto dos habitantes de Jericó, pois expressa a sua fé pessoal em Jeová, Deus de Israel. Eles *temiam-No*, mas ela temia-O e *cria* n'Ele. Foi por isso que ela *«não pereceu com os incrédulos»* (Heb. 11.31).

EVIDÊNCIAS ADICIONAIS DA FÉ DELA

As evidências da fé de Raabe são vistas no seu testemunho, no facto de ela ter escondido os espias e feito um concerto com eles, e em outras formas. Porém, as evidências mais tocantes são as do ponto de vista moral e espiritual.

Indubitavelmente envergonhada do seu passado, ela agora torna-se preocupada com a família que tinha envergonhado, pois ela continua a dizer:

«Agora, pois, jurai-me, vos peço, pelo Senhor [Heb., Jeová], que, como usei de misericórdia convosco, vós também usareis de misericórdia para com a casa de meu pai, e dai-me um sinal seguro,

«De que conservareis com a vida a meu pai e a minha mãe, como também a meus irmãos e a minhas irmãs, com tudo o que têm e de que livrareis as nossas vidas da morte» (Jos. 2.12,13).

Antes de escaparem pela janela da casa de Raabe usando a corda de cor escarlata que ela providenciara, os espias não apenas juraram usarem com ela «*de misericórdia e de fidelidade*», mas foram mesmo mais longe. Notemos o registo:

«*Eis que, quando nós entrarmos na terra, atarás este cordão de fio de escarlata à janela por onde nos fizeste descer; e recolherás em casa contigo a teu pai, e a tua mãe, e a teus irmãos e a toda a família de teu pai.*

«*Será, pois, que qualquer que sair fora da porta da tua casa, o seu sangue será sobre a sua cabeça, e nós seremos inocentes; mas QUALQUER QUE ESTIVER CONTIGO, EM CASA, o seu sangue seja sobre a nossa cabeça, se alguém nele puser mão*» (Jos. 2.18,19).

Que expressão maravilhosa, *qualquer que* (ou, *todo aquele que*)! Quantas vezes a encontramos nas epístolas de Paulo e nos escritos de João a respeito da salvação! Aparece aqui em tipo! Isto não indica, de forma alguma, que, afinal, «*o mistério*», revelado a Paulo *não* era um segredo «*oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações*», pois *ninguém* na época sabia que estas pessoas e coisas *eram* tipos, e muito menos o que tipificavam. Só *nos* mostram que o coração de Deus estava cheio do Seu «*propósito eterno*».

Que bela figura do «*precioso sangue de Cristo*», através do qual todos os crentes têm «*a redenção ..., segundo as riquezas da Sua graça*», era este cordão de fio de escarlata (I Ped. 1.18,19; Efé. 1.7)!

«OS INCRÉDULOS»

Sabemos que a grande maioria dos habitantes de Jericó *não cria*, pois Jos. 6 informa-nos que após a libertação de Raabe e de todos os que com ela estavam, a cidade foi *totalmente destruída*, com tudo o que havia nela (Vers. 20-23).

E haverá alguma alusão, suficientemente clara, de que alguém da própria família não cresse? *Ela* tinha pedido aos espias que jurassem que salvariam toda a sua família, incluindo «*a minhas irmãs, com tudo o que têm*» (Jos. 2.13), mas eles não lhe prometeram que o fariam. Disseram

antes, «e recolherás em casa contigo a teu pai, e a tua mãe, e a teus irmãos e a toda a família⁸ de teu pai» (Ver. 18).

Porque é que eles omitiram as irmãs de Raabe, por cuja libertação ela tinha especificamente rogado? Teria sido um lapso descuidado da parte deles? Ou, pelo contrário, foi uma omissão inspirada, porque as irmãs dela não estavam com ela em casa, quando a cidade foi tomada?

O registo imediato explica. No capítulo 6, onde temos o registo da conquista de Jericó, lemos que os espias entraram e libertaram «Raabe e à família de seu pai, e a tudo quanto tinha» (Ver. 25), mas isto trata-se duma declaração genérica (como a dos Vers. 22,23) e o «tudo quanto tinha» pode bem referir-se a todos os que ela tinha *consigo* na sua casa, pois sabemos que só estes seriam salvos (2.19; 6.17).

Mas Josué 6.23, a passagem que enumera especificamente os que foram salvos, omite na lista, uma vez mais, as irmãs. A passagem diz:

«Então entraram os jovens espias, e tiraram a Raabe e a seu pai, e a sua mãe, e a seus irmãos, e a tudo quanto tinha; tiraram também a toda a sua parentela,⁹ e os puseram fora do arraial de Israel» (6.23).¹⁰

Neste caso a omissão das irmãs na lista pode dificilmente ser resultado de lapso, pois aqui nós temos, não o registo do que os espias *disseram*, mas o registo inspirado do que realmente *aconteceu*.

Nós trazemos este assunto à tona, em primeiro lugar para enfatizar o facto de que só os que estavam com Raabe na casa foram salvos, de acordo com a promessa. Ninguém foi salvo por meramente estar

⁸ A família incluía os servos.

⁹ Isto é, «*todos os que com ela estiverem em casa*».

¹⁰ O registo descreve como Deus colocou o exército de Israel a marchar em torno de Jericó até os soldados ficarem completamente exaustos. Assim a vitória, e certamente que o derrubar dos muros, seria totalmente obra de Deus, e *teria* que acontecer pela fé e não por combate. Mas aqui alguns artistas famosos têm errado, ao retractarem a casa de Raabe encarrapitada de forma precária sobre um pequeno segmento da muralha que *não* caiu. Porém os muros *caíram* na sua totalidade após acção dos espias, sem dúvida que através da corda de cor de escarlata, resgatando Raabe e a sua casa (Vers. 22,23).

relacionado com ela. Mas mais, como se vê, esta omissão das irmãs de Raabe enfatiza também a relação do orgulho humano com a incredulidade.

É fácil de imaginar a reacção de alguns dos habitantes de Jericó ao saberem que, quando Israel atacasse, todo aquele que estivesse com Raabe na casa, seria poupado! “Ora, ir para uma casa de má reputação para achar misericórdia! Refugiarmo-nos com uma prostituta! Nunca! Tentaremos a nossa sorte com as pessoas boas de Jericó”, diriam alguns. E sem dúvida que da família de Raabe teriam sido as suas irmãs que mais se recusaram entrar, estando mais profundamente chocadas com a conduta dela.¹¹

Assim, para se ser salvo da ruína de Jericó, era necessário tomar abrigo numa casa de má reputação, com uma mulher pecadora, agora remida. «*Qualquer que estiver contigo, em casa*»; eram estas as condições claras da promessa.

RAABE E PAULO

Podemos ouvir aqui praticamente algum leitor objectar: “Estás a comparar Paulo com *Raabe*?” Bem, Paulo não se denomina o principal dos pecadores em I Tim. 1.15? Isto não foi mera modéstia da parte de Paulo; ele escreveu *por inspiração divina*; é parte da Palavra de Deus escrita.

Objecta-se que o pecado de Raabe foi pior do que o de Paulo? Nós não negamos que Paulo tenha sido um pecador de espécie diferente, mas não era *menos* pecador. Recordemos como nosso Senhor respondeu sem papas na língua a Nicodemos (outro Fariseu), o religioso filósofo, com um «*Necessário vos é nascer de novo*» (João 3.7), enquanto que no capítulo seguinte Ele diz graciosamente à mulher pecadora de Samaria:

«*Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é O que te diz: Dá-me de beber, tu Lhe pedirias, e Ele te daria água viva*» (João 4.10).

Além disso Ele disse sem cerimónia aos líderes religiosos de Israel,

¹¹ Nós não encontramos nenhuma indicação de que o comportamento corrupto de Raabe tivesse qualquer relação com a religião de Jericó. Ela era meramente “uma prostituta” que vivia sobre a muralha da cidade, onde os soldados de Jericó seriam naturalmente mais facilmente encontrados.

«*Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus*» (Mat. 21.31).

Vemos assim que um Deus santo odeia o orgulho no pecador, e é assim que lemos na Palavra de Deus que Ele «*resiste aos soberbos*» e «*conhece-o[s] de longe*».

É verdade que Paulo, como Saulo de Tarso, tinha sido *consciencioso* nas suas crenças religiosas, mas também era justo aos seus próprios olhos e rebelde contra Cristo, determinado a exterminar o Seu nome e memória das páginas da história. E, como dissemos, ele afirma claramente a razão dele, o principal dos pecadores, ter sido salvo, na sua comovente declaração de I Tim. 1.16:

«... *POR ISSO ALCANCEI MISERICÓRDIA, PARA QUE EM MIM, QUE SOU O PRINCIPAL, JESUS CRISTO MOSTRASSE TODA A SUA LONGANIMIDADE, PARA EXEMPLO DOS QUE HAVIAM DE CRER NELE PARA A VIDA ETERNA*».

Do mesmo modo que no caso do livramento de Jericó, em que o livramento foi prometido a todos os que estivessem com Raabe na sua casa, assim também hoje a salvação é prometida a todos os que tomarem o seu lugar com Paulo, o principal dos pecadores salvo pela graça; e que dizem com efeito: “Eu também sou um pecador; seguirei o apóstolo Paulo e confiarei no Senhor Jesus Cristo como Aquele que «*veio ao mundo salvar os **pecadores***»”.

Em conclusão, Raabe a prostituta, como Rute a Moabita, tornou-se *numa ascendente de nosso Senhor Jesus Cristo!* O nome dela ainda se encontra ilustremente inscrito entre as quatro mulheres mencionadas na genealogia de nosso Senhor (Mat. 1.5). Que honra!

Assim, o nosso grande Deus de amor toma os mais baixos que confiam n’Ele e, e dá-lhes os lugares mais elevados de honra e bênção. Quando pensamos no passado de Raabe e no que Deus fez graciosamente por ela, não podemos deixar de nos lembrar de Efé. 2, onde lemos que outrora tínhamos sido «*filhos*¹² *da desobediência*», e por conseguinte, «*por natureza filhos*¹³ *da ira, como os outros também*»:

¹² Gr., *huios*, filhos crescidos.

¹³ Gr., *teknon*, nascidos.

«Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou,

«Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos),

«E nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus;

«Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça pela Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus» (Efé. 2.4-7).

Que Deus ajude qualquer leitor deste capítulo que esteja perdido a tomar o seu lugar com Paulo, o principal dos pecadores salvo pela graça, e entrar assim no conhecimento da alegria da salvação pela graça apenas por meio da fé.

Paulo o Arquitecto

Capítulo V

UM EDIFÍCIO NOVO

A COLOCAÇÃO DO FUNDAMENTO

A primeira carta de Paulo aos Coríntios contém uma passagem que todo o pregador e obreiro Cristão deveria considerar com muita devoção. Trata-se de I Cor. 3.10-15:

*«Segundo a graça de Deus que me foi dada, **pus eu [Paulo]**, como sábio arquitecto, **o fundamento**, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele.*

«Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo.

«E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha,

*«**A obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um.***

*«**Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão.***

*«**Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo.**».*

Notemos bem que o apóstolo não edificou sobre o fundamento que os doze colocaram;¹⁴ ele *colocou o fundamento* da Igreja, o Corpo de Cristo. A exortação acima, então, visa particularmente os edificadores da Igreja da presente dispensação.

No Ver. 9 ele diz, *«Porque **nós** somos **cooperadores de Deus; vós sois ... edifício de Deus.**».* Por outras palavras, Paulo e os seus

¹⁴ Excepto quando a sua mensagem era uma revelação *adicional* de verdade (Efé. 2.20).

associados como obreiros de Cristo eram os *edificadores*, enquanto que os crentes Coríntios como um corpo eram o *edifício* – parte daquele edifício maior que é chamado a *Igreja*.

Afim de se conseguir o significado pleno desta passagem consideremos uma outra que não se centra em torno de Paulo, mas à volta de Pedro.

PEDRO E A IGREJA MESSIÂNICA

«E, chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe, interrogou os Seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?

«E eles disseram: Uns, João o Baptista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas.

«Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que Eu sou?

«E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

«E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas Meu Pai, que está nos céus.

«Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela;

«E Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus» (Mat. 16.13-19).

Notemos cuidadosamente que foi a *confissão* de Pedro que lhe granjeou o nome “Pedro” (Gr., *Petros*, uma *pedra*), pois seria sobre a Pedra (Gr. *Petra*, Rocha) que a igreja Messiânica seria edificada. É um grande erro não distinguir a diferença entre estas duas palavras Gregas, e fazer de Pedro o fundamento, pois, como vimos em I Cor. 3.11, *«ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo»*.

Deve ser ainda assinalado que Pedro confessou aqui Jesus como «o *Cristo* [Heb., o *Messias*], o *Filho do Deus vivo*».

Durante algum tempo João Baptista, o nosso Senhor e os doze, pregaram a Israel, «*Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus*». Era este o *tema* da mensagem deles.¹⁵ Porém o reino dos céus, a Igreja de que nosso Senhor falou, certamente que será estabelecido *na terra*, pois o Velho Testamento abunda em profecias sobre o governo dos céus sobre a terra, tendo Cristo com Rei. Referindo-se à «*Pedra*» que ferirá o último dos reinos, Daniel diz:

«*Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre*» (Dan. 2.44).

É este «o reino dos céus» que os doze foram enviados a *proclamar* (Mat. 10.7), *praticar* (Mat. 10.8-10), e que deveriam *pedir* em oração, «***Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu***» (Mat. 6.10).

A confissão de Pedro concorda com a de Natanael: «*Rabi, Tu és o Filho de Deus; Tu és o Rei de Israel*» (João 1.49) e com meia dúzia de confissões encontradas nos quatro Evangelhos.

Pedro confessou, «*Tu és o **Cristo, o Filho do Deus vivo***», sobre Quem esta Igreja e reino seriam edificados. Isto é, seriam edificados sobre o reconhecimento de Jesus como o Rei¹⁶ ungido – o *Messias*.

A POSIÇÃO DE PEDRO

Não se deve minimizar, por um momento que seja, a importância da posição de Pedro no edifício *desta* Igreja, pois face à rejeição de Cristo por parte de Israel, Pedro, como líder dos doze futuros juizes de Israel (Mat. 19.28), recebeu as *chaves* do reino; o poder de admitir ou impedir. De facto, em Mat. 16.19 é dito a Pedro, mesmo diante dos outros,

¹⁵ Em Mateus isto é especificamente anotado relativamente a *João Baptista* (3.1,2), *Cristo* (4.17) e *os doze* (10.7).

¹⁶ Na realidade o Seu Profeta, Sacerdote e Rei ungido.

«Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus».

Assim, ele recebeu poderes *oficiais* até Cristo voltar e os doze julgarem e reinarem com Ele.¹⁷

Antes de nosso Senhor deixar este mundo Ele chegou mesmo a dizer aos apóstolos:

«Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos» (João 20.22,23).

Confuso, o Protestantismo tem tido dificuldade em explicar estes versículos aos Católicos Romanos, e nós agora veremos porquê.

Todavia, estes elevados poderes oficiais, incluindo mesmo o perdão de pecados, deve ser visto à luz de Actos 2.4 e 38, pois certamente que o nosso Senhor não colocaria o perdão de pecados nas mãos de crentes falíveis e que erram: *Deus operaria por seu intermédio.*

«E todos foram CHEIOS DO ESPÍRITO SANTO ...».

«E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados ...».

Eles podiam baptizar para perdão de pecados apenas porque tinham sido *cheios do Espírito Santo*, totalmente sob o Seu controlo.

UM OUTRO EDIFÍCIO

Contudo, Israel, como nação, não se arrependeu e a edificação daquela Igreja não pôde ser concluída. Com o Messias, o Fundamento e a Pedra de Esquina, rejeitado, o edifício cedo cairia em ruínas.

Foi quando Israel resistiu ao Espírito Santo, e recusou mesmo reconhecer o Senhor ressuscitado como Cristo, que Deus começou a revelar o mistério do seu propósito e graça secretos. Eles tinham recusado

¹⁷ Lembremo-nos que na altura a presente dispensação ainda era um «mistério», oculto em Deus.

edificar sobre o fundamento que Pedro tinha colocado. Deus agora iria erigir *um outro* edifício.¹⁸

A bênção das nações *por meio de Israel* seria agora suspensa até um futuro dia (Rom. 15.8,9; cf. Rom. 11.15,25,26). Ele rejeitaria Israel como nação (Rom. 11.15) de modo a poder tratar com todo o mundo em graça (Rom. 11.32),

«*E pela cruz reconciliar ambos [crentes Judeus e Gentios] com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades*» (Efé. 2.16).

Este é o «*novo homem*» de Efé. 2.15, o edifício cujo fundamento, sob Deus, foi colocado por Paulo (I Cor. 3.10), a Igreja da presente dispensação, «*que é o Seu Corpo*» (Efé. 1.21,22). Para o leitor ver mais da relação de Paulo com este novo programa deverá estudar cuidadosamente Efé. 3.1-11.

Num certo sentido Deus tem tido sempre a Sua *Igreja*, o Seu povo chamado para fora. No entanto devemos ter cuidado em não confundir a presente Igreja, de que Efésios fala, com a Igreja de que o Senhor falou a Pedro. *Aquela* tratava-se de uma Igreja profetizada. *Esta* era um mistério, um segredo, até ao levantamento de Paulo. Os planos e as especificações para *aquela* igreja encontram-se nas Escrituras do Velho Testamento. Os planos e as especificações para esta Igreja *estiveram ocultos* «*desde tempos eternos*» (Rom. 16.25), «*oculto[s] desde todos os séculos*» (Col. 1.26), «*noutros séculos não ... manifestado[s]*» (Efé. 3.5).

O leitor perguntará, “Pedro e Paulo não edificaram ambos sobre o mesmo fundamento?” Sim, mas *aquela* Igreja foi edificada sobre Jesus Cristo *como Messias de Israel*, enquanto que *esta* Igreja é edificada sobre Ele como o *Cabeça glorificado do Corpo*, rejeitado na terra, mas exaltado à mão direita de Deus.

Esta distinção é vista claramente comparando Act. 2 com II Tim. 2.

Na primeira passagem *Pedro* diz claramente que Deus ressuscitou Cristo dos mortos para *O assentar no trono de David* (Act. 2.29,30 e cf. Vers. 31-38).

Mas na última *Paulo* diz:

¹⁸ Apesar de ainda ser parte da grande superestrutura que Deus tem estado a edificar ao longo dos séculos. Ver a brochura do autor, *O Templo de Deus*.

«Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo.

«Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de David, ressuscitou dentre os mortos, segundo o meu evangelho; »

«Por isso sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a Palavra de Deus não está presa» (II Tim. 2.7-9).

Para compreendermos o que Paulo significa quando nos informa que Cristo, da descendência de David, também ressuscitou dentre os mortos segundo o seu evangelho devemos voltar para Efé. 1 e 2, onde Paulo ora para que os crentes tenham percepção espiritual afim de apreciarem:

«Qual seja a esperança da Sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos;

«E qual a sobre-excelente grandeza do Seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do Seu poder,

«Que manifestou em Cristo, ressuscitando-O dentre os mortos, e pondo-O à Sua direita nos céus.

«Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro» (Efé. 1.18-21).

« Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou,

«Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos),

«E nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus» (Efé. 2.4-6).

O leitor deve estudar toda a passagem que vai de Efé. 1.15 a Efé. 2.11 e ver o maravilhoso poder de Deus na ressurreição de Cristo dentre os mortos e na Sua exaltação «acima» de tudo, e ver como este portentoso poder nos é estendido a «nós, os que cremos» ao Ele

ressuscitar-nos com Cristo dentre os mortos e ao dar-nos uma posição com Ele nos lugares celestiais!

Decerto que Pedro teria pregado esta mensagem gloriosa em Pentecostes, se a conhecesse. Mas ele não tinha conhecimento dela. Em Pentecostes ele acusou os seus ouvintes do homicídio perpetrado no Calvário, e pregou Cristo como Salvador-Rei a quem Deus ressuscitou dentre os mortos para O assentar no trono de David. Ele chamou Israel ao arrependimento e ao baptismo para o perdão dos pecados de modo a que os tempos do refrigério, há muito prometidos, viessem, e para que Deus lhes enviasse de volta a Jesus, que eles tinham rejeitado (Act. 3.19,20).

A mensagem de Pedro foi acompanhada de grandes demonstrações miraculosas, mas quem desejaria o “poder pentecostal” quando entra no conhecimento do «poder da Sua ressurreição»? (Fil 3.10). Não admira Paulo ter dito, «Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de David, ressuscitou dentre os mortos, segundo o meu evangelho».

É esta mensagem que Satanás tanto odeia, e pela qual Paulo sofreu como malfetor. Parecia que com a rejeição de Cristo por parte de Israel toda a esperança se tinha desvanecido. Parecia que não apenas o homem tinha tornado impossível a sua própria salvação, mas que as promessas de Deus tinham falhado. E então, neste quadro, surgiu a revelação do mistério!

Antes de julgar este mundo que rejeita Cristo e de coroar o Seu Ungido como Rei, Ele salvou o próprio líder da rebelião e enviou-o com a gloriosa proclamação da graça, uma oferta de reconciliação a todos os Seus inimigos, pela graça, apenas por meio da fé. O que tinha sido realizado no Calvário; o que a morte e a ressurreição de nosso Senhor tinham conseguido, era agora gloriosamente demonstrado na salvação do principal dos pecadores. Além disso, a salvação de Saulo era um golpe de mestre da estratégia divina, pois privava o inimigo do seu líder feroso e colocava todas as suas energias e toda a sua devoção ao serviço da proclamação da graça a uma humanidade condenada!

É este o clímax da revelação divina. Não admira Satanás odiá-la. Demonstra a extrema pecaminosidade do pecado do homem e o portentoso poder de Deus. De facto, proclama a derrota completa de Satanás, como lemos com referência á cruz em Col. 2.15:

«E, despojando [saqueando, arruinando] os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em Si mesmo».

PAULO, O ARQUITECTO

Paulo não foi presunçoso quando se chamou de «arquitecto» da Igreja desta dispensação. Ele torna claro que esta posição foi-lhe dada «segundo a graça de Deus». De facto ele associa a sua posição única à «superabundante» graça de Deus, e quando a enfatiza apenas exalta a graça de Deus.

Moisés foi o arquitecto do tabernáculo. Deus deu-lhe os planos e as especificações e disse,

«... Olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou» (Heb. 8.5).

E assim como Moisés representava a Lei, Paulo representava a graça, pois a ele, como arquitecto «sábio» ou instruído, o nosso Senhor entregou os planos e as especificações para a Igreja da dispensação da graça. Paulo não recebeu o plano todo de uma assentada, para ser mais exacto, mas este foi-lhe tornado conhecido passo a passo por revelações directas do próprio Senhor.

Não admira ele avisar: **«pus eu ... o fundamento ... mas veja cada um como edifica sobre ele».**

Quão deplorável o facto de muitos, sim, da maioria, dos pregadores e ensinadores da Palavra ignorarem este aviso! Têm usado material Petrino e Mosaico para edificarem sobre o fundamento da graça colocado por Paulo. Falam da “edificação do reino”, e procuram, em vão, levar a cabo a comissão errada – que foi dada aos doze. Têm pegado no baptismo, línguas, curas e sinais do tempo de outra dispensação e têm-nos trazido para «a dispensação da graça de Deus», confundindo e dividindo de tal forma a Igreja, que ninguém sabe no que há-de crer.

Os nossos líderes estarão inconscientes da condição da Igreja, ou têm-se esquecido de que terão de prestar contas a Deus quando a construção for inspeccionada?

Certamente que a culpa pela condição da Igreja não é de Deus. A culpa é dos edificadores. A verdade é que a maior parte deles está tão ocupada em “manter o andamento das coisas” que lhe resta pouco tempo para estudar a Palavra.

Muitas vezes é apresentado o argumento de que “as almas estão a ser salvas”, mas os edificadores da Igreja nunca despertarão para o facto de que as mãos no ar e a vinda das pessoas à frente, não mede o sucesso da sua obra? A sua obra permanecerá? Resistirá ao fogo da Sua inspecção? Estas são as questões que se devem colocar em primeiro lugar (I Cor. 3.13-15).

Quando consideramos os milhares de milhares que têm professado Cristo apenas nas grandes campanhas evangelísticas das últimas décadas, seria certamente de esperar que Filadélfia, Chicago ou a Cidade de Nova Iorque estivessem completamente abaladas pelo evangelho, mas não. Alguns, graças a Deus, estão verdadeiramente convertidos a Cristo, mas grande número desses “convertidos” volta para o mundo, e a maioria dos que fica é tão fraca e ignorante que o mundo se ri dela.

Então, encaremos o facto de que a Igreja tem perdido o poder do Espírito. É muito maior do que nos dias de Paulo, mas também muito mais fraca, espiritualmente.

A solução? Encontra-se na passagem muitas vezes citada, mas muito pouco praticada:

«Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade» (II Tim. 2.15).

O Ponto Crítico

Capítulo VI

PAULO E O BAPTISMO NA ÁGUA

PAULO FOI ENVIADO A BAPTIZAR?

«Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós baptizei, senão a Crispo e a Gaio

«Para que ninguém diga que fostes baptizados em meu nome.

«E baptizei também a família de Estéfanos; além destes, não sei se baptizei algum outro.

«Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã.

«Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus». - I Cor. 1.14-18

PAULO FOI ENVIADO A BAPTIZAR?

Muitos crentes sinceros experimentam graves problemas com esta passagem das Escrituras. Particularmente difícil de aceitar para eles, é o Ver. 17, onde o Apóstolo declara: «Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar ...».

Quereria ele realmente dizer que o baptismo não era parte da sua comissão divina? Ou ele queria dizer que não tinha sido enviado principalmente a baptizar, mas a pregar o evangelho?

A questão do baptismo na água, no passado, gerou mais calor do que luz, resultando isso no obscurecer da questão real e no facto das igrejas sofrerem divisões profundas sobre quem e como se deve ser baptizado, quando deveriam encarar primeiro a questão primária: Devemos, decididamente, praticar o baptismo na água? Estará incluído no programa de Deus para a dispensação da graça?

Vejamos então na Palavra de Deus a resposta a esta questão primária e básica, pois a Bíblia dá-nos luz, luz clara, sobre este assunto.

Primeiro, é claro que João Baptista foi enviado a baptizar, pois em João 1.33 temos as suas palavras:

«...O que me MANDOU A BAPTIZAR com água ...»

Também sabemos que os onze (o número deles foi mais tarde restaurado para doze) foram enviados a baptizar, pois em Mat. 28.19 temos o registo da comissão que o Senhor lhes deu:

«Portanto IDE, fazei discípulos de todas as nações, BAPTIZANDO-OS em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo»

Estas palavras foram proferidas pelo nosso Senhor após a Sua ressurreição. Assim, os doze apóstolos não somente baptizaram quando trabalharam com Cristo na terra (João 4.2); como mais tarde foram enviados, sob a sua “grande comissão”, a ensinar e baptizar depois do Senhor deixar a terra. Eles começaram a levar a cabo esta comissão em Pentecostes, baptizando cerca de três mil dos seus ouvintes naquele único dia.

Mas aqui entra Paulo; convertido a Cristo depois de Pentecostes, longe de Jerusalém, e totalmente aparte dos doze. E onde é que lemos que este outro apóstolo foi alguma vez enviado a baptizar? Em parte alguma.

Assim, temos de concluir que ele pretendia dizer exactamente o que disse em I Cor. 1.17:

«... Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar ...».

Temos, então, evidências, tanto negativas como positivas, de que o Senhor ressuscitado e glorificado não enviou Paulo a baptizar; que o baptismo não fazia parte da sua comissão especial.

A IMPORTÂNCIA DO BAPTISMO NA ÁGUA SOB JOÃO E OS DOZE

Como vimos em I Cor. 1.14-16, Paulo deu graças a Deus por ter batizado muito poucos crentes Coríntios.

Nós conhecemos o argumento de que o Apóstolo tinha batizado pessoalmente muito poucos apenas porque não quis tomar parte nas divisões entre eles, ou para que alguns não dissessem que ele tinha batizado no seu próprio nome, isto é, por sua própria autoridade. Contudo este argumento não é válido, porque essas divisões levantaram-se depois dele ter saído do meio deles. E se for argumentado, em vez disso, que ele se regozijou por ter acontecido ter batizado apenas poucos deles, respondemos que nem João Baptista nem os doze podiam ter dito, com legitimidade, que estavam contentes por terem batizado apenas uns poucos em qualquer momento do seu ministério, pois o batismo na água fazia parte da sua comissão.

Façamos, então, mais um exame adicional às Escrituras, quanto à razão de Paulo, ao contrário de João e dos doze, ter-se alegrado de ter batizado tão poucos crentes Coríntios.

Primeiro, a importância do batismo na água sob João é clara. Ele foi chamado “Baptista”, e Marcos 1.4 declara enfaticamente:

«Apareceu João batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados».

Notemos bem que João pregava o batismo. Foi por isso que Pedro se referiu mais tarde ao «batismo que João pregou» (Act. 10.37), e que Paulo disse à sua audiência da Pisídia, mais tarde ainda, dizendo,

«Tendo primeiramente João, antes da vinda d’Ele [de Cristo], pregado a todo o povo de Israel o batismo do arrependimento» (Act. 13.24).

Alguns pastores e ensinaidores da Bíblia têm dito ao autor, “Eu não prego o batismo; eu prego Cristo”. Bom, ótimo, mas não percamos de vista o facto de que “João baptista”, que apresentou nosso Senhor como o Messias de Israel, pregava o batismo. Ele exigia-o como demonstração

de verdadeiro arrependimento e um requisito divino para **«o perdão de pecados»**.

Alguns que defendem a prática do baptismo na água hoje, reconhecem que sob João Baptista este rito era requerido para a remissão dos pecados, mas pensam que isso foi alterado depois da morte e ressurreição de Cristo; de modo que sob a “grande comissão” temos o “baptismo Cristão”.

Alterado? Em Pentecostes Pedro não estava a trabalhar sob a “grande comissão”, e, como João, Ele não proclamou **«o baptismo do arrependimento, para o perdão dos pecados»?**

Em Pentecostes Pedro não disse aos seus ouvintes que Cristo morrera pelos seus pecados. Ele acusou-os do homicídio de Cristo, e quando, convictos, eles perguntaram, «Que faremos?», ele respondeu:

«Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados ...»

De facto, o registo de Marcos da “grande comissão” declara com clareza: «Quem crer e for baptizado será salvo; mas quem não crer¹⁹ será condenado» (Mar. 16.16). Este mandamento foi dado por Cristo depois da Sua morte e ressurreição.

Esta passagem é suficientemente clara: «Quem crer e for baptizado será salvo». Se um pastor ou ensinador da Bíblia alterar esta declaração clara fazendo com que signifique: “Quem crer e for salvo deve ser baptizado a seguir”, não será razoável suspeitar que altera igualmente outras passagens importantes das Escrituras adaptando-as à sua linha de ensino? Que segurança teremos em confiarmos na Palavra de Deus se cada teólogo pode fazer com que ela diga o que ele pensa que ela deveria dizer?

Neste caso diz, «Quem crer e for baptizado será salvo», e Pedro, trabalhando sob esta comissão, e cheio do Espírito Santo, disse,

¹⁹ O argumento de que aqui o baptismo não é requerido para a salvação porque a passagem não diz, “mas quem não crer e não for baptizado, será condenado”, é demasiado superficial. Se uma pessoa não cresse porque é que haveria de ser baptizada? E se por alguma razão, ela fosse baptizada sem fé, de que valeria esse baptismo?

«Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados».

Pensemos agora cuidadosamente: João Baptista e Pedro teriam obedecido às comissões que Deus lhes deu se eles tivessem baptizado apenas alguns e depois dissessem que estavam agradecidos por isso? Decerto que não, pois com os seus ouvintes o baptismo na água era uma questão de vida ou morte eterna; daí eles terem recebido ordens para pregar e baptizar. Em Lucas 7.29,30 lemos:

«E todo o povo que o ouviu [João] e os publicanos, tendo sido baptizados com o baptismo de João, justificaram a Deus²⁰».

«Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido baptizados por ele».

O rito do baptismo na água foi demasiado importante durante todo o período decorrido desde João Baptista a Pentecostes.

PAULO E O BAPTISMO NA ÁGUA

Mas aqui, Paulo, esse tal outro apóstolo, declara aos crentes Coríntios que agradece a Deus por ter baptizado apenas alguns (I Cor. 1.14-16). Teria ele sido, então, negligente no cumprimento da sua comissão divina? Não, pois ele não tinha sido comissionado a baptizar (Ver. 17). João Baptista e os doze foram fiéis às suas comissões, mas agora Deus tinha levantado um outro apóstolo, para introduzir uma outra dispensação na qual o baptismo na água não teria lugar (Efé 3.1-4).

Alguns podem objectar: “Mas ele baptizou alguns, não foi?” É verdade, mas pare um momento e reflecta: ele também falou línguas, curou enfermos, expulsou demónios, circuncidou Timóteo. Porém tudo isto pertencia à dispensação sob a qual ele emergiu gradualmente quando o Senhor lhe apareceu em revelações sucessivas (Act. 26.16; II Cor. 12.1).

UMA QUESTÃO DE INSPIRAÇÃO

É interessante notar que primeiro o Apóstolo diz, (em I Cor. 1.14,15), «Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós baptizei, senão a Crispo e a Gaio para que ninguém diga que fostes baptizados em meu nome». Notemos bem: Nenhum, senão estes dois.

²⁰ Isto é, ao condená-los como pecadores.

Depois, no Ver. 16 ele acrescenta, «E baptizei também a família de Estéfanos». Ora isto é diferente! Primeiro ele diz dois, e mais nenhum, e depois acrescenta uma família inteira! E isto não é tudo, pois agora, sendo mais cauteloso, continua a dizer «além destes, não sei se baptizei algum outro». (Ver. 16). Vejamos o quadro completo com clareza:

1. Baptizou apenas a Crispo e a Gaio, mais nenhum além destes.
2. Baptizou também a família de Estéfanos.
3. Além destes não se recorda de mais nenhum.

À primeira vista a sua declaração parece estranhamente contrária à inspiração divina, não parece? O Apóstolo não parece estar seguro de si. Ah, mas aqui encontramos a maravilha da Palavra inspirada, pois a Bíblia, a Palavra de Deus escrita, como Cristo, a palavra viva, é totalmente humana e totalmente divina. Paulo escreveu naturalmente, como um ser humano aos seus amigos, não tendo a certeza precisa de quantos deles ele tinha baptizado, mas isto é também Deus a falar e a dizer-nos que o baptismo na água estava, na altura, a perder mesmo a sua importância.

Paulo estava muito grato por ter baptizado muito poucos crentes Coríntios; nem sequer tinha a certeza do número, embora sabendo que tinham sido poucos.

Mas porque é que ele se alegrava por ter baptizado apenas uns poucos, e porque é que nem sequer sabia ao certo o seu número? Encontramos a resposta clara no versículo seguinte. Leiamos-lo com devoção:

«PORQUE CRISTO ENVIU-ME, NÃO PARA BAPTIZAR, MAS PARA EVANGELIZAR ...» (Ver. 17).

E acrescenta:

«Não em sabedoria de palavras²¹, para que a cruz de Cristo se não faça vã. »

²¹ «Os Judeus pedem sinal», diz o apóstolo, «e os Gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos a Cristo crucificado ...» (I Cor. 1.22,23). Ele não queria que quer “sinais”, quer “sabedoria” diminuíssem a cruz de Cristo.

«Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus» (Vers. 17,18).

É por isso que o baptismo na água desapareceu de cena e do programa de Deus. O «evangelho do reino», com a sua chamada ao arrependimento e ao baptismo, foi substituído pela «pregação da cruz», como boas novas. Quando Israel rejeitou o Rei e o Seu reino, e tudo estava pronto para o derramamento da ira de Deus na «grande tribulação», Deus, em amor e misericórdia incomparáveis, interrompeu o programa profético salvando o Seu principal inimigo na terra, Saulo de Tarso, e enviando-o como arauto e demonstração viva do Seu amor ilimitado. Foi assim que foi introduzida a dispensação do «mistério», «a dispensação da graça de Deus» (Efé. 3.2,3).

A PREGAÇÃO DA CRUZ O PODER DE DEUS

O leitor já notou quantos crentes podem citar prontamente I Cor. 1.18, mas quão poucos citam os versículos 17 e 18 conjuntamente? Estes versículos estão unidos, pois do mesmo modo que o conectivo «porque» no Ver. 17 nos remete para os versículos precedentes, do mesmo modo o conectivo «porque» do Ver. 18 remete-nos para o Ver. 17.

«Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, PARA QUE A CRUZ DE CRISTO SE NÃO FAÇA VÃ. »

«PORQUE A PALAVRA DA CRUZ ... É O PODER DE DEUS».

Isto não indica que «o evangelho da graça de Deus» de Paulo se baseia no poderoso acto consumado de Cristo no Calvário? O Apóstolo não queria que alguma coisa – nem um rito religioso, nem a «sabedoria de palavras» - ensombrasse esta mensagem, pois é na proclamação da cruz que reside o poder da salvação. Porquê? Porque a cruz demonstra a justiça de Deus (como igualmente o Seu amor) no justo castigo dos nossos pecados. Isto é-nos trazido de forma encantadora em Rom. 1.16,17, onde ele declara:

«Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê ...

«Porque nele se descobre a justiça de Deus ...»

O amor de Deus também foi revelado no evangelho, e o Apóstolo estava profundamente grato por isso, mas o que o tornava tão orgulhoso («Não me envergonho») do evangelho era o facto da justiça de Deus ser revelada nele. Ele não ia aos perdidos e dizia, «Arrependei-vos, e Deus vos perdoará». Ele dizia efectivamente, “tenho para vocês notícias maravilhosas! Os vossos pecados foram todos perdoados!” São estas as boas novas da graça de Deus para os pecadores.

Não admira Paulo ter escrito aos crentes Gálatas:

«Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo ...» (Gál. 6.14).

Ele podia gloriar-se nos feitos do Calvário. Ele podia gloriar-se – e nós também – no facto de Deus ter tratado justamente os nossos pecados; no facto da salvação se basear no fundamento sólido duma condenação cumprida, de tal forma que no céu ninguém nos poderá dizer, “O quê? Tu aqui? Como é que tu o conseguiste?” Todos sabemos como chegamos lá e regozijar-nos-emos para sempre no bendito Salvador que levou com Ele toda a culpa e respectiva punição que nos era devida afim de podermos ser justificados pela Sua graça.

Muito mais poderia ser aqui dito acerca do poder da cruz, pois Paulo tem mais a dizer acerca do sangue, da morte e da cruz de Cristo, do que qualquer outro escritor da Bíblia, de facto, mais do que todos os demais escritores juntos.

Assim se abriu amplamente a porta e a oferta de graça indiscriminada a todos os homens (I Tim. 2.4-7; Heb. 2.9; I João 2.2).

Que mensagem temos para proclamar a este pobre mundo! Depois da mensagem do reino, com os seus requisitos legais e rituais, ter sido recusada pela raça favorita, Deus salvou o principal dos pecadores e enviou-o, não para requerer arrependimento e baptismo para a remissão dos pecados, mas para proclamar a graça que jorra do Calvário. Não admira ele ter enfatizado isto, «para que a cruz de Cristo se não faça vã», mesmo com «sabedoria de palavras», e declarou: « Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar²² ... porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus (I Cor. 1.17,18).

²² Isto é, com o seu evangelho, «a pregação da cruz», e «o evangelho da graça de Deus».

PAULO, A CIRCUNCISÃO, O BAPTISMO E A CRUZ DE CRISTO

CIRCUNCISÃO

«Eu, porém, irmãos, se prego ainda a circuncisão, por que sou, pois, perseguido? Logo o escândalo da cruz está aniquilado».

«Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo» (Gál. 5.11; 6.14).

BAPTISMO NA ÁGUA

«Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã.

«Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus» (I Cor. 1.17,18).

O apóstolo Paulo declara claramente, especialmente na sua Epístola aos Gálatas, no que concerne à salvação, que não é a circuncisão que importa, mas Cristo, e que face à Sua obra consumada a circuncisão foi abolida. E agora, pasme-se, os nossos teólogos concertistas ensinam que o baptismo na água substituiu a circuncisão! Deus diz, “Não circuncisão, mas Cristo” (Gál. 5.1-3); eles dizem, “Não circuncisão, mas baptismo – e Cristo”.

É difícil de imaginar onde é que tal teoria pode ter tido a sua origem, pois não é apoiada por uma única linha das Escrituras, muito menos encontramos qualquer apoio para a prática que eles têm do baptismo infantil. No entanto isto tem-se tornado crença tradicional de multidões, incluindo muitos crentes bíblicos Fundamentalistas e Evangélicos.

O BAPTISMO E O SEU PESO DE 1900 ANOS

Não é de admirar que Paulo tivesse tido entre mãos uma batalha com a questão da circuncisão.

Durante 1900 anos este rito foi praticado – bíblicamente – pelo povo de Deus, e os costumes há muito estabelecidos não são facilmente removidos.

Contudo, Paulo introduziu uma nova dispensação. Ele tinha proclamado a obra consumada de Cristo e com ela a abolição da circuncisão física. No entanto mesmo os crentes em Cristo insistiam no retrocesso da substância para as sombras, da realidade para os rituais. Até procuravam persuadir os outros dizendo-lhes que a circuncisão era “necessária”, ainda que não fossem claros quanto ao que é que eles pensavam com exactidão sobre para que era necessária, se exceptuarmos o facto de que, numa forma geral, era requerida para a salvação.

Assim, «Alguns ... da Judeia ensinavam» os crentes em Antioquia: **«Se não vos circuncidardes conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos»**, e como resultado «Paulo e Barnabé» tiveram «não pequena discussão e contenda contra eles» (Act. 15.1,2).

Uma vez mais, no concílio de Jerusalém, certos «Fariseus, que tinham crido» levantaram-se para declarar que «era mister circuncidá-los [os Gentios]», e a questão não foi resolvida antes de haver «grande contenda» (Act. 15.5-7).

Os Judaizantes também tinham persuadido alguns crentes Gálatas a sujeitarem-se à circuncisão, mesmo apesar de já terem sido salvos. Como resultado temos a dura carta de repreensão, em que ele lhes salienta quanto está envolvido na adição do rito da circuncisão à obra consumada de Cristo; o que, logicamente, tornaria sem valor a obra de Cristo (Gál. 5.2), e obrigá-los-ia a «a guardar toda a lei» (Gál. 5.3).

Hoje temos entre mãos uma batalha espiritual semelhante no que diz respeito ao rito do baptismo na água. Muitos crentes sinceros agarram-se a este rito, e é difícil de fazê-los ver quanto, logicamente, isto afecta a verdade da obra consumada de Cristo. Podemos mostrar-lhes como o baptismo na água, quando em vigor, era requerido para a salvação (Mar. 1.4; 16.16; Act. 2.38) e que o seu acrescento agora só pode trazer reflexos sobre a obra consumada de Cristo e envolver-nos logicamente no legalismo na mesma medida em que o fazia a circuncisão. Mas, como aconteceu nos dias de Paulo com a circuncisão, é muitas vezes difícil de fazer-lhes ver isto. Isto deve-se em grande medida ao facto do baptismo na água hoje, como a circuncisão nos dias de Paulo, ter um peso de 1900 anos que é difícil de vencer.

Todavia, não queremos dizer que o baptismo na água tenha estado bíblicamente em vigor durante 1900 anos, pois estamos convencidos de que Paulo, sabendo bastante bem que o baptismo na água estava associado ao Messiado de nosso Senhor (João 1.31) esperava que passasse cedo de cena. É claro que Paulo não foi enviado a baptizar (I Cor. 1.17); de facto ele insiste que hoje há «um só baptismo» (Efé. 4.5), pelo qual somos baptizados em Cristo (Rom. 6.3) e no Seu Corpo (I Cor. 12.13).

No entanto durante o seu próprio tempo em que viveu tinha já havido um retrocesso, em grande escala, de crentes ao legalismo e ritualismo que culminou nos séculos de trevas, e dos quais a Igreja nunca mais recuperou completamente.

ÚLTIMA QUESTÃO

Uma última questão deve ser colocada:

Se o baptismo na água fosse um mandamento bíblico para a presente “dispensação da graça de Deus”, onde é que o leitor esperaria encontrá-lo na Bíblia? No Velho Testamento? Nos quatro “Evangelhos” ou nos Actos? Nas epístolas Judaico-Cristãs ou no livro de Apocalipse? A sua resposta será indubitavelmente negativa, pois se estivéssemos obrigados a essa prática hoje, encontraríamos o mandamento para ela nas Epístolas de Paulo.

Bem, será que, então, podemos encontrar alguma passagem nas epístolas de Paulo onde ele nos mande ou mesmo exorte a ser baptizados na água?

Com esta questão damos por encerrado este capítulo, lembrando apenas aos nossos leitores que é impossível adicionar à obra consumada de Cristo, sem subtrair à Sua glória.

“Em Nada Inferior aos
Mais Excelentes Apóstolos”

Capítulo VII

O APOSTOLADO ÚNICO DE PAULO CONFIRMADO

Entre todas as razões porque alguns rejeitam, questionam ou minimizam o apostolado de Paulo, há duas que se destacam sobremaneira:

1. Nosso Senhor teve doze apóstolos, e com a deserção de Judas foi escolhido um outro para restaurar novamente o número para doze. Porque é que havia de haver ainda um outro? E porque é que se havia de fazer tanto dele?

2. Satanás odeia a graça, e odiava especialmente o seu principal representante, o Apóstolo Paulo. Imaginemos o embaraço de Satanás quando, apenas uns dias após o seu “sucesso” em conseguir a crucificação de Cristo (Luc. 22.3-6), mais de “500 irmãos foram por toda a parte proclamando sobre os telhados: “Ele está vivo! Ele está vivo! Temo-Lo visto”!

Mas se isto foi embaraçoso para Satanás, imaginemos o seu desânimo quando descobriu que a morte de Cristo foi o meio divinamente designado para saldar o pecado, sendo a base para Deus agora oferecer a todos os homens: «redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça»!

É claro que Deus «apanha os sábios na sua própria estultícia», e Satanás, caído assim no ridículo, tem desde então feito tudo ao seu alcance para se opor e perverter «o evangelho da graça de Deus» e desacreditar o seu principal representante. Foi por isso que se tornou necessário Paulo defender o seu apostolado.

A AUTENTICIDADE DO APOSTOLADO DE PAULO

Nos versículos de abertura da maior parte das epístolas de Paulo ele declara que é um apóstolo de Jesus Cristo por chamada, ou «pela vontade de Deus».

Mais, em I Tim. 2.7 e II Tim. 1.11, referindo-se à sua mensagem especial, ele declara que foi «constituído ... apóstolo».

Ao defender o seu apostolado algumas vezes ele usa – necessariamente - uma linguagem ousada e forte. Citamos disso alguns exemplos:

Rom. 11.13: «Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos Gentios, exalto o meu ministério».

I Cor. 9.1,2: «Não sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo Senhor nosso? Não sois vós a minha obra no Senhor?

«Se eu não sou apóstolo para os outros, ao menos o sou para vós; porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor».

Quando consideramos a localização geográfica de Corinto, com dois portos de mar, um de cada lado, dominada por uma vida imoral e libertina; quando consideramos a sua cultura ímpia e a vileza da sua religião, é de facto admirável saber que ali foi estabelecida uma igreja Cristã, e não surpreende que Paulo chame a esta igreja o selo do seu apostolado.

II Cor. 11.5: «Porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos».

II Cor. 12.11,12: « Fui néscio em gloriar-me; vós me constrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós, visto que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos, ainda que nada sou.»

«Os sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas».

Os que se impressionam com os sinais e maravilhas da primeira parte dos Actos, especialmente de Pentecostes, e minimizam assim o ministério de Paulo, deveriam notar que os milagres realizados por Pedro foram todos duplicados – e mesmo suplantados - por Paulo. Os milagres dele provaram ser, repetidas vezes, superiores aos de Pedro. E quando vamos para Gálatas 2, vemo-lo a chamar aos líderes em Jerusalém «aqueles que pareciam ser alguma coisa». E a seguir nomeia-os: «Tiago, Cefas [Pedro] e João», nesta ordem. Não há dúvida que ele os denomina de «aqueles

que pareciam ser alguma coisa», porque Tiago, que nem sequer era um dos doze,²³ tinha usurpado a posição atribuída por Deus a Pedro (Act. 15.13-19) tendo este consentido nisso. De facto, pouco depois do grande concílio de Jerusalém, quando «alguns ... da parte de Tiago» intimidaram Pedro a separar-se dos crentes Gentios, «lhe resisti na cara», diz Paulo, «porque era repreensível» e «quando vi que não andavam bem e diretamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos ...» (Gál. 2.11-14).

Pedro foi assim brindado, como se costuma dizer, porque estava em Jerusalém quando «falsos irmãos ... se intrometeram, e secretamente entraram a espiar a nossa [dos Gentios] liberdade, que temos em Cristo Jesus, para nos porem em servidão», a respeito de quem Paulo escreve:

«Aos quais nem ainda por uma hora cedemos com sujeição, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós [Gentios]» (Gál. 2.3-5).

E nessa altura Pedro tinha apoiado Paulo nisso (Act. 15.7-11).

Assim o apostolado de Paulo, para nós, está fortemente estabelecido nas Escrituras – e não apenas pelos argumentos atrás expostos.

O APOSTOLADO DE PAULO EXPLICADO

Paulo explica as circunstâncias envolventes do seu apostolado em Gálatas 1 e 2. Uma vez mais deixá-lo-emos falar por si, como temos feito repetidas vezes neste volume.

Gál. 1.1: «Paulo, apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que O ressuscitou dentre os mortos)».

Isto é importante porque indica que o seu apostolado não teve a sua origem nos homens – nem o de Matias, que substituiu Judas – mas mais do que isso, Paulo não foi designado apóstolo por instrumentalidade humana («nem por homem algum»). Isto já não podia ser dito da designação de Matias, pois Deus tinha usado homens para o constituir apóstolo (Act. 1.15-26).

²³ O Tiago de «Pedro, Tiago e João» tinha sido assassinado em Act. 12.1,2.

E agora, por assim dizer, ele apresenta o certificado do seu apostolado:

Gál. 1.11,12: «Mas FAÇO-VOS SABER [CERTIFICO-VOS], IRMÃOS, QUE O EVANGELHO QUE POR MIM FOI ANUNCIADO NÃO É SEGUNDO OS HOMENS. »

«Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas PELA REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO».

Certamente que isto deveria responder totalmente aos argumentos dos que defendem que os doze e Paulo proclamaram todos a mesma mensagem.

De facto, ele sublinha bem este facto nos Vers. 15-17:

«Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça,

«Revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei a carne nem o sangue,²⁴

«Nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco».

Depois, no Capítulo 2, vemo-lo ir a Jerusalém «por uma revelação».²⁵ E ele diz ali, « e lhes expus o evangelho, que prego entre os Gentios, e particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão» (Ver.2).

Ora, porque é que ele havia de usar a frase, «o evangelho que prego entre os Gentios», e ter de expor este evangelho «particularmente aos que estavam em estima», se ele pregava o mesmo evangelho que eles?

Além disso ele declara com clareza nos Vers. 6,7:

« [eles] nada me comunicaram; antes, pelo contrário ...». Como eles, ele compreendia claramente o programa profético; talvez melhor do que eles, assim não lhe podiam ensinar nada a ele, «antes, pelo

²⁴ Isto é, seres humanos.

²⁵ Isto é, Deus enviou-o a Jerusalém.

contrário», ele é que podia ensinar-lhes algo a eles: «o evangelho que prego entre os Gentios».

E os resultados foram gloriosos: Exactamente Tiago, juntamente com Pedro e João, foram vencidos de tal modo pelo Espírito, que deram a Paulo e Barnabé «as destros em comunhão», concordando publicamente que Paulo era agora a escolha de Deus para ir aos Gentios enquanto eles continuariam com o seu ministério entre os Judeus (Vers. 7-9).

A JACTÂNCIA DA GRAÇA

Ao defender o seu apostolado, Paulo glorifica, não a sua pessoa, mas a graça de Deus.

Apesar dele exaltar – e bem – o seu apostolado, isso não significava glorificar a sua pessoa, mas a graça de Deus, pois Deus revelou as riquezas da Sua graça, não meramente por meio de uma mensagem, mas por meio do indivíduo designado para proclamar essa mensagem: o principal dos pecadores, salvo pela graça. Se o apostolado de Paulo (o vaso divinamente escolhido para demonstrar essa graça) fosse contestado, certamente que também o seria a mensagem que ele proclamava. Assim, apesar de defender o seu apostolado ele confessa francamente que, em si mesmo, ele não é nada.

Em I Cor. 15.9 ele reconhece com franqueza:

«Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus».

E acrescenta:

«Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a Sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo» (Ver. 10).

Na verdade, em Efé. 3.8 ele vai mesmo mais longe:

«A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo».

Assim ele escreve aos Coríntios em II Cor. 12.11:

«... em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos, ainda que nada sou».

Em I Tim. 1.12-16, ele decifra, por assim dizer, tudo isto:

«E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério;

«A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.

«E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo.

«Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a Sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer n'Ele para a vida eterna».

Como tudo isto se harmoniza com os seus clamores básicos quanto ao seu apostolado:

Rom. 1.5: «Pelo Qual recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as gentes pelo Seu nome».

Efé. 3.6,7: «A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho;

«Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do Seu poder».

*As Boas Novas Da Graça
Refulgindo em Todo o Mundo*

Capítulo VIII

O ALCANCE DO APOSTOLADO DE PAULO

BOAS NOVAS PARA TODAS AS NAÇÕES

«Portanto ide, fazei discípulos de **TODAS AS NAÇÕES ...**» (Mat. 28.19; cf. Luc. 24.47).

«E disse-lhes: Ide por **TUDO O MUNDO**, pregai o evangelho a **TODA CRIATURA** [Lit., a toda a criação]» (Mar. 16.15).

«**E este evangelho do reino** será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e **ENTÃO VIRÁ O FIM**» (Mat. 24.14).

«Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar **segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério** que desde tempos eternos esteve oculto,

«Mas que se manifestou agora, e **SE NOTIFICOU (OU, TORNOU CONHECIDO)** pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, **A TODAS AS NAÇÕES** para obediência da fé» (Rom. 16.25,26).

«... evangelho, que já chegou a vós, como também **ESTÁ EM TODO O MUNDO**; e já vai frutificando, como também entre vós, ...» (Col. 1.6)

«... evangelho que tendes ouvido, **O QUAL FOI PREGADO A TODA CRIATURA QUE HÁ DEBAIXO DO CÉU** [Lit., a toda a criação debaixo do céu], e do qual eu, Paulo, estou feito ministro» (Col. 1.23).

Os textos bíblicos acima merecem um exame muito minucioso especialmente porque se relacionam *uns com os outros*. O leitor notará

que os dividimos em *três parcelas*; a primeira tendo a ver com o ministério dos doze apóstolos, a terceira com o ministério do Apóstolo Paulo, e a intermédia declarando que quando todas as nações tiverem sido alcançadas com «*o evangelho do reino*», virá o «*fim*». Uma consideração séria destas passagens levanta duas questões básicas, cujas respostas enfatizará ainda mais o carácter distinto do apostolado e mensagem de Paulo. São as seguintes: (1) O ministério de Paulo foi uma perpetuação do dos doze? E (2) Paulo alcançou de facto todo o mundo com a mensagem da graça?

O MINISTÉRIO DE PAULO FOI UMA PERPETUAÇÃO DO DOS DOZE?

Se foi, porque é que o *fim* não veio? Pois Mat. 24.14 diz claramente que quando «*este evangelho do reino*» alcançar «*todas as nações*» «**então** virá o *fim*».

Ora nós sabemos que os doze *nem*, mesmo por meio de emissários, alcançaram «*todas as nações*» com o seu evangelho. De facto, com Paulo reconhecido agora como o apóstolo das nações, no grande concílio de Jerusalém, eles libertaram-se da sua comissão original, (Ver Gál. 2.2-9). Portanto, se Paulo perpetuava o ministério deles, «*o fim*» deveria ter vindo.

Qual era «*o fim*» referido em Mat. 24.14? Um relance ao contexto revelará que, ali, o Senhor referia-se ao fim da Grande Tribulação, e consequentemente ao estabelecimento terreno do reino do Messias.

Ah, mas o ministério de Paulo não era uma perpetuação do dos Doze. O evangelho dele não era «*o evangelho do reino*», mas «*a pregação da cruz*», não a proclamação das promessas proféticas, mas a proclamação de «*o mistério ... oculto desde a fundação do mundo, mas agora revelado*» por meio dele.

O programa profetizado, com o seu *evangelho do reino*, foi, como vimos, interrompido pela «*dispensação da graça de Deus*». Quando esta dispensação terminar, Deus retomará, então, os Seus tratos com Israel e «*este evangelho do reino*» será novamente proclamado, atingindo o ponto mais alto no «*fim*» da Grande Tribulação e no retorno de Cristo para reinar na terra.

Por conseguinte, o ministério de Paulo *não* era uma perpetuação do ministério dos Doze, mas, pelo contrário, distinto e separado do deles; o que nos conduz à nossa segunda questão:

PAULO ALCANÇOU TODO O MUNDO COM A MENSAGEM DA GRAÇA?

Um exame da terceira parcela das Escrituras atrás citada, indica que sim. Rom. 16.25,26 declara que apesar de «*oculto desde a fundação do mundo*», foi depois tornado conhecido «*a todas as nações para a obediência da fé*». Col. 1.6 declara aos Colossenses que o evangelho «*chegou a vós, como também está em todo o mundo*», e o Ver. 23 declara que foi «*pregado a toda criatura que há debaixo do céu*».

O leitor objecta dizendo que «*o evangelho da graça de Deus*» *não podia*, de facto, ter alcançado «*todo o mundo*» ou «*toda a criatura*»? Nós respondemos que não negamos que o que é referido como «*todo o mundo*» significa, sem dúvida, todo o mundo conhecido, e «*toda a criatura*» significa semelhantemente toda a criação, como eles a conheciam. Mas os termos «*todas as nações*», «*todo o mundo*» e «*toda a criatura*», na chamada “grande comissão” são exactamente os mesmos, mesmo no Grego, que os três termos usados em relação ao ministério de Paulo (Cf. Parcela #1, com Parcela #2). Portanto, o que eles significam na “grande comissão” têm de forçosamente querer dizer o mesmo quando usados em relação ao ministério de Paulo.

Enquanto que os doze nunca foram para além da sua própria nação no cumprimento da sua comissão, está escrito acerca de Paulo que durante a sua estadia em Éfeso «*durou isto por espaço de dois anos; de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia [Ásia Menor] ouviram a Palavra do Senhor Jesus, assim Judeus como Gregos*» (Act. 19.10). Aos Romanos ele escreve: «*desde Jerusalém, e arredores, até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo*» (Rom. 15.19), e menciona planos para ir à Espanha (15.24), planos que podem bem ter sido cumpridos entre os seus dois aprisionamentos. Até dos seus cooperadores foi dito, «*Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui*» (Act. 17.6). E aos Romanos, que vieram ao conhecimento do «*evangelho da graça de Deus*» por meio do seu ministério,²⁶ ele escreve: «*em todo o mundo é anunciada a vossa fé*» (Rom. 1.8).

²⁶ Ver o comentário do autor sobre *Romanos* Pp. XV a XIX.

A ADMIRÁVEL ENERGIA
COM QUE PAULO PREGAVA A GRAÇA

Nós começamos a compreender algo do desígnio do ministério de Paulo quando, por exemplo, lemos no registo divino como em Antioquia, da Pisídia, «*quase toda a cidade*» ajuntou-se para ouvir a Palavra de Deus, apesar dos Judeus descrentes *terem levantado «perseguição contra Paulo e Barnabé, e os» terem lançado «fora dos seus termos*» (Act. 13.49,50). Depois, como em Icónio, onde ele pregou a seguir o evangelho, «*dividiu-se a multidão da cidade*», e como, correndo o perigo de apedrejamento, os apóstolos «*fugiram para Listra e Derbe ... E ali pregavam o evangelho*» (Act. 14.5-7). Em Listra ele foi mesmo apedrejado e arrastado para fora da cidade, e abandonado como se estivesse morto (Act. 14.19).

E a seguir, depois de pregar o evangelho em Derbe, e de ensinar a muitos, regressaram às cidades onde tinham arriscado as suas vidas e tinham sofrido muita perseguição,

«*Confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus*» (Act. 14.22).

E nós podíamos continuar, considerando a sua batalha pela libertação Gentílica da Lei em Jerusalém, a ignorância que ele encontrou em Atenas, a terrível oposição e perseguição em Corinto, o grande tumulto em Éfeso, onde, diz ele, «*fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperámos*» (II Cor. 1.8). Poderíamos examinar os detalhes das suas aflições, perseguições e perigos em Cesareia e durante toda a viagem para Roma onde, por fim, foi decapitado pelo iníquo Nero. E nem sequer mencionámos a longa lista dos seus sofrimentos e perseguições que vemos em II Cor. 11.23-29. É admirável que por essa altura, cerca do ano 60 A.D., ele já pudesse ter sofrido tanto. Contudo tudo isto revela a admirável energia que, pela graça de Deus, ele colocou na propagação do «*evangelho da graça de Deus*».

DIVINAMENTE EMPOSSADO

Mas como é que mesmo reconhecendo os esforços organizados de Paulo para fazer chegar o evangelho «*às regiões além*», um só homem pudesse ter conseguido tanto? Qual era o segredo da energia que o

levava de um nascer do sol a outro; que o impelia continuamente com a proclamação do «*evangelho da graça de Deus*», mesmo apesar de muita falta de descanso necessário? Como é que ele conseguia suportar açoites e aprisionamentos, apedrejamentos e naufrágios, longas jornadas recheadas de perigos de toda a espécie? Como é que ele conseguia continuar a aguentar com cansaço, dor, vigílias, fome, sede, frio, nudez? E tudo isto adicionado ao «*cuidado de todas as igrejas*» que ele já tinha sofrido na altura que escreveu a sua segunda epístola aos Coríntios (Ver II Cor. 11.23-28). De facto, na sua primeira epístola que lhes foi dirigida ele escreve:

«Até esta presente hora sofremos fome, e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa» (I Cor. 4.11).

Como é que o apóstolo aguentava tudo isto? A resposta a esta questão também nos é dada nos seus próprios escritos inspirados. Como a passagem seguinte indica, ele foi *divinamente capacitado*:

«Porque não ousarei dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para fazer obedientes os gentios, por palavra e por obras» (Rom. 15.18).

«Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a Sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo» (I Cor. 15.10).

«(Porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios)» (Gál. 2.8).

«E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente» (Col. 1.29).

«Ninguém me assistiu na minha primeira defesa, antes todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado.

«Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que por mim fosse cumprida a pregação, e todos os Gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão» (II Tim. 4.16,17).

Só assim é que o apóstolo podia escrever que

«a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens» (Tito 2.11).²⁷

Ah, como esta luz tem, desde então, sido obscurecida! Como os homens têm considerado com leviandade a infinita graça de Deus! E isto começou ainda durante o tempo em que o apóstolo estava vivo. Aos inconstantes Gálatas ele teve de escrever:

«*Maravilho-me de que tão depressa passásseis d'Aquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho*» (Gál. 1.6).

E a Timóteo, pastor em Éfeso (a partir de onde foi evangelizada toda a Ásia), ele teve de escrever:

«*Bem sabes isto, que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim ...*» (II Tim. 1.15).

Eles não se tinham desviado de Deus, mas de Paulo e da poderosa e clara mensagem de graça que ele representava. É evidente de tudo o que o apóstolo tinha a dizer sobre a proximidade da apostasia – e do que *Timóteo* devia fazer com ela – que a revolta contra a mensagem que Deus lhe deu já tinha começado.

²⁷ Este assunto é abordado com mais profundidade no livro do autor, *Nenhuma Doutrina Diferente*, Cap. XII.

*A Revolta Contra Paulo**Capítulo IX***REBELIÃO CONTRA A AUTORIDADE PAULINA****PAULO E OS PAIS DA IGREJA**

Ireneu é um dos primeiros “Pais da Igreja” cujos escritos ainda temos em nossa posse. Ele viveu no segundo século depois de Cristo e conheceu Policarpo, o famoso mártir e discípulo do Apóstolo João.

Ireneu é talvez melhor conhecido pelos seus escritos contra as heresias dos seus dias, ainda que ele próprio não estivesse isento de heresia e algumas vezes tivesse procurado refutar o que não era heresia mas a verdade.

Uma heresia séria que ele defendeu, e de que a Igreja de Roma se tem apropriado para apoio aos seus clamores, é a de que a Igreja é o tribunal final de apelo no que diz respeito à verdade e que a salvação só pode ser obtida dela.²⁸ Referindo-se aos testemunhos de outros pais da Igreja, ele disse a este respeito:

“Por conseguinte, uma vez que temos tais provas, não é necessário procurar a verdade entre outros quando esta é tão fácil de ser obtida da Igreja, uma vez que os apóstolos, como o rico [ao depositar o seu dinheiro] num banco, colocou abundantemente nas mãos dela todas as coisas pertencentes à verdade, de modo a qualquer homem que queira poder extrair dela a água da vida”.

“Suponhamos que se levanta uma disputa relativa a uma questão importante entre nós, não deveríamos ter recurso às igrejas mais antigas com as quais os apóstolos tiveram constantes relações, e aprender delas o que é certo e claro com respeito à questão latente? (*Pais Pré-Niceia*, Roberts and Donaldson, Vol. I, Pp. 416,417).

Certamente que para os Católicos Romanos o argumento de Ireneu parece sã, mas o facto é que as “igrejas mais antigas com as quais os

²⁸ Apesar de, como Roma, ter aqui incorrido em contradição, ao apelar também para as Escrituras afim de confirmar o seu argumento de que a salvação deve ser encontrada apenas na Igreja!

apóstolos tiveram constantes relações” caíram elas próprias em heresias, e isso nos próprios dias dos mesmos apóstolos, anos antes de Ireneu ter nascido! Em quantos casos os apóstolos trataram de heresias que *já então ganhavam terreno na Igreja!* No entanto Ireneu procurava autoridade doutrinal para a Igreja nos seus dias, quando um número bem maior de heresias se tinha levantado. E, *agora*, no século vinte, depois de toda a espécie de heresias se ter levantado pervertendo a verdade – que certamente não é menor em Roma que noutros ramos da Igreja professa -, Roma quer ver-nos submetidos à “autoridade” da (própria!) Igreja.

É verdade que a doutrina da Igreja foi posta nas mãos de homens que eram supostos ser fieis, porém *nenhum* homem alguma vez foi completamente fiel. Ireneu dificilmente conseguiu ver isto e procurou uma salvaguarda numa heresia ainda maior, pois declarou ser seu propósito responder às heresias dos seus dias salientando a “tradição da muito grande, muito antiga, e universalmente conhecida Igreja, derivada dos apóstolos e fundada e organizada em Roma pelos dois apóstolos mais gloriosos, Pedro e Paulo; e também [salientando] a fé pregada aos homens, que desceu até ao nosso tempo por meio da sucessão dos bispos. Portanto é uma questão de necessidade que toda a igreja concorde com esta Igreja, por causa da sua autoridade preeminente ...” (Ibid. P.415).

Assim, temos de obter a verdade da “Igreja”, mas “é uma questão de necessidade” que toda a igreja na Igreja concorde com *uma só Igreja – a de Roma*, uma vez que a verdade foi-nos preservada “por meio da sucessão dos bispos” dessa Igreja!

Como um só erro conduz a outro! Parece que para se manter uma falsa doutrina é invariavelmente necessário defender as suas falhas avançando-se com outra falsa doutrina!

À luz do atrás exposto não admira encontrar Ireneu lutar contra a verdade Paulina. Quaisquer que tivessem sido as heresias que os Marcionitas²⁹ dos seus dias tenham defendido, Ireneu procurou responder-lhes provando que a mensagem e ministério de Paulo *não* eram diferentes da mensagem e ministério dos doze, e não há dúvida que interpreta mal os Marcionitas quando se refere a eles como “aqueles que alegam que

²⁹ A *Enciclopédia Britânica* do autor refere-se a Marcion como o primeiro teólogo do segundo século que realmente tentou compreender a mensagem de Paulo.

apenas Paulo conhecia a verdade e que a ele foi manifestado o mistério por revelação” (Ibid. P.436).

Patéticas como a primeira destas duas acusações ainda são apresentadas por aqueles que desesperam na procura de respostas para os clamores inspirados do Apóstolo Paulo, todavia o facto permanece que Paulo, pelo Espírito, declara distintamente que “o mistério foi-lhe revelado a ele por revelação”: assim, neste caso, Ireneu não apenas se opôs a Paulo, *mas à Palavra de Deus*, na qual o Apóstolo afirma:

«Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os Gentios;

«Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

«Como me foi este mistério manifestado pela revelação, como antes um pouco vos escrevi» (Efé. 3.1-3).

Esta passagem da Palavra de Deus – e muitas outras –, manuscrita pelo próprio Paulo cerca do ano 64 A.D., é suficiente para silenciar completamente os argumentos tanto dos pais da Igreja, que viveram depois dele, como daqueles que hoje dizem ter reverência para com a Palavra mas neste caso não crêem nela.

Ireneu procurou responder aos argumentos da mensagem e ministério distintos de Paulo utilizando o mesmo processo que muitos seguem nos nossos dias.

1. Derrubando a sua própria patetice e provando o que ninguém nega: isto é, que outros, além de Paulo, conheciam a verdade!

2. Salientando o que todos admitem do mesmo modo: que Paulo e os doze pregaram muita coisa em comum.

3. Salientando que Lucas, o companheiro inseparável de Paulo, não mencionou, quer no seu Evangelho quer nos Actos, o mistério que Paulo é suposto ter recebido por revelação. “Certamente”, diz ele, “se Lucas, que pregou sempre na companhia de Paulo ... não aprendeu dele nada diferente ... como é que estes homens [os Marcionitas] que nunca

andaram com Paulo, se orgulham de ter aprendido [dele] mistérios ocultos e inefáveis?” (Ibid. P.438).

Mas para se saber se um mistério especial foi revelado a Paulo, é lógico que se inquiria *Paulo*, e não Lucas, especialmente porque ele escreveu sobre o assunto por revelação divina. É claro que os escritos de *Paulo* testemunham abundantemente o facto de uma gloriosa verdade chamada de «*o mistério*» ter-lhe sido revelada depois deste ter estado «*oculto desde todos os séculos e em todas as gerações*» (Ver Rom. 16.26; Efé. 1.9; 3.1-11; 6.18-20; Col. 1.25-27; 4.3; etc.).

No caso dos escritos de Lucas temos uma narração exemplar de selecção divina na inspiração. Lucas não mencionou o mistério nos seus escritos porque ele, à semelhança de Paulo, escreveu por inspiração divina, e foi propósito declarado de Deus distinguir *Paulo* como aquele a quem o mistério seria revelado e por meio de quem seria proclamado.

Ademais, nunca deve ser esquecido que o Livro dos Actos *não* é, como geralmente se supõe, a história do nascimento da Igreja desta dispensação, mas antes a história da queda da nação de Israel, justificando completamente Deus por a pôr de parte (temporariamente) e por suspender provisoriamente o estabelecimento do reino, enquanto enviava Paulo a proclamar «*o evangelho da graça de Deus*» a Judeus e Gentios indistintamente.

Mais ainda, Lucas, no Livro dos Actos, regista como Pedro e os doze dominaram a primeira metade dos Actos, e foram suplantados por Paulo na última metade. Deus revela assim o Seu propósito de constituir Paulo o Apóstolo da presente dispensação.

A moral de tudo isto? Não ajamos em função dos “pais” ou da “Igreja”; *ajamos em função do Livro!* Os melhores dos homens são apenas homens no seu melhor. Todos nós falhamos, quer individualmente quer colectivamente, e sabendo isto, os verdadeiros Bereanos *investigam* as Escrituras *diariamente* para as confrontar com os ensinamentos mesmo dos maiores homens de Deus.

Os pais da Igreja e a Igreja como um todo não têm feito melhor do que Israel no passado no que concerne à Palavra e à vontade de Deus. Aqui, há aproximadamente 1800 anos, temos Ireneu a introduzir heresias na Igreja, não obstante dizer aos homens para irem à *Igreja* buscar a

verdade e a salvação! Ele incitou os homens a dirigirem-se “às igrejas mais antigas com as quais os apóstolos tiveram constantes relações”, e no entanto declarava que essas igrejas estavam erradas sempre que discordassem “com esta Igreja” - Roma! Ele instigava os homens a confiarem na “sucessão dos bispos” de Roma, no entanto ao chegar a Roma ele próprio foi humilhado ao encontrar Eleutherus, o então Bispo de Roma, a apadrinhar a heresia Montanista!” (Ibid. P.309).

Nas Escrituras *não há absolutamente nada* sobre a sucessão apostólica ou sobre a “autoridade” da Igreja desta dispensação, a não ser o que Paulo diz aos anciãos Efésios:

«Porque eu sei isto que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão ao rebanho;

«E que de entre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si» (Act. 20.29,30).

Paulo não recomendou estes Efésios a Timóteo, seu “sucessor” em Éfeso. Pelo contrário ele disse:

*«Agora, pois, irmãos, **ENCOMENDO-VOS A DEUS E À PALAVRA DA SUA GRAÇA**; a Ele que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados» Ver. 32).*

Volvamo-nos, então, apenas para o Livro, e para ele *bem manejado*, reconhecendo que enquanto toda a Palavra de Deus é para nosso proveito, os escritos de Paulo, «o apóstolo dos Gentios» são particularmente dirigidos a nós, dando-nos a mensagem de Deus para o mundo de hoje, bem como o Seu programa para a Igreja hodierna.

Mas não foram apenas os teólogos dos séculos passados que se rebelaram contra a autoridade dada por Deus a Paulo. Satanás também se opôs á mensagem de Paulo ao longo dos séculos, desde que ele sofreu e morreu como embaixador da graça. De facto, a oposição a Paulo, quer subtil , quer aberta, é um fenómeno pronunciado dos nossos dias.

Neutralizando o Apostolado de Paulo

Capítulo X

O DR. X, OS 12 APÓSTOLOS, E PAULO

OS “ERROS” DE PEDRO E DE PAULO

No princípio dos anos 60 um dos principais comentadores da Bíblia opôs-se vigorosamente à verdade do apostolado distinto de Paulo numa série de mensagens radiodifundidas e opúsculos impressos. Contudo, os argumentos dele sobre o assunto contradiziam tantas passagens das Escrituras que elas despertaram grande discussão e controvérsia.

As mensagens do bom Doutor sobre “*Os Erros de Pedro e de Paulo*” trouxeram à mente deste escritor algo que H. L. Hastings, esse grande defensor da fé, disse há mais de um século. Hastings disse: “Terás de pagar meio dólar de ingresso para ouvires a palestra de Bob Ingersoll sobre os erros de Moisés. Seriam bem empregues quinhentos dólares para ouvires a palestra de Moisés sobre os erros de Bob Ingersoll!”

Não queremos colocar o Doutor na mesma categoria de Bob Ingersoll. De modo algum, visto este ensinador da Palavra ter sido um Fundamentalista militante, só que estava confuso – também militantemente – quanto às posições divinamente designadas dos doze e de Paulo. Propomo-nos provar isto *pelas Escrituras*, pois apesar do Doutor estar agora com Cristo, os escritos dele ainda estão connosco, e nós responderemos a estes exactamente como o fizemos em 1964, usando agora o pretérito em vez do presente. Para também manter o elemento pessoal na penumbra referir-nos-emos a ele simplesmente como “o Dr. X”.

Uma vez que o Dr. X apresentou a maior parte ou mesmo a totalidade dos argumentos usados pelos que negam que o apostolado e a mensagem de Paulo sejam separados e distintos do apostolado e mensagem dos doze, este procedimento habilitar-nos-á a apresentar uma resposta mais completa.

O Dr. X cria que aos olhos de Deus Paulo era um dos doze apóstolos e que ele laborou sob a mesma comissão que eles. Na sua determinação em manter esta posição ele desacreditou imenso *tanto* Pedro como Paulo, acusando-os de falhas graves, quando de facto a falha era dele.

O DR. X E O APÓSTOLO PAULO

Na altura referida o Dr. X publicou uma das suas mensagens radiodifundidas num opúsculo intitulado, *Os Disparates de Paulo*, acusando Paulo de “um terrível erro”, que conduziu as suas jornadas “missionárias” a “um fim prematuro” (Pp. 1,2). Acusando o apóstolo de rebelião *voluntária* contra Deus por ter feito a sua última jornada para Jerusalém, o Dr. X escreveu: “Paulo pagou caro pela sua desobediência” (P.5). Mas a sua acusação, provavelmente, mais estouvada contra Paulo encontra-se no seu comentário sobre Act. 21.13:

Como sabemos, os versículos precedentes registam a profecia de Ágabo de que Paulo seria preso em Jerusalém e entregue aos Gentios. Ao ouvirem esta profecia os amigos dele rogaram-lhe com lágrimas que não se aventurasse indo a Jerusalém, e o registo continua dizendo:

«Mas Paulo respondeu: Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus» (Act. 21.13).

Esta resposta não revela evidências tocantes tanto da ternura como da disponibilidade do apóstolo em sofrer por Cristo? Os rogos lacrimosos dos seus irmãos partiram-lhe o coração, no entanto ele sentia-se *«ligado ... pelo espírito»* na ida a Jerusalém para dar testemunho de Cristo.

Contudo vejamos como o Dr. X interpretou esta passagem. Ele disse:

“O coração terno do Apóstolo Paulo, que se podia comover e chorar pelos seus convertidos, agora é duro como um tejuolo, e insensível ao choro ternurento dos seus amigos muito queridos” (P.16).

Nós não negamos que Paulo fosse humano, e pudesse, e tivesse cometido erros. Ele era o primeiro a reconhecer isso. Mas qual de nós tem revelado metade da ternura dele ou metade da sua fidelidade no seu ministério para o Senhor? Pelo contrário, pensamos que foi o Dr. X que endureceu o seu coração e fechou os olhos para a grande revelação Paulina, com o seu *«um só corpo»* e *«um só baptismo»*.

O DR. X E OS DOZE APÓSTOLOS

No Opúsculo Nº1 dos seus *Estudos nos Actos* o Dr. X disse coisas desagradáveis de Pedro e dos onze a respeito da designação de Matias para ocupar o lugar de Judas entre os doze. Passamos a citar:

Página 12: "... o impetuoso e impaciente Pedro teve outra ideia insensata ... Ele sugere que eles prestem um pouco de assistência ao Senhor na designação de um décimo segundo apóstolo para o lugar de Judas".

Página 13: "Pedro estava completamente desajustado".

Página 14: "... eles foram compelidos a recorrer ao método dúbio da 'sorte'" (Nas mensagens radiodifundidas anteriores ele tinha descrito os apóstolos como estando a "lançar dados" para escolher o sucessor de Judas, como se estivessem a jogar a dinheiro o resultado). E ele continuou, "Mas foi tudo em vão. Aquela não tinha sido a escolha de Deus, mas do homem".

Página 16: "... este grande erro de Pedro ao inventar a designação de Matias".

Páginas 16,17: "... O erro de Pedro" causou a Paulo "muito sofrimento, mais tarde".

Página 15: "Os onze ... não quiseram admitir o seu erro".

Confirmando a sua controvérsia o Dr. X fez uma declaração muito singular: A respeito de Act. 1.26, ele declarou que Matias "foi numerado [contado] com os onze, mas NÃO COM OS DOZE" (P.15, ênfase sua). Porém ele inseriu a palavra "contado" para dar a impressão que Matias foi contado como *um* dos *onze*, não dos *doze*! Que perversão duma passagem tão clara das Escrituras! Obviamente é claro como o dia que os onze estavam a designar um *décimo segundo* apóstolo, não um *décimo primeiro*. Eles estavam a restaurar o número para doze. Em Pentecostes, Pedro levantou-se «*com [mais] os onze*» e como aprendemos na instrução primária, um homem *mais* onze homens soma doze homens. Actos 1.26 declara que Matias foi «*contado com [mais] os onze*».

À luz da Palavra de Deus o caso do Dr. X contra Pedro e os onze é uma obra magistral do pensamento confuso e da recusa cega em aceitar o que Deus tem dito tão claramente sobre o assunto. Sejamos Bereanos e abramos os olhos.

OS FACTOS EM APREÇO

A escolha de Deus para o lugar de Judas, disse o Dr. X, foi *Paulo*, e os apóstolos e os discípulos actuaram na carne ao designarem Matias. Mas o registo das Escrituras indica claramente que:

1. Os onze apóstolos e os discípulos «*perseveravam unanimemente em oração e súplicas*» desde a ascensão de Cristo (Act. 1.14).

2. Foi «*naqueles dias*» de oração contínua fervorosa, que Pedro se levantou dirigindo-se não apenas aos outros apóstolos, mas a «*quase cento e vinte*» discípulos (Act. 1.15).

3. Pedro recordou aos seus ouvintes que «*o Espírito Santo predisse pela boca de David*», a respeito de Judas: «*Fique deserta a sua habitação ... Tome outro o seu bispado*» (Act. 1.16,20; cf. Sal. 109.8).

4. O nosso Senhor tinha prometido que como corporação de *doze homens* os apóstolos, no Seu reino, ocupariam *doze tronos* (Mat. 19.28).

5. O estabelecimento do reino seria oferecido em breve e tinha que haver *doze homens* prontos para ocuparem os *doze tronos* juntamente com Cristo (Act. 3.19-21).

6. Tinha sido dada autoridade oficial aos apóstolos para actuarem na ausência de Cristo (Mat. 18.18,19).

7. Os candidatos para o lugar de Judas tinham que ser homens que tivessem acompanhado Cristo e os *doze* «*todo o tempo*» em que Cristo ministrou na terra, desde *o primeiro dia* do Seu ministério até ao *último* (Act. 1.21,22). Isto baseava-se nas palavras da promessa de nosso Senhor: «*vós, que Me seguistes*» (Mat. 19.28) e «*vós sois os que tendes permanecido Comigo*» (Luc. 22.28,29). E não será extremamente duvidoso que houvesse mais do que dois assim qualificados?

8. E até os dois assim qualificados foram levados ao Senhor em oração (Act. 1.24).

9. A escolha final foi deixada totalmente ao Senhor através do lançamento de sortes (Act. 1.24,25).

10. «*Caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos ... E todos foram cheios do Espírito Santo*» (Act. 1.26;2.4).

A VERDADE PERVERTIDA

O nosso irmão condenou os onze por estes terem designado Matias tendo por base as instruções do Senhor em Actos 1.4, para que «*esperassem a promessa do Pai*», isto é, a vinda do Espírito Santo. Contudo, a interpretação que ele fez deste mandamento está expressa nas seguintes declarações, também do opúsculo Nº1 dos seus *Estudos nos Actos* (A ênfase é toda dele):

“Os apóstolos deveriam ‘permanecer’ em Jerusalém, e NADA FAZER mas ESPERAR a promessa do Espírito Santo” (P.5).

“... eles deviam ESPERAR. Eles não se deviam mover” (P.5).

“... os discípulos deveriam ESPERAR pelo Espírito Santo afim d’Este lhes dar instruções para levarem a cabo o programa para a Igreja” (P.12).

“”Jesus disse para ESPERAREM afim do Espírito Santo os guiar” (P.17).

Contudo, à luz do registo das Escrituras, o Dr. X estava aqui a ser falso. O nosso Senhor não disse aos discípulos para “*nada fazer mas esperar*”, doutro modo até mesmo a sua reunião para orarem teria constituído desobediência. Ele também não lhes disse para esperarem “*pelo Espírito Santo afim d’Este lhes dar instruções*”, muito menos “*para lhes dar instruções para levarem a cabo o programa para a Igreja*”. Tudo isto foi adicionado ao registo sagrado pelo nosso irmão. Para examinarmos com exactidão o que esta passagem diz, volvamo-nos para Actos 1.4.

«E, estando com eles, [Ele] determinou-lhes **que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai ...**»

Isto concorda com o registo em Lucas 24.49, onde o nosso Senhor disse:

«... **ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder**».

Isto é suficientemente claro. Os onze deveriam esperar pela vinda do Espírito Santo *antes de saírem de Jerusalém*. Isto é bastante diferente de esperarem e *nada fazerem*, um pensamento que o Dr. X injectou nesta passagem na sua determinação de tornar Paulo um dos doze e de demolir o carácter único do seu apostolado.

AS ESCRITURAS FORAM OBEDECIDAS

Chamar à designação do sucessor de Judas “outra ideia insensata” de Pedro, parece pior do que um disparate, a este escritor, especialmente à luz do facto do próprio Dr. X concordar que as Escrituras tinham declarado previamente que um outro deveria tomar o «*bispado*» de Judas (Act. 1.20; cf. Sal. 109.8).

Mas acusar de “impetuoso e impaciente Pedro” e deste “inventar a designação de Matias”, ainda é pior, pois significa acrescentar calúnia ao insulto.

Ao longo de todo o registo da designação de Matias não há o mais leve sinal de impaciência da parte de Pedro ou de ele “inventar” o que quer que fosse. O nosso Senhor, tendo em vista a Sua ascensão ao céu, designou Pedro como chefe dos apóstolos e da Igreja Messiânica (Mat. 16.19; cf. 18.18,19). Portanto era perfeitamente próprio que ele tomasse a liderança neste assunto.

Mais, antes do Espírito descer *em poder*, com os sinais miraculosos do reino, os apóstolos *receberam* o Espírito Santo (Ver João 20.22).

UM ACTO BANHADO EM ORAÇÃO

Na Página 14 do seu opúsculo, o Dr. X afirmou: “Eles deveriam ter orado acerca disto ANTES de fazerem a nomeação da sua escolha” (Ênfase sua). Nas primeiras mensagens ele também deu a impressão de que os onze, actuando na carne, escolheram meramente dois homens e depois pediram a Deus que ratificasse o que eles tinham decidido. Mas nada podia ser mais longe da verdade.

Como já vimos em Actos 1.13,14, os apóstolos e os discípulos tinham **perseverado «unanimemente em oração e súplicas»** desde a ascensão de nosso Senhor e foi *«naqueles dias»* que Pedro se ergueu para propor a questão do sucessor de Judas. Ademais, à luz dos estritos requisitos para se alcançar posição entre os doze, juntamente a quaisquer outros requisitos naturais, é extremamente duvidoso que mais do que dois pudessem ser qualificados, pois o escolhido deveria ter andado com Jesus Cristo e os apóstolos *«todo o tempo ... Começando desde o baptismo de João (isto é, desde o princípio do Seu ministério) até ao dia em que de entre nós [Ele] foi recebido em cima»*, isto é, qualquer pretendente que tivesse andado com o nosso Senhor e os apóstolos *durante todo o tempo decorrido desde o primeiro dia do seu ministério até ao último*. Quantos é que o leitor supõe que seriam qualificáveis?

Mas mesmo depois do campo se ter circunscrito a dois homens, os apóstolos *não se estribaram no seu próprio entendimento* mas oraram *de novo*, rogando fervorosamente ao Senhor, *«Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido»* (Act. 1.24).

E para se guardarem *completamente* de exercitarem a sua vontade na questão do lançamento de sortes, oraram deixando o resultado com o Senhor.

Que injustiça, então, da parte do Dr. X levantar acusações de obstinação por um lado, e de jogo a dinheiro por outro, contra homens que, segundo o *Registo Sagrado*, tomaram todas as precauções *contra* o exercício das suas próprias vontades, e *em espírito de oração – e bíblicamente* – lançaram sortes para se certificarem de que Deus exerceria *a Sua vontade!*

O LANÇAMENTO DE SORTES

O Dr. X acusou repetidas vezes depreciativamente os apóstolos por estes terem lançado dados, jogado a dinheiro e entregue esta questão completamente à sorte. O que ele falhou na explicação é que numa tal situação era tanto bíblico como apropriado lançar sortes.

Séculos antes este Deus tinha declarado que a terra de Canaã seria para Israel e repartida por sortes (Núm. 26.55), e o livro de Josué descreve como isto foi feito. Tratava-se dum método familiar do Velho testamento para descobrir a vontade de Deus em questões destas e não tinha nada a ver com o jogo a dinheiro dos nossos dias, no qual os homens confiam na “sorte”. Prov. 16.33 afirma claramente: *«A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a determinação»*.

Devemos perguntar aqui com seriedade: Quem é que, lendo com uma mente e coração abertos o registo da designação de Matias, associaria este incidente ao “jogo a dinheiro” ou a *um jogo “de sorte”*? Nós não temos consciência dos jogadores a dinheiro orarem para que o Senhor exerça a Sua vontade no lançamento dos dados. Mas, evidentemente, o Dr. X não leu este registo com uma mente e coração abertos. Ele tomou firmemente uma posição contra o apostolado distinto de Paulo. Ele *tinha*, pensava ele, que tornar Paulo um dos doze, operando sob a chamada “grande comissão”, e tristemente, isto envolvia desacreditar *tanto* Paulo *como* os apóstolos da circuncisão.

À luz das falsas acusações do Dr. X contra Paulo e os doze, não é de estranhar que, publicamente, fizesse falsas acusações contra os que se levantam pela grande mensagem Paulina do “Mistério”.

PORQUE É QUE PAULO NÃO PODIA TER SIDO UM DOS DOZE?

Quem sabe com que autoridade o Dr. X contendia? – com a que emanava disto: “por todo lado que Paulo ia tinha que defender a sua ordenação divina como um dos doze” e tinha de defender-se da “acusação de que Matias ... era o verdadeiro apóstolo” (P.15). Ele declarou que “a impaciência de Pedro foi a causa do erro que provocou a Paulo muito sofrimento, mais tarde” (Pp.16,17). Ele não avançou com nenhuma passagem das Escrituras para provar tudo isto, mas se ao considerarmos

o registo das Escrituras, há um facto que, *sem sombra de dúvida* é certo, é o facto de Paulo não poder ter sido um dos doze apóstolos. Ele nunca foi, *em qualquer momento*, elegível para esta posição. Eis algumas das razões:

1. Paulo não foi salvo senão algum tempo depois de Pentecostes, por isso não podia ter sido designado como sucessor de Judas na altura de Pentecostes e da oferta do reino (Cf., Act. 2.14).

2. Se a sua designação pudesse ter esperado, ele não poderia ser elegível em momento *nenhum* para o apostolado entre os doze. Ele nunca, de modo algum, *seguiu* a Cristo, muito menos «*entrou e saiu*» com Ele e os Seus apóstolos desde o primeiro dia do Seu ministério até ao último (Ver Mat. 19.28; Act. 1.20; I Cor. 15.8).

3. Matias «*foi contado com os onze apóstolos ... E todos foram cheios do Espírito Santo*» (Act. 1.26; 2.4). Isto, só por si, é uma prova positiva de que Matias, e não Paulo, foi a escolha de Deus para o lugar de Judas. Se os apóstolos e discípulos tivessem estado fora da vontade de Deus na designação de Matias, podemos ter a certeza de que *nenhum* deles teria sido cheio do Espírito Santo, e se *Matias* tivesse sido o homem errado para esta importante posição, certamente que ele não teria sido cheio do Espírito. Mas o registo, refutando os argumentos confusos do Dr. X, declara que eles «*todos foram cheios do Espírito Santo*».

4. Paulo foi erguido para um ministério *especial*, separado e distinto do dos doze (Ver Act. 20.24; Gál. 1.11,12, 17-19; 2.2,7-9; Rom. 11.13; 15.15,16; Efé. 3.1-3).

5. Paulo refere-se consistentemente aos doze como um corpo separado de apóstolos, como em I Cor. 15.5-8, onde ele declara: «*E que [Cristo] foi visto ... pelos doze. ... E por derradeiro de todos me apareceu também a mim ,...*». Além disso, esta referência inspirada aos doze apóstolos *entre a ressurreição e a ascensão* de Cristo é uma prova adicional de que Deus considerou Matias um dos doze mesmo antes da sua designação oficial em Actos 1. Evidentemente ele estava com os apóstolos quando o Cristo ressuscitado lhe apareceu. (Act. 1.20-23).

Paulo, então, *não pode* ser legitimamente considerado um dos doze apóstolos. Nem sequer pode ser considerado *com* os doze, como tantos o vêem. Do mesmo modo que onze apóstolos teriam sido poucos para os

prometidos doze tronos, treze teriam sido demasiados. Evidentemente Deus teve uma razão muito especial para levantar Paulo mais tarde.

CONFUSÃO AGRAVADA

Referindo-se aos dias pré-Pentecostais, o Dr. X disse: “Eles não conheciam nada acerca da Igreja. Que ela ainda era um mistério, que não seria revelado antes da vinda do Espírito Santo” (P.6) e “os discípulos deveriam ESPERAR que o Espírito Santo lhes desse instruções para levarem a cabo o programa para a Igreja” (P.12, ênfase dele). Isto é na verdade estranho, pois se eles deveriam aprender acerca da Igreja, o Corpo de Cristo, *em Pentecostes*, como é que eles só *começaram a oferecer* o reino *depois* de Pentecostes? (Act. 2.29-31; 3.19-21). Não foi devido à *rejeição* do reino por parte de Israel que Deus começou a formar «o Corpo de Cristo», com a sua posição e chamada celestiais?

O Dr. X afirmou na P.20: “Quão alegres estamos por os discípulos terem estado no lugar onde *podiam* receber o Espírito Santo!” Mas, perguntamos, que diferença haveria se eles não aceitassem o ensino do Espírito acerca do Corpo e proclamassem, em vez disso, o reino?

E se estes apóstolos da circuncisão tivessem aprendido em Pentecostes o mistério do Corpo, a Igreja de hoje, como é que Paulo declarou mais tarde (?):

«*Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios;*

«*Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;*

«*Como me foi este mistério manifestado pela revelação, ...»*

«*A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo,*

«*E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo» (Efé. 3.1-3,8,9).*

«Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto» (Rom. 16.25).

Ademais, se, como o Dr. X concorda, os Gentios não foram sequer contemplados em Pentecostes, como é que os doze apóstolos podiam ter estado a proclamar a verdade do «*corpo bem ajustado*» composto de crentes Judeus e *Gentios* baptizados num corpo único? (I Cor. 12.13).

Ora, o Dr. X ensinou que “Pentecostes para a Igreja aconteceu uma única vez” (P.20) e que nessa altura, e nunca mais de novo, os crentes foram baptizados no Corpo de Cristo. No seu opúsculo Nº 2 sobre os Actos, ele declara: “Este derramamento do Espírito em Pentecostes é o UM SÓ BAPTISMO de Efésios 4” (P.4, ênfase sua).

Não é, então, estranho, que no mesmo opúsculo, numa passagem onde ele cita I Cor. 12.13, ele omita as palavras, «*quer Judeus, quer Gregos [Gentios]*», pois em Pentecostes, onde ele disse que o baptismo no corpo único ocorreu “uma única vez”, os *Gentios não estavam incluídos* (Ver Act. 2.5,14,22,36) como estão em I Cor. 12.13.

E mais ainda, se o Espírito Santo em Pentecostes revelou o mistério do Corpo e a dispensação da graça aos doze, como é que Pedro ordenou aos seus ouvintes arrependidos para serem «*baptizado[s] ... para perdão dos pecados*»? (Act. 2.38). A resposta é que o mistério *não* foi revelado em Pentecostes e que os doze trabalharam sob uma comissão do *reino*, que estipulava: «*Quem crer e for baptizado será salvo ...*» (Mar. 16.16).

Porém a confusão é agravada quando o Dr. X insiste que Paulo era um dos doze, e reconhece que aos doze foram prometidos doze tronos no reino e, em Pentecostes, pregaram uma mensagem do reino! Que disparate ter Paulo, o *apóstolo dos Gentios*, a reinar com os doze sobre as *doze tribos de Israel!* E não vamos discutir aqui se o Dr. X defendia ou não esta posição, pois ele escreveu a este respeito: “na Igreja não há apóstolos. Esses pertencem ao reino” (P.16).

Esta última declaração é quase incrível vinda de alguém que há muito estava familiarizado com passagens como as seguintes:

«E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos ...» (I Cor. 12.28).

«E Ele mesmo deu uns para apóstolos, ... querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo» (Efé. 4.11,12).

O Dr. X diz: “Na Igreja não há apóstolos. Esses pertencem ao Reino”. Deus diz: *primeiramente*³⁰ Deus pôs na Igreja, apóstolos. Quem é que está certo? Deus ou o Dr. X?

Certamente que o nosso irmão sabia que Paulo se dirige repetidas vezes às igrejas locais *Gentias* como «*apóstolo de Jesus Cristo*». Mas esta confusão é comum com os que se rebelam contra qualquer segmento da Palavra de Deus clara e se esforçam por a deturpar.

Declarações como as atrás citadas só podem ser explicadas pela determinação cega do Dr. X em fazer de Paulo um dos doze apóstolos do reino e assim esvaziar o carácter especial do seu apostolado quando associado à Igreja hodierna. Parece que ele fechou simplesmente os olhos mesmo para as passagens mais claras das Escrituras que contradiziam esta teoria.

Uma vez mais, se, como o nosso irmão declarou, “os discípulos deveriam ESPERAR pelo Espírito Santo afim d’Este lhes dar instruções para levarem a cabo o programa para a Igreja”, porque é que ele deplorou “a recente propagação rápida do Pentecostalismo”, a que ele se refere na Página 1? Um dos principais resultados da vinda do Espírito Santo foi o dom de línguas e outros sinais miraculosos. E estes sinais foram além disso concedidos aos que obedeceram ao mandamento para se *arrependerem e serem «baptizado[s] ... para o perdão dos pecados»* (Act. 2.38). Ora, se o Espírito Santo veio a Pentecostes dar instruções para a execução do programa para a Igreja desta dispensação, como o Dr. X defendeu, o que é que há de errado com o Pentecostalismo ou com o baptismo para o perdão dos pecados? O nosso irmão não teria sido mais consistente se se unisse aos Pentecostais (que procuram restabelecer os sinais pentecostais) ou aos Campbelitas, à chamada “Igreja de Cristo” (que insiste no baptismo na água para a salvação)? Mas depois estas duas

³⁰ Entre estes estavam Paulo, Barnabé (Act. 14.4,14), Silas e Timóteo (I Tes. 1.1; 2.6); os últimos três certamente num sentido secundário, como “enviados” de Cristo.

denominações estão também extremamente divididas – porque nenhuma delas reconhece o apostolado e ministério especial de Paulo!

Referindo-se ao ministério dos apóstolos sob a comissão de nosso Senhor em Mat. 10.5-7, o nosso irmão escreveu: “Mas esta oferta do Reino não foi aceite e assim em vez de se assentar no Trono de David, Ele foi rejeitado pela nação e mandado para a cruz ...” (P.10).

Mas onde é que nós encontramos uma *oferta* do reino antes da cruz, ou alguma alusão de que, porque Israel rejeitou o reino, o nosso Senhor “foi, em vez disso, para a cruz”? Como é que Ele podia oferecer o estabelecimento do reino antes de ir à cruz? Há dezenas de passagens nas Escrituras que provam que o reino em glória de Cristo *seguir-se-ia* aos Seus sofrimentos (Luc. 24.46; I Ped. 1.11; etc.). É por isto que nós não encontramos uma única oferta que seja do reino antes de Pentecostes, – quando o Dr. X disse que a Igreja desta dispensação começou - mas só depois!

O Dr. X não negou que na primeira parte dos Actos os doze “*ainda pregavam a mensagem do reino*” (Pp.17,18), mas notemos a sua explicação disto:

“O impetuoso e impaciente Pedro”, disse ele, não esperou que o Espírito o dirigisse, porque “ele ainda estava a pensar estabelecer o reino ...” “Este tinha sido adiado”,³¹ disse ele, “mas Pedro não aceitou essa ideia” (P.12).

Assim, segundo o Dr. X, Pedro e os onze também proclamaram o reino na energia da carne – um reino que já tinha sido adiado! Nós damos uma olhadela a Actos 2.4 e dizemos, *Que confusão!*

Tudo isto dá-nos grande confiança na nossa convicção de que a Igreja da actualidade, o Corpo de Cristo, não teve o seu começo histórico senão mais tarde, com o levantamento de *Paulo*, esse tal *outro* apóstolo.

Ah, se os nossos oponentes tão somente quisessem ver isto, que é, na verdade, *tão simples*. Mas Satanás odeia esta verdade e ele, que

³¹ Como é que o reino podia ter sido adiado antes de Pentecostes quando *em* Pentecostes Pedro declarou que Cristo tinha sido ressuscitado dos mortos «*para O assentar sobre o seu [de David] trono*» (Act. 2.29-32), e logo a seguir *ofereceu* o Seu retorno para reinar (Act. 3.19-21)?

«cegou os entendimentos dos incrédulos», também dá o seu melhor para confundir os que crêem em Cristo.

O que é que, de facto, lemos acerca da chamada “Grande Comissão” e do registo de Pentecostes? Lemos alguma palavra que seja acerca de “o evangelho da graça de Deus”, ou da salvação dos Gentios por meio da queda de Israel, ou do Corpo unido, a Igreja hodierna? Nem uma só palavra. Pelo contrário, lemos do arrependimento e do baptismo para a remissão dos pecados, dos sinais miraculosos e de Cristo como Rei (Ver Mat. 28.18-20; Mar. 16.15-18; Luc. 24.47; Act. 1-3). Antes de Paulo não aprendemos da salvação ser pela graça por meio da fé, «*sem as obras da lei*» (Rom. 3.12-28), ou da salvação dos gentios por meio da queda de Israel (Rom. 11.11), ou da «*Igreja que é o Seu Corpo [de Cristo]*» (Efé. 1.22,23). Assim, os *doze* apóstolos representavam Israel, com as suas *doze* tribos, enquanto que Paulo representa o *um* só Corpo.

Não é necessária muita investigação para se saber que o reino Messiânico foi *profetizado* nos tempos Velho Testamento, *proclamado* como «*próximo*» durante o ministério terreno de nosso Senhor, e *oferecido* quando o Espírito santo veio em Pentecostes.

Como é que a Igreja, o Corpo de Cristo, poderia ter começado em Pentecostes, quando a primeira oferta do reino não foi feita antes de Actos 3? O Dr. X disse que Pedro “não podia aceitar a ideia” de que o reino tivesse já sido adiado antes de Pentecostes (P.12). De facto Pedro estava certo e o Dr. X errado. O reino *não* tinha sido adiado, e não seria adiado antes da oração do Senhor Jesus na cruz (Luc. 23.34) ser respondida e de Israel ter uma segunda oportunidade em Pentecostes.

Foi por isso que Pedro, cheio do Espírito, ofereceu «*o arrependimento e a remissão dos pecados*» (Act. 5.31), e prometeu que Cristo e «*os tempos do refrigério*» viriam «*pela presença do Senhor*», se eles se arrependessem e se convertessem (Act. 3.19,20).

Foi o Dr. X que não aceitou, ou não quis aceitar, o grande volume das Escrituras que testifica do carácter distinto da posição de Paulo como «*apóstolo dos Gentios*» e da presente dispensação da graça de Deus (Efé. 3.19,20).

Para alguns dos nossos leitores isto poderá parecer uma questão trivial. Mas, de facto, é de enorme importância e vital.

Estranhamente, o Dr. X, aderiu às epístolas Paulinas ao proclamar a salvação apenas pela graça, por meio da fé. Porém ele *também* defendeu que nós devemos trabalhar sob a chamada “grande comissão” e que as instruções para o programa da Igreja de hoje foram dadas pelo Espírito Santo em Pentecostes. A que conclusão, então, pode chegar a pessoa perdida quando lê os vários registos da “grande comissão” e a história de Pentecostes? Ela pode bem concluir: “O Dr. X *afirma* que a salvação é apenas pela graça, por meio da fé, mas a “grande comissão” diz: «*Quem crer e for batizado será salvo*». E Pedro, operando sob a “grande comissão”, disse: «*Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados*». E como é que o Dr. X e os seus seguidores podiam responder aos Adventistas do Sétimo Dia à luz de Mat. 28.20, ou aos Pentecostais à luz de Mar. 16.17,18, ou aos Campbelistas à luz de Mar. 16.16 e Act. 2.38, ou a outros grupos errôneos à luz de outras partes da “grande comissão”, uma comissão que já esteve, mas não está mais, em vigor?

A confusão do Dr. X sobre estas matérias foi na verdade enorme, mas foi típica da confusão existente nas fileiras de todos os que negam o carácter distinto do apostolado e ministério de Paulo e se mantêm a falar – apenas a falar – sobre “o obedecer-se à “Grande comissão”.

No caso deste irmão receamos que a cegueira tenha sido voluntária, pois ele difamou e deturpou publicamente os que se erguiam pela grande revelação Paulina, acusando-os de heresias que eles nunca ensinaram. Enquanto ele escreveu da “insistência de Paulo em fazer a sua própria vontade” (*Disparates de Paulo*, P.16), foi, pelo contrário, ele quem insistiu em fazer a sua própria vontade nesta matéria. Talvez ele devesse citar a si mesmo uma das suas declarações acerca de Paulo: “*Quão terrível é o pecado da desobediência! Como cega uma pessoa e deforma a sua razão e juízo!*” (Ibid, P.16).

Deus sabe que nós nunca abrigámos a mínima má vontade para com este homem de Deus que foi usado para alcançar um número elevado de almas com a Palavra, ainda que admitindo que algumas vezes a Palavra de Deus tenha sido mal manejada. Nós publicamos apenas os antecedentes para que os nossos leitores possam ver claramente a confusão que resulta de uma negação da importante verdade bíblica de que Paulo é o *nosso* apóstolo e o apóstolo da presente dispensação da graça de Deus. Para que também possam ver que o colocarmo-nos sob a

comissão dada aos doze (temporariamente onze) significa trabalhar sob a comissão errada.

Que enorme poder espiritual a Igreja poderia exercer se conhecesse Cristo como é apresentado por Paulo na sua mensagem de graça e glória! Quanta confusão seria dissipada, quanta divisão desapareceria! É disto que a Igreja e o nosso pobre mundo precisa hoje. Até quando os nossos líderes Fundamentalistas resistem à verdade de Deus e impedem o verdadeiro reavivamento? Até quando continuarão a operar sob a comissão *errada*; uma comissão que nenhum deles pode obedecer quer completa quer fielmente?

*Porque é que Paulo
Falou Tanto de Si Mesmo?*

Capítulo XI

PAULO FOI PRESUNÇOSO?

A DEFESA QUE ELE FEZ DO SEU APOSTOLADO

No primeiro capítulo deste livro debatemos a questão: *Será que fazemos de Paulo mais do que aquilo que ele é?* Neste capítulo consideremos uma questão adicional: *Será que Paulo fez-se mais do que o que é?*

A maior parte das pessoas pensa em Paulo como sendo mais ou menos da mesma graduação de Pedro, Tiago e João, e o resto dos apóstolos do Senhor. Pensam, e bem, que os doze e Paulo foram, todos eles, designados apóstolos pelo próprio Cristo e enviados a testemunharem acerca d'Ele. Como vimos, alguns até consideram Paulo *um dos doze*, a escolha *de Deus* como sucessor de Judas.

Mas eis que surge Paulo e nega a maior parte destes clamores. Na verdade o elemento pessoal ergue-se proeminentemente nas suas epístolas. Ele refere-se si mesmo *pelo nome* umas trinta vezes nestas poucas epístolas, e pelo pronome pessoal *várias centenas de vezes*.

Eis que surge Paulo a falar repetidas vezes de «*o meu evangelho*». Em Rom. 2.16 ele diz, «*Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho*». Em Rom. 16.25 ele começa uma bênção com as palavras, «*Ora, Àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho ...*». E em II Tim. 2.8 ele diz, «*Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de David, ressuscitou dentre os mortos, segundo o meu evangelho ...*».

Eis que surge Paulo a referir-se ao «*evangelho que por mim foi anunciado*» (Gál. 1.11), e ao «*evangelho, que prego*» (Gál. 2.2). E este tipo de fraseologia é encontrado ao longo dos seus escritos.

De facto, ele vai mesmo mais longe do que isto, pois ele é o único de todos os apóstolos que põe nos seus próprios lábios as palavras de nosso Senhor, «*Segue[í]-Me*». Ele exorta duas vezes os Coríntios: «*Sede meus*

imitadores»(I Cor. 4.16;11.1), e diz aos Filipenses, «*Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam*» (Fil. 3.17). Este tipo de fraseologia é demasiado familiar nas epístolas de Paulo.

E mesmo isto não é tudo, pois em II Cor. 11.5 ele declara,

«Porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos».

Teria Paulo o direito de promover assim o seu próprio ministério e distingui-lo do dos doze? Certamente que aqueles que defendem que Paulo e os doze proclamaram todos a mesma mensagem nunca deram uma explicação satisfatória deste aspecto das suas epístolas.

E quando consideramos as convicções de Paulo na epístola aos Gálatas – e os ensinamentos do Espírito Santo quanto à singularidade da sua posição, esta torna-se mesmo mais pronunciada. Ele leva aqui quase dois capítulos para defender o seu apostolado, que evidentemente tinha sido posto em causa. Neste dois capítulos ele parece minimizar os apóstolos em Jerusalém e exaltar o seu próprio apostolado. Nos versículos onze e doze do primeiro capítulo ele *certifica* os Gálatas que não tinha recebido a sua mensagem dos doze ou de *qualquer* fonte humana, mas por *revelação directa do Senhor glorificado*.

De facto, em Gál. 2.2-5 ele declara: «*E subi por uma revelação, e lhes expus o evangelho, que prego entre os Gentios ...*» e acrescenta que, quando, em Jerusalém, alguns insistiam que Tito devia ser circuncidado, ele «*nem ainda por uma hora cede[u]mos com sujeição*», para que o seu «*evangelho da graça de Deus*» continuasse ininterrupto entre os crentes Gentios em Antioquia.

No Ver. 6 ele refere-se a Tiago, Pedro e João (nesta ordem) como aqueles «*que pareciam ser alguma coisa*»,³² e acrescenta:

«... *nada me comunicaram;*

«*Antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão ...*

³² Evidentemente porque este Tiago, que não era sequer um dos doze, tinha usurpado a liderança de Pedro (Ver Mat. 16.18,19 e cf. Act. 15.13,19).

«E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos Gentios, e eles à circuncisão» (Ver. 6-9).

Consideremos bem o que sucedeu aqui. Os doze apóstolos, que originalmente tinham sido enviados a *«todo o mundo»* e a *«todas as nações»*, agora, através dos seus líderes, *transferiram a evangelização dos Gentios para Paulo, concordando, dali em diante em limitar o seu próprio ministério a Israel!* Assim, Paulo declara aos Romanos, não com orgulho, mas por inspiração do Espírito Santo:

«Porque convosco falo, Gentios, que, enquanto for apóstolo dos Gentios, exalto o meu ministério!»

E ele demonstra esta autoridade em Antioquia, onde Pedro teria comprometido a decisão que, sob a direcção do Espírito, tinha sido tomada no Concílio de Jerusalém. Leiamos as palavras dele em Gál. 2.11,14:

«E, chegando Pedro a Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível» .

«... quando vi que não andavam bem e directamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo Judeu, vives como os Gentios, e não como Judeu, por que obrigas os Gentios a viverem como Judeus?»

E isto foi *publicado numa carta às «igrejas da Galácia»*.

Neste ponto quase que somos tentados a fazer uma pausa para dizer a Paulo: “Esqueceste-te da tua posição? Tens consciência de que estás a fazer do líder dos doze apóstolos um exemplo público? Não deverias ter em conta que ele foi apóstolo antes de ti, que tu apenas foste designado para esta posição recentemente? Já te esqueceste que o próprio Senhor deu a Pedro as chaves do reino dos céus e que milhares de almas se salvaram por meio do seu ministério?” Isto seria de explicar se nós não compreendêssemos *«o mistério»*, o segredo.

Mas mesmo isto não é tudo. Uma das declarações mais fortes de Paulo, nesta relação, encontra-se em Gál. 1.8, onde diz:

«Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema».

E ele *pretende* mesmo ser duro, pois no versículo a seguir ele repete-se enfaticamente:

«Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema».

Portanto Paulo pronuncia mesmo uma maldição sobre qualquer um que ouse pregar aos Gentios qualquer outro evangelho além daquele que ele lhes pregou. Quando isto é considerado à luz de Gál. 2.7, vê-se a seriedade desta maldição, pois «o evangelho da circuncisão» certamente que *não* era o mesmo que «o evangelho da *incircuncisão*».

Como é que explicamos tudo isto?

Suponhamos por um momento que eu, autor deste livro, começava a falar acerca do «*meu evangelho!*» O leitor não me condenaria de imediato por me colocar acima dos outros servos de Cristo e não estaria a pregar um outro evangelho? De facto, o leitor diria correctamente: “Se este evangelho é *seu* não desejo escutá-lo!”

E suponha que eu dizia às minhas audiências: “*Irmãos, sede meus imitadores!*”. O leitor não exclamaria: “*Que grande orgulho!*”?

EXPLICAÇÕES INADEQUADAS

Ao procurarem explicar estas declarações de Paulo alguns *deturpam*-nas! Afirmam que a expressão que ele usa, «o meu evangelho», significa simplesmente que ele também pregava o evangelho, e negam que isso distinga a sua mensagem da dos doze. Dizem que quando ele disse aos outros para o seguirem ele queria dizer meramente que eles deveriam imitar o seu *principal propósito* de vida. Argumentam que quando ele subiu a Jerusalém para comunicar o seu evangelho aos doze foi apenas para se certificar junto deles de que estavam todos a pregar a mesma coisa. Porém tudo isto é contrário ao significado simples e óbvio das palavras dele.

Poucos há que argumentem que Paulo dizia, «*sede meus imitadores*» porque ele vivia de facto uma vida exemplar, mas é claro que esta explicação é demasiado inadequada. Se, hoje, o Cristão mais sincero e piedoso começasse a dizer, «***Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam***», constataríamos logo que ele tinha perdido toda a humildade e espiritualidade. Haverá *algum homem* de tal forma incólume que possa ser seguido em tudo? Paulo não tinha problemas com a sua velha natureza? (Ver Rom. 7.18,21-24).

Como é que, então, explicaremos a aparente presunção de Paulo; a insistência dele na distinção do seu ministério e mensagem, o seu aparente minimizar dos outros apóstolos para exaltar o seu próprio apostolado, a sua insistência de que no seu encontro com eles estes nada lhe comunicaram a ele mas sim ele a eles, a sua recusa em ceder aos líderes Cristãos Hebreus mesmo por uma hora que fosse, a sua repreensão pública a Pedro, o seu convite aos outros para que o seguissem, a sua maldição sobre quem ousasse pregar aos Gentios outro evangelho além daquele que ele lhes tinha anunciado? Como é que explicaremos tudo isto?

A resposta a esta questão da ênfase de Paulo sobre o seu próprio ministério é a chave para toda a mensagem da graça.

A GLÓRIA DA GRAÇA DE DEUS

Nós não nos devemos esquecer que a mesma pessoa que diz em II Cor. 11.5: «***Penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos***», também diz em I Cor. 15.9,10:

«Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus. MAS PELA GRAÇA DE DEUS SOU O QUE SOU».

É na última cláusula deste versículo que encontramos a solução para todo o problema: «***Pela graça de Deus sou o que sou***».

Em conjugação imediata com a “presunção” de Paulo temos o reconhecimento dele de que *em si mesmo não é nada*. Noutras passagens ele denomina-se de o principal dos pecadores, e «*o mínimo de todos os*

santos», e em cada caso ele magnifica a graça de Deus ao torná-lo no que agora é.

O facto glorioso foi Deus ter tomado Saulo, o líder culpado da rebelião contra Cristo, e tê-lo tornado no arauto e na demonstração viva da Sua graça infinita. Por conseguinte, quando Paulo defende e exalta o seu próprio apostolado, não o faz para sua própria glória, mas para a glória de Deus; não para se exaltar a si mesmo, mas para exaltar a graça de Deus. Ele associa de forma consistente o seu apostolado às riquezas da graça de Deus. Notemos os seguintes exemplos deste facto; notemo-los reflectidamente:

Rom. 1.5: «*Pelo qual recebemos a **graça e o apostolado** ...*»

Rom. 12.3: «*Porque **pela graça que me é dada**, ...*»

Rom. 15:15,16: «*Mas, irmãos, em parte **vos escrevi mais ousadamente ... pela graça que por Deus me foi dada; que seja ministro de Jesus Cristo para os Gentios, ...***».

I Cor. 15.9,10 «*Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, ... **Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a Sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo***».

Gál. 1.15,16: «*... **aprouve a Deus, que ... me separou, e me chamou pela Sua graça, revelar Seu Filho em mim, para que O pregasse entre os Gentios ...***».

Gál. 2.9: «*E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, **a graça que me havia sido dada, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos Gentios, e eles à circuncisão***».

Efé. 3.8: «***A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os Gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo***».

Não há dúvida de que a passagem mais notável em que Paulo associa o seu apostolado à graça de Deus é I Tim. 1.12-16:

« *E dou graças Ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério;*

«*A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.*

«***E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo.***

«*Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os **pecadores, dos quais eu sou o principal.***

«***Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a Sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer n'Ele para a vida eterna***».

Nós não nos devemos esquecer de considerar a *anterior* posição do apóstolo quando estudamos o seu papel posterior no programa de Deus. Nós só podemos compreender *Paulo* depois de primeiro termos considerado *Saulo*. Na passagem que citámos ele maravilha-se de Deus o ter colocado no ministério, *ele* que antes tinha sido «*blasfemo, e perseguidor, e injurioso*», e reage a isto salientando apenas que «*a graça de nosso Senhor superabundou*».

Quando Paulo se denomina aqui de o «*principal dos pecadores*» ele não quer com isso dizer que fosse o *pior* dos pecadores. Judas, os Fariseus e os Saduceus foram, sem dúvida, mais sem escrúpulos nos seus pecados do que ele, mas a posição de Paulo como *líder inflamado da rebelião* contra Cristo, tornou-o no «*principal*» dos pecadores. Ele era o maior inimigo de Deus na terra.

Observemos o panorama historicamente. Deus tinha posto de parte as ímpias nações Gênticas e tinha escolhido uma única nação, a nação Hebraica, para ser Sua, e agora, eis que *esta* nação se rebela contra Ele! E quem é o líder da rebelião? O livro dos Actos responde a isto com demasiada clareza para o não compreendermos. Não foi o Sumo Sacerdote nem o Sinédrio. Foi Saulo de Tarso que tomou a iniciativa da feroz perseguição contra Cristo. Era ele que «*assolava a Igreja*» e foi ele que, «*respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao Sumo Sacerdote. E pediu-lhe cartas para Damasco, para as*

sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém» (Act. 8.3 e 9.1,2). E estas são apenas duas passagens de uma vasta lista que indica a intensidade da inimizade de Saulo contra o Senhor Jesus Cristo e os Seus discípulos.

A palavra «*principal*», então, não implica meramente grau mas *posição hierárquica*, e não é estranho que este termo seja aplicado a quem inspirou e liderou a rebelião feroz e agressiva que levou Deus a pôr de parte Israel («*por algum tempo*») e encerrar a nação, juntamente com os Gentios, em incredulidade.

Existe uma tendência para desculpar Paulo porque ele diz: «*o fiz ignorantemente, na incredulidade*». É verdade que a sinceridade do seu ódio por Cristo levou Deus a compadecer-se dele para o salvar, mas não devemos supor que a sua ignorância era desculpável. Ele *podia e devia* ter sabido que Jesus era o Cristo, e nesta mesma passagem, o Espírito Santo, por intermédio do próprio Paulo, enfatiza as superabundantes riquezas da *graça* de Deus para com Saulo, o *pecador*.

Decerto que foi a sublime graça de Deus que tomou *este homem* e o salvou e colocou no ministério, e é porque o apostolado de Paulo é a demonstração suprema da infinita graça de Deus para com os pecadores que ele o defendeu tão vigorosamente.

Ele diz na mesma passagem:

«*Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal,*³³ *Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna*».

O Senhor rejeitado revelou, preeminentemente em Paulo, *toda a longanimidade*. Paulo era o *modelo* para os que a partir de então cressem em Cristo para a vida eterna. Ele até foi mesmo modelo para a nação de Israel, que também tem de aprender que «*não há diferença*» (Rom. 3.22,23; 10.12,13) e, uma vez tendo aprendido isto, um dia será salva totalmente e apenas pela incomparável graça de Deus.

Durante séculos, a igreja, como um todo, perdeu de vista a posição distinta que Paulo ocupa no programa de Deus. Tem-no chamado de “um

³³ No Grego esta mesma palavra *principal* é de novo empregue.

dos apóstolos”, esquecendo-se que os doze foram enviados a todo o mundo em relação com a *aceitação* de Cristo, o *levantamento* de Israel e a *autoridade* de Deus, enquanto que Paulo foi enviado a todo o mundo porque Cristo foi *rejeitado*, Israel *caiu* e devido à *graça* de Deus.

Como resultado, multidões de crentes fervorosos não têm conseguido explicar, até à data, a aparente presunção de Paulo, ficando completamente confusos e discordando mesmo com a mensagem e o programa de Deus para hoje. Pensemos na confusão que ainda prevalece relativamente aos sinais dos tempos, à obra do Espírito Santo, ao baptismo na água, e ao retorno de Cristo, e tudo sem necessidade, face ao que as Escrituras dizem com tanta clareza sobre o carácter distinto do apostolado e da mensagem de Paulo.

À luz das Escrituras aqui consideradas é-nos difícil de compreender como é que líderes Fundamentalistas e ensinadores dispensacionalistas da Bíblia podem continuar a defender que não há nenhuma diferença básica entre as mensagens de Paulo e dos doze. Mas ao defenderem isso a sua própria confusão e divisão agravam-se.

Questionemos por um momento o carácter distinto do ministério de Paulo, ou coloquemo-lo na mesma categoria da dos doze e obscureceremos a glória da maravilhosa graça de Deus e ensombremos o seu propósito eterno em Cristo. É por isso que, por assim dizer, Paulo coloca na mesa o “certificado da sua ordenação”, com a declaração:

«Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens.

«Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo» (Gál. 1.11,12).

E é por isso que ele declara, por inspiração divina:

«Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, exalto o meu ministério» (Rom. 11.13).

Tenhamos, então, cuidado em não desrespeitar o que Deus tão enfaticamente “certifica”, nem em minimizar o que Ele magnifica, para que não O desonremos nem percamos as Suas bênçãos mais sublimes. Pelo contrário, recebamos sinceramente a Sua Palavra, e experimentemos no maior grau possível, o poder que Paulo experimentou no Seu ministério para Cristo.

*Paulo Teve um Ministério
Especial Temporário?*

Capítulo XII

O PRINCÍPIO DO MINISTÉRIO DE PAULO

UM PROBLEMA DISPENSACIONAL

Alguns aspectos do princípio do ministério de Paulo têm baralhado muitos estudiosos aplicados e diligentes da Bíblia.

Eles vêem com clareza a *que conduziu* o ministério dele. Regozijam-se com a sua mensagem de graça pura. Compreendem bem que o baptismo na água e os sinais Pentecostais não têm mais lugar no Corpo de Cristo, como a circuncisão e a Lei, mas ficam perplexos, para não dizer desiludidos, ao verem que a circuncisão, o baptismo e os sinais miraculosos foram todos praticados por Paulo durante a fase inicial do seu ministério, como regista o livro dos Actos.

UMA EXPLICAÇÃO ERRADA

Este problema tem levado alguns a suporem que o mistério não foi revelado a Paulo antes do seu aprisionamento em Roma, e que o Corpo de Cristo, a Igreja da presente dispensação, não começou, historicamente, antes de Actos 28.28, quando Paulo declarou aos líderes Judaicos em Roma:

«Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos Gentios, e eles a ouvirão».

Porém, uma conclusão deste tipo só torna o problema mais difícil, pois lemos acerca do mistério e do Corpo de Cristo nas *primeiras* epístolas de Paulo, escritas antes de Actos 28, do mesmo modo que nos escritos posteriores. Na verdade, este facto tem levado, os que datam o início da formação do Corpo em Actos 28, à conclusão de que deve ter havido *dois corpos* – que «o corpo de Cristo» de que Paulo fala em Romanos e I Coríntios é um corpo diferente do «corpo de Cristo» a que se referem as suas epístolas posteriores.

Têm sido *levados* a esta conclusão, dizemos nós, pois tal explicação é, no mínimo, forçada e desnaturada. Não podemos deixar de pensar que tais teorias sejam inconsistentes mesmo para os que as propõem, o que os deveria levar a reexaminar o fundamento da sua estrutura, pois decerto que uma premissa errada conduzirá inevitavelmente a conclusões erradas. É claro que a teoria dos “dois corpos” tem levado a muitas conclusões anti-bíblicas.

Um líder desta escola de pensamento declarou que “uma vez que o ministério de Paulo foi, durante o período dos Actos, dirigido principalmente aos Judeus, as epístolas dele, escritas durante esse mesmo período de tempo, não poderiam ser diferentes”.

Esta declaração extravagante está completamente destituída de qualquer apoio bíblico; de facto, as Escrituras pronunciam-na claramente errónea.

O MINISTÉRIO DE PAULO NOS ACTOS

Em Actos 22.18,21 Paulo refere como, no seu primeiro regresso a Jerusalém após a sua conversão, o Senhor lhe revelou que o seu testemunho ali não seria aceite e que ele partiria para os Gentios:

*«E [eu] vi Aquele [Jesus] que me dizia: Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém; porque **não receberão o teu testemunho acerca de Mim**».*

*«E disse-me: **Vai, porque hei de enviar-te aos Gentios de longe**».*

E a história do seu ministério desde então está em perfeita harmonia com isto.

Act. 13.46,47: *«**Eis que nos voltamos para os Gentios; porque o Senhor assim no-lo mandou ...**».*

Act. 15.3: *«E eles, sendo acompanhados pela igreja, passavam pela Fenícia e por Samaria, **contando a conversão dos Gentios ...**».*

Act. 18.6: *«**Desde agora parto para os Gentios**».*

Act. 21.18,19: « *E no dia seguinte, Paulo entrou connosco em casa de Tiago, e todos os anciãos vieram ali. E, havendo-os saudado, **contou-lhes por miúdo o que por seu ministério Deus fizera entre os Gentios*** ».

AS PRIMEIRAS EPÍSTOLAS DE PAULO

Quando comparamos as primeiras epístolas de Paulo com a última parte do livro dos Actos (o período durante o qual elas foram escritas) o panorama permanece inalterável.

Aos Romanos ele escreveu:

«**Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos Gentios**» (Rom. 11.13).

Aos Coríntios:

«**Vós bem sabeis que éreis Gentios, levados aos ídolos mudos**» (I Cor. 12.2).

Aos Gálatas:

«**... aprouve a Deus ... revelar seu Filho em mim, para que O pregasse entre os Gentios**» (Gál. 1.15,16).

«**Mas, quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses**» (Gál. 4.8).

Aos Tessalonicenses:

«**Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judeia estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles**» (I Tes. 2.14).

Certamente que todas estas citações dos Actos e das primeiras epístolas de Paulo provam conclusivamente que o seu ministério inicial foi *principalmente para os Gentios* e não “principalmente para os Judeus”. É verdade que durante este tempo ele ia *primeiro* aos Judeus, cidade após

cidade, mas isso é um assunto completamente diferente. E nisso reside a solução para o problema do princípio do ministério de Paulo.

A SOLUÇÃO

Quando Paulo ia primeiro aos Judeus, *não* era porque parecia que Israel ainda poderia aceitar Cristo e o Seu reino, mas simplesmente porque Deus não queria que Israel ficasse com alguma desculpa por ter rejeitado o Messias.

Paulo confirmou a mensagem de Pedro, e defendeu vigorosamente diante dos Judeus por toda a parte que «*Jesus é o Cristo*». E os milagres acompanharam este testemunho de confirmação – de facto, milagres maiores do que o próprio Pedro tinha realizado. Mas, ao contrário de Pedro, *Paulo nunca ofereceu o reino a Israel*. O seu ministério entre eles não visava voltar a *nação* para Cristo, mas salvar alguns dentre os que cressem, recebendo a salvação pela graça, e deixando os demais sem desculpa. Deus estava a encerrar assim Israel em incredulidade e, mesmo naquela data bem precoce, a usar poderosamente Paulo na proclamação da graça aos Gentios.

É verdade que Paulo, não obstante ter estado pouco tempo antes a liderar a perseguição a Cristo, pensou inicialmente que o seu testemunho pudesse inverter a corrente de incredulidade em Israel, mas Deus conhecia melhor. Ele sabia que a crise na história de Israel tinha-se instalado com o apedrejamento de Estêvão. A persuasão seria inútil. A salvação seria agora enviada aos Gentios, não *por instrumentalidade* da nação de Israel, mas *apesar* dela, e o próprio Paulo foi escolhido para este propósito.

Este incidente no princípio da experiência Cristã de Paulo já deveria ser visto à luz de três importantes versículos das Escrituras:

Rom 11.15: «*Porque, se a sua [de Israel] rejeição é a reconciliação do mundo ...*».

Rom. 11.32: «*Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia*».

Efé. 2.16: «*E pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades*».

Certamente que o propósito gracioso de Deus na rejeição de Israel (e, de facto, a própria rejeição) encontrava-se somente em *processo* de ser revelada. A sua plenitude é manifestada apenas nas epístolas posteriores, onde Paulo ora para que os crentes possam receber sabedoria e entendimento espiritual para a compreender. Porém a reconciliação de crentes Judeus e Gentios com Deus num só corpo e a bênção dos Gentios através da queda de Israel, com toda a certeza que começou bem antes do fim do livro dos Actos.

PEDRO, PAULO E ISRAEL

Há um facto que deve ser claro mesmo para o observador distraído. O ministério de Pedro tinha em vista, muito nitidamente, a *aceitação* do Messias por parte de Israel (Act. 1.6; 2.30,38,39; 3.17-26), mas o de Paulo, igualmente de forma clara, tinha em vista a *rejeição* do Messias por parte de Israel. De facto, Paulo foi levantado por Deus face à rejeição de Cristo por parte de Israel. A resposta graciosa de Deus ao apedrejamento de Estêvão e à perseguição feroz de Actos 8.1-3 foi a salvação de Saulo, o principal perseguidor e líder da rebelião. Que graça incomparável, especialmente quando nos apercebemos que a resposta *profetizada* foi – e será – a *ira* de Deus e a *subjugação* dos inimigos de nosso Senhor (Sal. 2.5; 110.1)!

De acordo com a profecia os Gentios deviam ter sido – e serão um dia – abençoados *por meio do levantamento de Israel* (Isa. 60.1-3) mas agora, mesmo apesar de Israel ter rejeitado o Messias e a glória do Seu reino, Paulo podia escrever aos Gentios:

«Ora o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo».

«Mas, irmãos, em parte vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória, pela graça que por Deus me foi dada;

«Que seja ministro de Jesus Cristo para os Gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo» (Rom. 15.13,15,16).

Agora a bênção tinha chegado aos Gentios, não por meio do levantamento de Israel, mas pela sua *queda*:

«... *pela sua queda veio a salvação aos gentios ...*» (Rom. 11.11).

Rom. 11.17 e 25 («*Israel... não o alcançou*», e «*o endurecimento veio ... sobre Israel*») deveriam convencer o estudioso inteligente da Palavra de Deus que *Paulo compreendia* que Deus tinha posto de parte a nação e que uma cegueira judicial já se tinha precipitado sobre ela.

Por conseguinte, quando ele abre a sua epístola aos Romanos ele argumenta com a sua *responsabilidade* de ter de ir aos Gentios. Repare na ênfase dada nesta passagem:

«*Não quero, porém, irmãos, que ignoreis que muitas vezes propus ir ter convosco (mas até agora tenho sido impedido) para também ter entre vós algum fruto, como também entre os demais Gentios.*

«*Eu sou devedor, tanto a Gregos como a Bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.*

«*E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma.*

«*Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do Judeu, e também do Grego*» (Rom. 1.13-16).

O seu argumento aqui é claramente que ele não se envergonhava de ir aos *Gentios em Roma* com o evangelho, visto que este é o poder de Deus para a salvação DE TODO AQUELE QUE CRÊ.

O evangelho *tinha sido* enviado primeiro aos Judeus, mas agora, por intermédio de Paulo, iria ser enviado aos Gentios, e Paulo estava pronto, com todas as suas forças, para *também* pregar aos que estavam *em Roma*.

Considerado assim, à luz do seu contexto, Rom. 1.16 não colide, de modo algum, com o resto de Romanos. Mas os que usam esta passagem para ensinar hoje a precedência Judaica não vêem uma das lições básicas da epístola aos Romanos.

«Porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus» (Rom. 3.22,23).

«Porquanto não há diferença entre Judeu e Grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.

«Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo» (Rom. 10.12,13).

O grande motivo para a obra missionária Judaica nos nossos dias não nos é apresentado em Rom. 1.16, mas em Rom. 11.30-33:

«Porque assim como vós [Gentios] também antigamente fostes desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles,

«Assim também estes agora foram desobedientes, **para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada.**

«Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, **para com todos usar de misericórdia.**

«Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão inescrutáveis os Seus caminhos!»

PAULO E O MISTÉRIO

A questão do ministério inicial de Paulo é importante para a compreensão do mistério. Há muitos que vêem as partes componentes do mistério mas não conseguem encaixar as peças. Resultado? Ainda têm um *puzzle* e não um quadro. Não vêem o crescimento, o progresso, o desenvolvimento da revelação do maravilhoso plano de Deus. Não vêem como, quando parecia que o propósito profético falhara, ficando os Gentios privados da bênção devido à incredulidade de Israel, Deus regeu a situação e revelou o Seu propósito de graça eterno e secreto, que explicava, ao mesmo tempo, como, e apenas como, o propósito profético podia e seria depois realizado; e, de que modo apenas *qualquer* pecador poderia ser salvo. E isto leva-nos a exclamar com o Salmista, «*Certamente*

a cólera do homem redundará em Teu louvor; o restante da cólera Tu o restringirás».

Todavia este propósito eterno e secreto não foi revelado a Paulo numa única revelação, porém em muitas, de forma gradual (Act. 22.17,18; 26.16; 2 Cor. 12.1,7).

Não há dúvida nenhuma de que o Apóstolo não apenas recebeu como também comunicou *um* grande corpo de verdade *de modo gradual*, senão a expressão *dele* «*o meu evangelho*» (singular), e a nossa expressão, “O ministério distinto de Paulo” seriam expressões erradas.

O velho programa foi desactivado gradualmente à medida que o novo tomava o seu lugar. Na revelação dada a Paulo houve desenvolvimentos do mesmo modo que na revelação histórica do propósito de Deus. Deus levantou Paulo para *um* grande propósito, afim de proclamar *uma* grande mensagem (Efé. 3.1-13; Act. 20.24), ainda que a mensagem dele confirmasse e não contradissesse de modo algum a mensagem de Pedro e dos onze a respeito de Cristo.

Houve um tempo em que o autor via o mistério como um ponto particular da pregação de Paulo, porém agora, graças a Deus, vê-o como uma grande, grande mensagem, cujo alcance é inefavelmente precioso.

Aos irmãos que defendem a ideia dos “dois corpos” gostaríamos de colocar para sua consideração a seguinte proposição:

Concordamos que antes de Paulo Deus tenha tido um propósito *profético revelado*. Também concordamos que ele tenha tornado conhecido o seu propósito eterno e secreto por meio de Paulo. Deus terá tido ainda *um outro* propósito, uma espécie de amortecedor entre os dois? Qual foi a mensagem de Paulo durante o princípio do seu ministério, ou seja, durante o período dos Actos? Terá sido o evangelho do reino? Com toda a certeza que não. Terá sido o evangelho da circuncisão? Gál. 2.7 prova que não. Qual foi, então? Foi «*o evangelho da incircuncisão*», «*o evangelho da graça de Deus*», e este não pode ser dissociado do mistério.

É claro que se trata de uma afirmação gratuita argumentar dizendo que Paulo tinha “um ministério especial temporário” durante o período dos Actos, pois foi no fim do período dos Actos que ele disse:

«Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus» (Act. 20.24).

O que temos de reconhecer é simplesmente que a velha economia era aquela sob a qual ele foi salvo e *da qual ele emergiu gradualmente*; também que Deus, historicamente, introduziu gradualmente a nova economia. Portanto para ele estava correcto e era coerente fazer certas coisas antes de Actos 28 que teriam sido contrárias à vontade de Deus depois desse tempo.

Também será gratuito insistir que Paulo recebeu a revelação do mistério quando foi preso em Roma. Nós não temos qualquer registo de uma tal revelação. E argumentar que essa tal suposta revelação suplantou as outras revelações dele não é apenas gratuito – é uma contradição absoluta das Escrituras, pois em Efé. 6.20 e Col. 4.3 ele afirma claramente que está na prisão PELO mistério, isto é, para o proclamar.

Tinha sido *profetizado* que Deus abençoaria as nações por intermédio do *levantamento* de Israel. Era um mistério (até ser revelado a Paulo e por seu intermédio) que Deus abençoaria as nações através da *queda* de Israel, e que, pondo de parte a nação, Ele reconciliaria crentes Judeus e Gentios Consigo mesmo num corpo, pela cruz. Éste é o âmago do mistério, e encontra-se nas primeiras epístolas de Paulo.

NADA MAIS

Nós não nos devemos dispersar do propósito deste livro para tratar com mais incidentes do livro dos Actos e passagens das primeiras epístolas de Paulo que provam que o princípio do ministério de Paulo era principalmente para os Gentios, mas há uma passagem que ainda deve ser examinada, visto que, provavelmente, tem sido usada mais do qualquer outra pelos nossos irmãos que crêem na ideia dos “dois corpos”. Trata-se de Actos 26.22, onde o apóstolo, erguendo-se diante de Agripa, declara:

«Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permanece dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não

dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer».

Esta passagem, na opinião deles, é prova suficiente de que até ao fim dos Actos Paulo não disse *nada* que os profetas não tivessem já predito, limitando o seu ministério à proclamação exclusiva do propósito profético de Deus. Assim, com efeito, eles põem Paulo a pregar «*o evangelho da circuncisão*» que ele diz claramente que *não* lhe foi confiado.

Mas isto é apenas o começo das suas inconsistências, pois ensinar de Actos 26.22 que Paulo não tinha ensinado nada que os profetas não tivessem já predito é manifestamente *contrário ao registo bíblico*.

Os profetas tinham predito a salvação dos Gentios por meio da *queda* de Israel? Predisseram «*o evangelho da graça de Deus*», no qual nem a circuncisão nem a lei têm qualquer lugar? Alguma vez deram, ao menos, a entender que Judeus e Gentios seriam baptizados num só corpo, pelo Espírito? Alguma vez disseram, ou sabiam algo, sobre o arrebatamento da Igreja? No entanto tudo isto, e mais, é encontrado nos Actos e nas primeiras epístolas de Paulo escritas durante esse período.

O problema é que os nossos irmãos têm separado Actos 26.22 dos seu contexto, pois o resto da citação especifica claramente o que significa o «*nada mais*» a que o apóstolo se refere:

«Isto é, que o Cristo devia padecer, e sendo o primeiro da ressurreição dentre os mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios» (Ver. 23).

Os Judeus tinham-se voltado contra Paulo por este ir aos Gentios e ele aqui protesta que isto não é nada que os profetas e Moisés não tenham dito que aconteceria. Os Judeus não tinham razão para se queixarem, pois tinha sido claramente profetizado que Cristo deveria experimentar a morte e ressuscitar para revelar luz não apenas a Israel, mas também aos Gentios.

Assim, entre a profecia e o mistério proclamado por Paulo há *relações*, mas também há *distinções*, pois a *razão* de Deus estar agora a abençoar os Gentios não era a mesma que a que tinha sido predita na profecia. Isto é salientado, por exemplo, em Actos 13.46, onde o apóstolo declara:

«*Era mister [segundo o programa profético] que a vós [Judeus] se vos pregasse primeiro a Palavra de Deus; mas, [Notemos que algo diferente está agora a ocorrer] visto que a rejeitais, e não vos julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os Gentios*»,

Assim, a bênção estava agora a ir para os Gentios, como Deus tinha planeado desde o princípio. Contudo, Deus não estava a abençoá-los por meio do *levantamento* de Israel (como na profecia) mas através da sua *queda* (como no mistério). Ele estava a abençoar os Gentios *a despeito* da teimosia de Israel e não por sua instrumentalidade. A rebelião de Israel tinha criado um “nariz levantado”, por assim dizer, mas, em graça, Deus partiu o nariz!

Em resumo, *como* é que a salvação de Deus vai para os Gentios? *Por meio* de Israel? Não, mas *a despeito* de Israel (Act. 13.46). Como resultado do *levantamento* de Israel? Não, mas como resultado da sua *queda* (Rom. 11.11). Por meio do poder do Cristo entronizado? Não, mas pela *graça* do Cristo *rejeitado* (I Tim. 1.13-16). Por meio do ministério de *Pedro* e dos *onze*? Não, mas através do ministério de *Paulo* (Rom. 11.13; 15.16). Sob a “*grande comissão*”? Não, mas sob uma comissão muito maior (II Cor. 5.16-21).

*A Pedra de Toque da
Revelação Divina*

Capítulo XIII

O MINISTÉRIO PRISIONAL DE PAULO

DERROTA OU TRIUNFO?

O aprisionamento de Paulo em Roma enriqueceu a Igreja com as suas cartas mais preciosas – que nos conduzem ao pináculo da verdade espiritual, como por exemplo, Efésios, que tem tanto a dizer acerca do Corpo, Colossenses que exalta tanto Cabeça, e Filipenses, onde vemos a Cabeça a trabalhar através do Corpo.

Com isto em mente consideremos se Paulo agiu bem ou mal ao fazer a sua última jornada a Jerusalém – que teve como resultado o seu aprisionamento em Roma.

Na nossa pesquisa sobre este assunto ficámos espantados com duas coisas: (1) a extrema escassez de escritos compreensivos sobre um assunto tão manifestamente significativo, e (2) o facto de que as breves anotações na maioria dos comentários sobre os Actos serem tão tendenciosos, ignorando os argumentos dum lado ou do outro, segundo os pontos de vista dos escritores.

Por conseguinte listaremos os principais argumentos bíblicos de ambos os lados para vermos como podem ser reconciliados.

**OS ARGUMENTOS A FAVOR DA IDA DE
PAULO A JERUSALÉM NESTA ALTURA**

1. Os planos de Paulo não foram feitos «*segundo a carne*» (II Cor. 1.15-17).
2. Mais tarde, erguendo-se diante do Sinédrio, e mais tarde ainda, numa carta a Timóteo, o apóstolo declarou que desde a sua juventude tinha servido a Deus com uma consciência pura (Act. 23.1; II Tim. 1.3).
3. Ele afirmou a sua determinação em continuar a jornada para Jerusalém de modo a poder acabar a sua carreira e ministério «*com alegria*» (Act. 20.24)..

4. Quando os amigos dele não conseguiram dissuadi-lo do seu propósito de ir a Jerusalém, disseram: «*Faça-se a vontade do Senhor*».

5. Depois de Paulo ter chegado a Jerusalém o Senhor, em vez de o repreender, *encorajou-o*, dizendo, «*Paulo, tem ânimo; porque, como de Mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma*» (Act. 23.11).

6. Pouco antes de morrer, Paulo escreveu: «*Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé*» (II Tim. 4.7), o que, alega-se, não poderia ter afirmado se tivesse estado deslocado da vontade do Senhor ao efectuar esta jornada para Jerusalém.

No entanto estes argumentos não são tão conclusivos como à primeira vista parecem.

Quanto ao Nº1, o apóstolo, em II Cor. 1.15-17, não se referia a *todos* os seus planos, ou propósitos, muito menos ao seu propósito de visitar Jerusalém pela última vez. Pelo contrário, referiu-se ao seu anterior plano de visitar os *Coríntios* (Ver. 15). Foi a este respeito de mudança no seu plano que ele protestou: «*E, deliberando isto, usei porventura de leviandade? Ou o que delibero, o delibero segundo a carne, para que haja em mim sim, sim, e não, não?*» (Ver. 17).

Quanto ao Nº2, é claro no seu próprio testemunho que ele estava longe da perfeição, e que o seu clamor de ter vivido diante de Deus desde a sua juventude com uma consciência pura refere-se, não a todos os detalhes da sua vida, mas ao rumo que ele adoptou quando no princípio se opôs a Cristo, tendo-se volvido depois para Ele, tendo-O servido. Na verdade, o facto de ele até ter perseguido Cristo com uma consciência pura (Act. 26.9) prova que é possível agir erradamente com uma consciência limpa, apesar de distorcida.

O Nº 4 será já tratado directamente, mas consideremos primeiro os Nºs 5 e 6.

Ninguém negará que os *motivos* de Paulo na sua ida a Jerusalém nesta altura eram os mais elevados. Ele sentia-se profundamente endividado para com os seus patrícios, e estava a arriscar a sua própria vida indo pregar-lhes graça. Será, então, estranho que Deus o *encoraje* depois da sua nobre posição diante da multidão enfurecida em Jerusalém e diante do Sinédrio? Não *esperaríamos* que Deus fizesse isso? Notemos como Ele encorajou o abatido Elias após a sua ousada tomada de posição

no Monte Carmelo (I Reis 19.5-8). O encorajamento que Deus deu a Paulo neste caso de forma alguma prova que ele estivesse na vontade de Deus *directiva* indo a Jerusalém nesta altura, ou que Deus o tenha enviado lá.

Assim, as palavras de resignação, «*Faça-se a vontade do Senhor*» (sob o Nº 4), referem-se à vontade de Deus *permissiva*, não à Sua vontade *directiva*. Elas foram ditas quando *não puderam convencer* o apóstolo.

Finalmente, quanto ao Nº 6: Tome alguma falha que puder encontrar em Paulo no registo das Escrituras; depois compare-a com o *resto* do registo e interrogue-se se não era mais do que justificado afirmar: «*Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé*». Qual de nós fez metade tão bem?

OS ARGUMENTOS CONTRA A IDA DE PAULO A JERUSALÉM NESTA ALTURA

Estes, por sua vez, são sobretudo como se segue:

1. Muito tempo antes disto acontecer o Senhor tinha ordenado a Paulo que abandonasse Jerusalém, explicando: «[Eles] não receberão o teu testemunho acerca de Mim» (Act. 22.18).

2. Não há nenhum registo de que Paulo tenha tido qualquer oportunidade para testemunhar do «*evangelho da graça de Deus*» em Jerusalém, como ele esperava. Certamente que não o faria sujeitando-se a uma cerimónia Judaica.

3. Não há nenhum registo de que quer o Senhor Jesus quer o Espírito Santo tivessem dirigido Paulo a fazer esta visita a Jerusalém (Ctr. Gál. 2.2). Se ele tivesse sido dirigido a ir decerto que isso teria sido declarado, especialmente face a todos os avisos e rogos *contra* a sua ida.

4. Quando no caminho, ele recebeu vários avisos *do Espírito* quanto ao que lhe sucederia se subisse a Jerusalém (Act. 20.23; 21.10,11), e é claramente declarado que os discípulos em Tiro «*diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém*» (Act. 21.4).

5. Ele foi levado de Jerusalém para Roma como «*o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os Gentios*» (Efé. 3.1). Ele também era prisioneiro *de* Cristo, mas *nesta* relação ele era prisioneiro *de* Cristo por amor dos Gentios.

Temos de confessar que estamos perplexos por ver tão poucos comentadores que tenham compreendido o significado simples desta frase, «*o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os Gentios*». Ele não diz aqui que ele era um prisioneiro *de* Cristo (embora isso também fosse verdade). Ele não diz que era prisioneiro dos Judeus ou dos Romanos. Ele diz que era «*o prisioneiro DE Jesus Cristo, POR vós, os Gentios*», isto é, Jesus Cristo estava a retê-lo na prisão por amor dos Gentios, não como punição, mas para o coração dele ser guardado de voltar-se para os seus patrícios segundo a carne; aqueles por cuja apostasia ele se sentia tão grandemente responsável.

O ESPÍRITO DE PAULO E O ESPÍRITO SANTO

A questão quanto a exactamente o Espírito Santo e o próprio espírito de Paulo estiveram envolvidos neste episódio não é realmente difícil de responder.

A palavra *espírito* (Gr., *pneuma*) é usada cinco vezes no registo, e nós cremos que em cada caso tanto o espírito de Paulo como o Espírito Santo são referidos.

Em Actos 19.21 lemos que «*Paulo propôs, em espírito, ir a Jerusalém*». Ora a frase «*em espírito*» é usada muitas vezes em relação ao próprio espírito³⁴ do homem e se não houvesse a necessidade de se provar, provavelmente, nunca seria questionada a interpretação natural, a saber, que Paulo resolveu no seu espírito ir a Jerusalém.

Notemos com cuidado que foi *Paulo* que se *propôs* ir a Jerusalém. Não seria esticar demasiado a coisa se for interpretado que isto significa que o *Espírito Santo* o guiou, ou o instruiu para que fosse?

Certamente que isto não nega o facto do termo «*no espírito*» indica que foi a parte mais elevada do ser de Paulo que o moveu a ir.³⁵

A *Versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida*, e, na verdade, a maioria das traduções, traduz a palavra «*espírito*» com um “e” minúsculo tanto em Actos 19.21 como 20.22 como significado natural do

³⁴ Ver Actos 18.5,25; I Cor. 5.3; II Cor. 2.13, passagens que, à semelhança da 19.21, contêm o artigo definido *o* no original – *no espírito*.

³⁵ Porém até o espírito do crente pode errar, como I Tes. 5.23 indicia claramente.

original, e esta tradução é confirmada pelo facto do *Espírito Santo* ser, inquestionavelmente, referido em todos os três avisos e exortações para não ir a Jerusalém.

Nós já vimos anteriormente que o próprio Paulo declarou que «o *Espírito Santo*» o avisou dos resultados que aconteceriam se ele fosse a Jerusalém nesta altura. E a esta declaração devemos acrescentar Act. 21.4, onde os discípulos em Tiro disseram «*pelo Espírito ... a Paulo que não subisse a Jerusalém*» e Act. 21.10,11, onde «*Ágabo ... vindo ter connosco, tomou a cinta de Paulo, e ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus em Jerusalém o homem de quem é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos Gentios*».

Aqui, João Ferreira de Almeida e a maioria das traduções emprega o “S” maiúsculo e fá-lo bem, pois nestas duas passagens as referências são claramente ao Espírito Santo.

Assim, não pode haver aqui dúvidas de que Lucas e os outros companheiros de Paulo, como igualmente «os que eram daquele lugar», viram a profecia de Ágabo como um aviso de Deus quanto ao que sucederia a Paulo se ele persistisse no seu propósito de ir a Jerusalém, pois todos eles rogaram-lhe, com lágrimas, «que não subisse a Jerusalém» e foi só quando não puderam «convencê-lo» que eles disseram «*Faça-se a vontade do Senhor [isto é, a Sua vontade permissiva]*» (Act. 21.12-14).

A SOLUÇÃO

Por conseguinte, à luz de todos os principais textos das Escrituras que sustentam a questão da vontade de Deus na ida, ou não, de Paulo a Jerusalém nesta altura, nós encontramos-nos em melhor posição para encontrar a solução para o problema.

Primeiro, não há *nenhuma indicação* no registo de que Paulo estivesse na vontade *directiva* de Deus ao fazer esta última jornada para Jerusalém, no entanto também não é evidente que ele tenha estado *conscientemente deslocado da vontade de Deus* ao ir; na verdade, ele achava que devia ir, impelido pela parte mais elevada da sua natureza.

Nesta matéria Paulo apresentou três razões para ir a Jerusalém nesta altura: (1) «*para ministrar aos santos*» (Rom. 15.25). (2) *para «adorar»* (Act. 20.16; 24.11) e (3) «*para dar testemunho do evangelho da graça de Deus*» (Act. 20.24). As primeiras duas visavam o fomento de melhores relações entre os crentes Judeus e as igrejas Gentílicas, e assegurar tanto a crentes como descrentes em Jerusalém que ele não desprezava a Lei de Moisés. A terceira razão, contudo, era a mais importante.

Nós vemos o cenário todo assim:

Na sua primeira visita a Jerusalém após a sua conversão, o Senhor mandou-o claramente:

«Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém; porque não receberão o teu testemunho acerca de Mim» (Act. 22.18).

Nessa altura Paulo até debateu a questão com o Senhor. Estas pessoas, argumentou ele, sabiam como ele as tinha liderado na sua perseguição a Cristo; como ele tinha aprisionado e torturado em todas as sinagogas os que criam em Cristo, e tinha consentido e ajudado no apedrejamento de Estêvão. É claro que eles o escutariam, e o seu testemunho bem podia levá-los a deixarem a sua inimizade contra Cristo e a confiarem n'Ele. Porém o Senhor sabia mais, e retorquiu sumariamente:

«Vai, porque hei de enviar-te aos Gentios de longe» (Act. 22.21).

No entanto, apesar de ter sido enviado aos Gentios com novas gloriosas, o coração do apóstolo continuava a sangrar pelo seu amado povo, que ele tinha levado a rebelar-se contra Cristo. Ele escreve sobre isto com grande emoção. Em Rom. 9.1-3 ele fala da sua «*grande tristeza e contínua dor*» por causa da condição deles, e afiança solenemente diante de Deus que se fosse possível desejaria ser, ele próprio, amaldiçoado por eles. Mais, em Rom. 10.1 ele diz fervorosamente que «*o bom desejo do seu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação*».

Paulo não apenas tinha pena da obstinação dos seus parentes; ele sentia-se *responsável* por os ter conduzido, uns escassos anos atrás, na sua oposição a Cristo. Ele também se sentia responsável *perante o Senhor* por ter fomentado todo este ódio contra Ele.

Foi assim que mesmo apesar do Espírito Santo ter dado testemunho em todas as cidades de que cadeias e aflições o esperariam se ele subisse a Jerusalém, ele ainda se sentia impelido a ir «*ligado ... pelo espírito*». De facto pensava que deveria ir para consumir a carreira e ministério que lhe tinham sido atribuídos.³⁶

A declaração dos discípulos em Tiro certamente que é o argumento mais forte dos que defendem que Paulo estava completamente errado e fora da vontade de Deus ao ir. Estes discípulos tinham, evidentemente, o dom da profecia. «*Eles pelo Espírito diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém*» (Act. 21.4).

Contudo, deve ser notado que a palavra Grega para *não*, aqui, não é a palavra Grega **ou**, mas **me**. Trata-se de um *não subjectivo* e não *objectivo*, lidando com pensamentos e sentimentos e não com factos, como **ou** faz. Enquanto **ou** *nega ou impede uma coisa de forma directa e absoluta*, **me** fá-lo segundo o juízo ou desejo. Assim o Grego aqui não indica uma proibição directa, mas um *aviso* e um *rogo*.

Todavia, estes discípulos de Tiro não estavam preocupados meramente com o bem estar de Paulo; foi «*pelo Espírito*» que disseram a Paulo que não subisse a Jerusalém. Se Actos 21.4 se refere meramente a uma declaração profética, ou aos seus argumentos durante a visita de sete dias, não é certo.

O maior teste, provavelmente, veio quando o profeta, Ágabo,³⁷ de Cesareia, num impressionante aviso dramático, predisse a captura e prisão de Paulo em Jerusalém, levando tanto os seus companheiros de viagem como os seus amigos de Cesareia a rogarem-lhe, chorando, para não persistir no seu propósito (Act. 21.10-12).

³⁶ Uma nota de rodapé na *Bíblia Anotada de Scofield* (P. 1178, versão Americana) sugere que Paulo tinha em mente “os *crentes* Judeus ligados à lei” quando falou do «*dar testemunho do evangelho da graça de Deus*». Contudo isso parece improvável, uma vez que ele já tinha *comunicado* a sua mensagem aos crentes em Jerusalém (Gál. 2.7-9) e até tinha *disputado* com eles acerca disso, de modo que testemunhar-*lhes* acerca do evangelho da graça de Deus não era requisito para a consumação da sua carreira. Foi à multidão Judaica e aos seus líderes que ele não tinha podido dar este testemunho (Cf. Act. 22.19,20).

³⁷ Já conhecido como um verdadeiro profeta (Act. 11.27,28).

Argumentar que os incidentes atrás eram apenas interpretados pelo Espírito Santo como um desafio para encorajar Paulo a ir a Jerusalém é certamente contrário ao que estas passagens dizem tão claramente. Porém a natureza humana é complexa, e é evidente que *ele* não as considerou como *condenatórias* da sua acção, mas pelo contrário como testes à sua fidelidade (Act. 21.13; cf. 20.24).

Portanto apesar de Paulo não ter sido divinamente *conduzido* a Jerusalém nesta ocasião, como pelo menos foi noutra (Gál. 2.2), e de ter, de facto, sido avisado das cadeias e aflições que o aguardariam se fosse, ele foi, no entanto, num espírito de fidelidade ao seu Senhor, e - isto é importante - *Deus usou-o para apresentar a Israel mais um veemente argumento dos lábios daquele que tinha sido avisado para não ir a eles; daquele a quem tinha sido dito que eles não dariam ouvidos; que agora se erguia diante deles em cadeias, relatando a história da sua conversão, para ver se porventura isso podia conduzir à deles.*

Depois disto o apóstolo foi levado para Roma em cadeias para se tornar «*o prisioneiro de Jesus Cristo*» pelos Gentios (Efé. 3.1). Nós repetimos que as passagens que declaram isto não dizem que ele era prisioneiro *por* Cristo (ainda que isto seja verdadeiro). Não diz que ele era prisioneiro dos Judeus ou dos Romanos. Diz que era «*o prisioneiro de Jesus Cristo POR vós, os Gentios*». Isto é, Jesus Cristo estava a retê-lo na prisão por amor dos Gentios, não como punição, mas para o coração dele ser guardado de voltar-se para os seus patrícios segundo a carne; aqueles por cuja apostasia ele se sentia tão grandemente responsável.

(As partes da secção que se segue são basicamente extraídas do livro do autor, *Actos Dispensacionalmente Considerados, Vol. III, Pp. 230-241*).

O MINISTÉRIO DE PAULO COMO PRISIONEIRO

É tocante notar que o registo aqui não contém um único indício de qualquer rebelião da parte de Paulo, ou de qualquer incómodo pelo modo como Deus tratou com ele.

Pelo contrário, diante de Judeus e do Sinédrio, ambos os quais interromperam os seus discursos devido ao *seu* [*deles*] mau temperamento, ele manteve o equilíbrio e comportou-se como um verdadeiro e grande homem de Deus.

A profecia de Ágabo já estava a ser cumprida, não no facto dos Judeus terem, eles mesmo, atado Paulo, mas, como no caso do seu Senhor, *fazendo com que* ele fosse atado «*com duas cadeias*» (Act. 21.33). De facto, eram os Judeus que agora insistiam, não meramente na sua prisão, mas na sua execução como criminoso merecedor de morte. «*Mais de quarenta*» deles «*fizeram uma conspiração, e juraram, dizendo que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem a Paulo*» (Act. 23.12,13). Contudo, isto resultou em ele ser enviado para Cesareia sob forte escolta a fim de ter uma audiência com o governador Félix.

Porém o sumo sacerdote, Ananias, não perdeu tempo em processar o homem que o tinha chamado de «*parede branqueada*», pois apenas cinco dias depois de Paulo ter partido de Jerusalém, ele e os anciãos Judeus, juntamente com um orador chamado Tértulo, percorreram os 120 kms que os separava de Cesareia afim de processar Paulo (24.1). Todavia, as acusações deles não resultaram no veredicto imediato de Paulo. Em vez disso ele ficou em Cesareia, sob *custódia militar*³⁸ durante dois anos (Act. 24.27).

Félix esperava que Paulo, que tinha vindo a Jerusalém com grande quantidade de dinheiro, o subornasse, «*Esperando ao mesmo tempo que Paulo lhe desse dinheiro, para que o soltasse*» (Act. 24.26). Porém não foi dado suborno nenhum, e o registo informa-nos que,

«... *passados dois anos, Félix*³⁹ *teve por sucessor a Pórcio Festo; e, querendo Félix comprazer aos judeus, deixou a Paulo preso*» (Ver. 27).

E Festo também queria «*comprazer aos Judeus*», ao sugerir a Paulo que talvez devesse regressar a Jerusalém para mais uma audiência. Foi aqui que Paulo, reclamando os seus direitos de cidadania Romana, apelou para César (Act. 25.9-12).

³⁸ Ver os *Actos Considerados Dispensacionalmente* do autor, Vol. IV, P. 100, sobre a questão da *custódia militar*.

³⁹ Nota: *Félix*, não Festo. Evidentemente ele não tinha intenção de chamar Lísias, o tribuno Romano, para que desse o seu testemunho, como tinha declarado (Ver. 22).

Assim, a nação de Israel é, em proporção crescente, deixada para trás no ministério do apóstolo, e ele emerge cada vez mais proeminentemente como «*o apóstolo dos Gentios*».

Foi durante os escassos dias em que Paulo aguardava ser levado para César em Roma, que o Rei Herodes Agripa II, superior de Festo, surgiu em cena e expressou o desejo de ouvir o próprio Paulo. É nesta audição que o estado de espírito recheado de gratidão e de felicidade de Paulo resplandece mais.

As palavras de abertura de Festo, «*aqui vedes um homem*» emprestam uma característica patética à cena. Eis ali o grande apóstolo, evidentemente um homem com alguns recursos nesta altura,⁴⁰ e certamente alguém que deveria ter sido objecto das mais altas honras em vez de acusado de crimes. Ali estava ele, um prisioneiro em cadeias, diante de todos estes dignatários: Agripa e Berenice, Festo o governador, o tribuno, e os principais homens da cidade, o Sumo sacerdote, Tértulo, e os anciãos dos Judeus (24.1; 25,23,24).

Do anteriormente dito, e das palavras de Paulo em Act. 26.29, parece que a sala do tribunal estava pejada de ouvintes interessados na audiência, para além das figuras de proa atrás mencionadas.

A defesa de Paulo foi interrompida por duas vezes: primeiro por Festo que, evidentemente muito perturbado, disse «*em alta voz*»:

«*Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar*» (26.24).

Aqui, Paulo, plenamente sereno, respondeu com cortesia:

«*Não deliro, ó potentíssimo Festo; antes digo palavras de verdade e de um são juízo*» (Ver.25).

Ele percebeu que Festo estava provavelmente a tentar encobrir os seus sentimentos de convicção com esta explosão. Assim, referindo-se de imediato ao rei, explica a Festo que o Rei Agripa tem conhecimento de todas estas coisas; que pode falar à vontade diante dele, e que está convencido de que ele não ignorava os detalhes deste caso, visto não ter sido feito «*em qualquer canto*».

⁴⁰ Ver *Actos Considerados Dispensacionalmente*, Vol. IV, Pp. 107,108.

O apóstolo sabia que Agripa não apenas tinha sido educado na religião Judaica, como estava, há muito, ligado politicamente a Israel.

E agora ele diz algo, mais para convencer Festo do que para se defender. Voltando-se a dirigir pessoalmente a Agripa, ele pergunta: «*Crês tu nos profetas, ó rei Agripa?*» e acrescenta logo a seguir, «*Bem sei que crês*» (Ver. 27). Ao recusar esperar pela resposta de Agripa à sua questão o apóstolo fez de novo o que era conveniente e sábio. Paulo, não Agripa, é que estava a ser julgado, e colocar o rei numa posição embaraçosa somente o irritaria. Assim, revelando um tacto admirável o apóstolo apela *indirectamente* ao próprio Agripa, usando-o como sua testemunha, e ao mesmo tempo levando a bom porto a verdade da sua argumentação. Foi isto que produziu a segunda interrupção – por Agripa – quando ele diz a Paulo:

«*Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!*»⁴¹ (Ver. 28).

Qualquer que tenha sido o grau de sinceridade de Agripa nesta matéria; se ele também procurou encobrir a profundidade dos seus sentimentos ao falar alegremente, ou se ele pretendia, ne verdade, expressar a sua verdadeira convicção, Paulo foi célere em tirar vantagem da situação. Revelando o peso que lhe ia na alma, não apenas por Agripa, mas por Festo e todos os presentes, Paulo retorquiu com enorme sentimento:

«*Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo, se tornassem tais qual eu sou, excepto estas cadeias*» (Ver. 29).

Soará isto a palavras de alguém que estava infeliz com a forma de Deus lidar com ele? De facto, que grande servo de Deus era o apóstolo! Que profundidade no zelo: «*Prouvera a Deus*». Que largueza de coração: «*não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo*». Quão altruísta: *Ei-lo* em cadeias, mas anelando pela salvação deles. Quão gloriosamente triunfante: *Desejo que vós – todos vós – fossem como eu*. Quão poderoso o seu argumento: «*Por pouco*» não é suficiente. *Tem que ser «tais qual eu sou», isto é, inteiramente.*

⁴¹ Nós rejeitamos os argumentos dos que alteram esta frase, que a Versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida tem aqui tão belamente expressa, fazendo-a significar algo completamente diferente.

E o toque mais primoroso da cortesia e graça Cristã encontra-se nas suas palavras: «*excepto estas cadeias*». Ele tinha sofrido muito por Cristo, porém ele não disse, “Desejo que vós pudésseis sentir o peso destas cadeias”. Ele não desejava nada *daquilo* para eles. Ele apenas desejava que eles experimentassem a paz e a certeza e gozo que enchiam o seu coração. Nós também imaginamos que ele pode ter acrescentado esta última frase num abrir e fechar de olhos, para indicar que *estava são!*

A CONFIRMAÇÃO DA REJEIÇÃO DE CRISTO POR PARTE DE ISRAEL

Ao chegar a Roma, «*o centurião entregou os presos ao capitão da guarda; mas a Paulo se lhe permitiu morar por sua conta à parte, com o soldado que o guardava*» (Act. 28.16). Assim, por «*dois anos inteiros*» Paulo habitou «*na sua própria habitação [sempre guardado por um soldado] que alugara*» (Ver. 30).

E ele próprio convidou o primeiro grupo de visitantes. Chamando «*os principais dos Judeus*» acordaram uma data em que pudessem debater mais plenamente a sua situação e a sua mensagem. Lemos que «*muitos foram ter com ele*» para este debate e que o apóstolo lhes deu «*bom testemunho*» e procurou «*persuadi-los*» a respeito de Jesus «*desde a manhã até à tarde*» (Ver. 23).

Foi nesta altura que foi tornado completamente claro – para Paulo – que Israel e a sua esperança do reino tinham, de momento, sido postas de parte. Ele tinha até então viajado todo o tempo, de Jerusalém a Roma, indo, com consistência, «*primeiro ao Judeu*», mas invariavelmente com os mesmos resultados.

Deve ser notado que em cada uma das crises em que Paulo se voltou dos Judeus para os Gentios, foi tornado claro que *os próprios Judeus se estavam a reprovar a si mesmos* visto recusarem-se aceitar o Messias e o cumprimento das promessas.

Em Jerusalém o próprio Senhor tinha aparecido a Paulo, dizendo:

«Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém; porque não receberão o teu testemunho acerca de Mim» (Act. 22.18).

Em Antioquia da Pisídia o apóstolo tinha dito aos Judeus a respeito da Palavra de Deus para com eles:

«... *Visto que a rejeitais, e não vos julgais dignos da vida eterna ...*» (Act. 13.46).

Em Corinto, depois deles se terem colocado em oposição e de terem blasfemado:

«*O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo*» (Act. 18.6).

E agora *em Roma* é o mesmo, só que a sua resposta é mais forte e final. «*E, como ficaram entre si discordes, despediram-se*»,⁴² mas antes deles terem deixado de facto que Paulo pronunciasse sobre eles esta acusação severa:

«*E, como ficaram entre si discordes, despediram-se, dizendo Paulo esta palavra: Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías,*

Dizendo: Vai a este povo, e diz: De ouvido ouvireis, e de maneira nenhuma entendereis; E, vendo vereis, e de maneira nenhuma perceberéis.

«Porquanto o coração deste povo está endurecido, E com os ouvidos ouviram pesadamente, E fecharam os olhos, Para que nunca com os olhos vejam, Nem com os ouvidos ouçam, Nem do coração entendam, E se convertam, E eu os cure.

«Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é⁴³ enviada aos Gentios, e eles a ouvirão» (Act. 28.25-28).

Ao longo de todo o caminho Deus tinha mostrado ao apóstolo que a nação tinha sido posta de parte, mas agora depois de toda esta evidência, e com a paciência quase exausta pela sua enorme disputa com o preconceito e a incredulidade, que mais dúvidas poderia haver?

A sua própria chamada como apóstolo depois do apedrejamento de Estêvão só podia significar a introdução duma nova dispensação. O nosso

⁴² «*Começaram-se a despedir*», é usado o pretérito imperfeito.

⁴³ «*tem sido*», participio passado, como no Ver. 27, «*tem-se tornado*».

Senhor *tinha* doze apóstolos para reinar com Ele sobre as doze tribos de Israel.

Depois, como vimos, no seu regresso a Jerusalém após a sua conversão o Senhor declarou-lhe enfaticamente: «*não receberão o teu testemunho acerca de Mim*».

Mais tarde, aos Tessalonicenses, onde a oposição Judaica era tão intensa, o próprio apóstolo tinha escrito, «*a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim*» (I Tes. 2.15,16).

E agora, com todo este testemunho sobrenatural, com toda esta evidência da atitude de Israel durante todo o caminho desde Jerusalém até Roma, como é que ele podia deixar de pôr termo a esta questão na sua própria mente, mesmo apesar do seu coração ainda dever ter pulsado pelos seus parentes rebeldes? Agora, da forma mais decisiva, ele será «*o apóstolo dos Gentios*». Tinha sido fácil escrever isto aos Romanos, mas muito mais difícil de o aceitar como facto consumado uma vez que estava em causa o bem estar dos seus próprios patrícios.

É uma pena que alguns, ao lerem como na sua própria casa em Roma o apóstolo *pregava* «*o reino de Deus*», tenham interpretado que isto significava que ele proclamava o «*evangelho*» do reino ou o seu estabelecimento terreno. Quão errado! Naturalmente ele ter-lhes-á dito o que tinha *acontecido* ao reino. Ele ter-lhes-á explicado como o estabelecimento deste reino, proclamado por João Baptista, Cristo e os doze, estava agora a ser suspenso. Ele ter-lhes-á dito como o povo de Israel tinha rejeitado o Rei e o Seu reino e como o reino estava agora investido em Cristo no céu – pois Ele é o Rei legítimo. (Ver Col. 1.13).

AS EPÍSTOLAS PRISIONAIS

Mais tarde, numa masmorra no palácio de Nero o apóstolo teve a maior razão de sempre para aceitar a sua prisão como vontade graciosa de Deus para com ele – e para com os Gentios. Ele escreve aos crentes Filipenses:

«... quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho;

«De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares» (Fil. 1.12,13).

Ele está tão feliz no Senhor que está cheio de encorajamento para os crentes Filipenses. Escutemos este prisioneiro Romano:

« Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo,

«Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas» (Fil. 3.20,21).

«Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos» (Fil. 4.4).

«Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com acção de graças.

«E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus» (4.6,7).

Eis um prisioneiro feliz por si! Talvez mais do que tudo porque ele compreende claramente *porque* é que está assim detido.

Cinco vezes nestas epístolas ele autodenomina-se de «o prisioneiro de Jesus Cristo», e em Efé. 3.1-8 ele autodenomina-se «o prisioneiro de Jesus Cristo **por vós os Gentios**», e continua a explicar o porquê em detalhe.

Ele não podia viajar⁴⁴ mais pelas igrejas, ou sair para estabelecer novas, no entanto atentemos para os testemunhos constantes que foram proferidos da prisão. Desencorajado? Longe disso! Este habitante de uma prisão Romana cruel e vil, escreve sobre o estar assentado «*nos lugares celestiais, em Cristo Jesus*» (Efé. 2.4-7). Ele irrompe numa doxologia a Deus, «*que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo*» (1.3). Ele declara que é do propósito de Deus,

«*Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para connosco em Cristo Jesus*» (2.7).

Quão grande é o poder redentor de Cristo! Que mudança operou no homem que antes respirava «*ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor*»! Agora ele respira doxologias de louvor e gozo, mesmo sentado na prisão.

E nós, que temos vindo a conhecer algo do “mistério” por que Paulo viveu e morreu para o tornar conhecido, mantenhamo-nos a descobrir continuamente novas jóias preciosas de bênção nos escritos do «*prisioneiro de Jesus Cristo por vós os Gentios*».

⁴⁴ Excepto talvez mais tarde durante o período entre as suas duas prisões.

*Uma Visão Abrangente do
Apostolado e Mensagem de Paulo*

Capítulo XIV

PAULO E OS SEUS ANTECESSORES

**UM ESTUDO DOS ASPECTOS MAIS VASTOS
DA SUA MENSAGEM E MINISTÉRIO**

Para o crente imparcial na Palavra de Deus há provas esmagadoras de que o segredo do propósito eterno e graça de Deus foi comunicado primeiro por revelação ao Apóstolo Paulo, para, por sua vez, ele tornar conhecido aos outros.

Paulo não somente *declara* isto *por inspiração divina*, como as suas declarações são amplamente confirmadas ao compararmos a sua mensagem e ministério com as mensagens e ministérios de todos os seus antecessores.

Mas apesar das *distinções particulares* terem muitas vezes sido notadas nesta relação, sentimos que demasiado pouca atenção tem sido dada aos aspectos *mais vastos* da sua mensagem e ministério quando comparados com os dos seus antecessores. Aquelas grandes, amplas verdades que ele foi comissionado a revelar foram tema *constante* do seu discurso e cartas, e a sua conduta e vida estavam em harmonia perfeita com estas verdades e com a dispensação que ele introduziu.

A DISPENSAÇÃO DA GRAÇA

Começemos com a dispensação, ou o dispensar de *graça*.

Por vezes perguntam-nos: “Os outros antes de Paulo não falaram de *graça*?”

Sim, os outros antes de Paulo falaram de *graça*, mas antes de presumirmos demasiado disto consideremos alguns factos básicos:

Não é meramente Paulo, mas a Palavra inspirada que declara que «a *dispensação da graça de Deus*» foi-lhe confiada a ele (Efé. 3.2) e que foi

este o *ministério que recebeu «do Senhor Jesus»* para tornar conhecido «o evangelho da graça de Deus» (Act. 20.24). ESTE CLAMOR NÃO FOI FEITO POR NENHUM DOS SEUS ANTECESSORES, nem nenhum deles mencionou sequer a dispensação ou o evangelho da graça de Deus, tanto quanto está registado.

Para o crente esta evidência deveria ser conclusiva. Paulo foi o vaso escolhido de Deus, levantado especialmente para proclamar a mensagem e o programa da graça.

Mas para os que hesitam em aceitar estas declarações inspiradas no seu valor nominal temos uma evidência importante adicional a oferecer no facto de que NENHUM OUTRO ESCRITOR DA BÍBLIA – NEM MESMO TODOS OS OUTROS ESCRITORES DA BÍBLIA JUNTOS – TEREM A DIZER TANTO ACERCA DA GRAÇA.

A palavra Hebraica equivalente que Paulo usa para *graça* encontra-se apenas 68 vezes em *todo o Velho Testamento* (que é quase *doze vezes* o tamanho das epístolas de Paulo incluindo Hebreus) e nem sempre está relacionada com a *graça de Deus* e *nunca* com «a *dispensação da graça de Deus*».

Nos “Quatro Evangelhos” (quase *duas vezes* o tamanho das epístolas de Paulo) a palavra *graça* (Gr., *charis*), com os seus derivados, surge no original apenas 13 vezes (muitas vezes muito menos em algumas versões) e depois raramente numa relação doutrinal, muito menos dispensacional.

Comparativamente, as epístolas de Paulo, apenas um duodécimo do tamanho do Velho Testamento e metade do tamanho dos “Quatro Evangelhos”, emprega a palavra *graça* e os seus derivados nada menos do que 144 vezes, *muitas mais vezes do que todo o resto da Bíblia no seu conjunto, mais do que duas vezes todo o Velho Testamento* (12 vezes o seu tamanho), e *cerca de mais 11 vezes que os “Quatro Evangelhos”*, (duas vezes o seu tamanho). Além disso, nas epístolas de Paulo a palavra *graça* é usada *quase sempre* doutrinalmente, em relação com «a *dispensação da graça de Deus*».

Todas as epístolas assinadas com o nome de Paulo começam com uma proclamação de «*graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo*». Nas suas epístolas descobrimos que somos «*justificados gratuitamente pela Sua [de Deus] graça*» (Rom. 3.24), que

«onde o pecado abundou, superabundou a graça» (Rom. 5.20), para que «a graça reinasse» (Rom. 5.21). Lemos ali que não estamos «debaixo da lei, mas debaixo da graça» (Rom. 6.14), que «Deus é poderoso para fazer abundar ... toda a graça» para conosco, a fim de podermos abundar «em toda a boa obra» (II Cor. 9.8), que é propósito de Deus para os «séculos vindouros» mostrar «as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus» (Efé. 2.7). E poderíamos prosseguir, adicionando a evidência de que «a dispensação da graça de Deus» foi de facto confiada particularmente a Paulo para no-la tornar conhecida.

Um exame efectuado ao livro dos Actos revelará uma comparação semelhante. Ali a palavra *graça* é encontrada, no original, quatro vezes antes do levantamento de Paulo, e doze vezes depois. Antes do levantamento de Paulo *não é usada uma única vez* em relação à dispensação da graça ou à salvação pela graça, mas na segunda metade dos Actos, após a sua conversão, a palavra não apenas é usada mais vezes, como surge imediatamente relacionada com a *dispensação* da graça.

Quando Barnabé «viu a graça de Deus» a salvar Gentios em Antioquia da Síria, «se alegrou» (Act. 11.23). Quando os religiosos Judeus e prosélitos em Antioquia da Pisídia receberam a proclamação de Paulo acerca da salvação por meio de Cristo sem a Lei, ele e Barnabé «os exortavam a que **permanecessem na graça de Deus**» (13.38,39,43). Em Icónio, Paulo e Barnabé deram testemunho ousado da «Palavra da sua graça» (14.3). Mais tarde Pedro confirmou a mensagem de Paulo, ao declarar publicamente a sua convicção: «Cremos que [nós, Judeus] seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles [Gentios] também» (15.11). Em Éfeso Apolo «aproveitou muito aos que pela graça criam» (18.27). No seu caminho para Jerusalém Paulo afirmou a sua determinação em cumprir a comissão que Cristo lhe deu, «para dar testemunho do evangelho da graça de Deus» (20.24), e depois encomendou os anciãos em Éfeso «à palavra da Sua graça» (20.32).

A PREGAÇÃO DA CRUZ

Consideremos a apresentação que Paulo faz da morte do Senhor Jesus Cristo.

Foi novamente por *revelação divina* que o Apóstolo exclamou que a sua pregação era «*a pregação da cruz*», isto é, como boas novas, e que o *tema* da sua mensagem era «*Cristo crucificado*» (I Cor. 1.18,23). ESTE CLAMOR NÃO FOI FEITO POR NENHUM DOS SEUS ANTECESSORES. Ademais, este clamor também é amplamente confirmado pela comparação dos seus escritos com os dos seus antecessores.

Nas Escrituras do Velho Testamento as predições da morte de nosso Senhor, de Gén. 3.15 em diante, são propositadamente deixadas na obscuridade e é-nos dito explicitamente que apesar dos próprios profetas *terem investigado com diligência*, não descobriram quer a «*ocasião de tempo*» quer mesmo o que «*o Espírito*» «*indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir*» (I Ped. 1.10-12).

O mesmo se passa com os *tipos* da morte de nosso Senhor no Velho Testamento. *Agora* podemos olhar retrospectivamente para eles e exclamar que “Deus teve isto em mente o tempo todo!”, mas não nos é apresentado *um único exemplo* onde os *daquele tempo* se informaram, ou que compreendiam, que a morte de Cristo estava a ser prefigurada.

Depois, quando o nosso Senhor apareceu na terra Ele nem sequer *começou* a dizer aos Seus apóstolos que Ele tinha que sofrer e morrer senão próximo do fim do Seu ministério (Mat. 16.21; Mar. 8.31; Luc. 9.22), e com este resultado:

«*E Pedro, tomando-O de parte, começou a repreendê-Lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isso*» (Mat. 16.22).

Os próprios apóstolos de nosso Senhor ignoravam tanto o próprio *facto profético* da Sua morte que mais tarde, à própria sombra da cruz, quando Ele lhes disse *de novo* como tinha que sofrer e morrer e ressuscitar, eles ainda estavam desorientados.

«E eles nada disto entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia» (Luc. 18.34).

De facto, até mesmo em Pentecostes, quando a morte de Cristo já se tinha tornado num facto histórico, os seus méritos plenos ainda não tinham sido compreendidos.

Nos primeiros capítulos dos Actos nós ainda não encontramos a morte da cruz proclamada para a salvação. Pelo contrário, é referida como motivo de vergonha e de arrependimento. Pedro não oferece aos seus ouvintes o sangue derramado de Cristo para a remissão dos seus pecados. Ele *acusa-os* do derramamento daquele sangue e exige o arrependimento e o baptismo para o perdão dos pecados.

Porém, com o levantamento de Paulo tudo isto se altera. A crucificação assume um novo significado maravilhoso. A cruz, o sangue, a morte de Cristo tornam-se no próprio *tema* da sua mensagem. Ele fala disso constantemente, não em significados camuflados, mas em declarações abertas, *como boas novas (notícias)*, como aquilo à volta do qual o propósito eterno de Deus se volve e do qual toda a nossa bênção dimana.

NENHUM OUTRO ESCRITOR DA BÍBLIA TEM TANTO A DIZER ACERCA DA MORTE DE CRISTO.

O Apóstolo diz-nos pela inspiração do Espírito que:

Quando estávamos ainda *sem força (fracos)*, Cristo morreu a Seu tempo pelos ímpios (Rom. 5.6).

Cristo morreu por nós quando ainda éramos *pecadores* (Rom. 5.8).

Fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, quando éramos *inimigos* (Rom. 5.10).

Somos salvos por meio da *fé no Seu sangue* ((Rom. 3.25).

Temos a *redenção* através do Seu sangue (Efé. 1.7).

Somos *justificados* pelo Seu sangue (Rom. 5.9).

Somos *reconciliados* com Deus no corpo da Sua carne, pela morte (Col. 1.21,22).

Temos *paz* pelo sangue da Sua cruz (Col. 1.20).

Chegámos *perto* pelo sangue de Cristo ((Efé. 2.13).

Fomos *baptizados* na Sua morte (Rom. 6.3).

Fomos unidos *em um corpo* pela cruz (Efé. 2.16).

O *Concerto da Lei foi cravado na cruz* (Col. 2.14).

Pela morte, o Nosso Senhor *aniquilou aquele que tinha o império da morte* (Heb. 2.14).

Ele morreu para que os que vivem *não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou* (II Cor. 5.15).

Ele morreu para que *quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com Ele* (I Tes. 5.10).

Cristo crucificado é o *poder de Deus e a sabedoria de Deus* (I Cor. 1.23,24).

Nós *gloriamo-nos* apenas na cruz (Gál. 6.14).

Nós *anunciamos a morte do Senhor* [à Sua mesa] *até que Ele venha* (I Cor. 11.26).

Face ao exposto – e *muito mais* – não admira que a mensagem de Paulo se chame «*a pregação da cruz*».

O ANDAR DO CRENTE

Uma vez mais, com respeito à questão abrangente da vida e conduta do crente espiritual: NENHUM OUTRO ESCRITOR BÍBLICO DEDICA UMA PROPORÇÃO TÃO EXTENSA DOS SEUS ENSINOS À QUESTÃO DO ANDAR DO CRENTE.

Moisés tinha muito a dizer acerca do amar a Deus e da obediência aos Seus mandamentos, mas tornou-se evidente que a Lei Mosaica não produziria resultados, quando Deus a pronunciou “velha”⁴⁵ e prometeu fazer um novo concerto com o Seu povo, sob o qual Ele operaria no seu interior para que espontaneamente fizessem a Sua vontade (Jer. 31.31-34; Eze. 36.26,27; notemos a expressão «farei que»).

Em Pentecostes houve um antegosto desta bênção do reino quando o Espírito Santo fez com que os discípulos de Cristo profetizassem e também fez com que fizessem a Sua vontade, de acordo com a Sua promessa.

Daí não encontrarmos nos primeiros capítulos dos Actos os apóstolos e os discípulos a cometerem pecados e a tropeçarem. Eles estavam *todos CHEIOS do Espírito* (Act. 2.4), *completamente* sob o Seu controlo.

Deus demonstrou, assim, o facto de que a única forma de os Seus poderem obedecer-Lhe perfeitamente é quando *toma* *possessão* deles e *faz com que* façam a Sua vontade.

Contudo, como sabemos, Israel rejeitou o Rei e o Seu reino e essa operação do Espírito Santo cessou. Hoje Ele não toma mais a posse de homens, fazendo com que eles, sobrenaturalmente, ou profetizem, ou falem línguas, ou ainda façam a Sua vontade.

Mas Paulo foi levantado na graça de Deus para mostrar como, mesmo neste «*presente século mau*» nós podemos ter vitória espiritual *pela graça por meio da fé*, pois apesar do Espírito não *fazer com que* façamos a vontade de Deus automaticamente, Ele habita no interior do crente, sempre pronto para ajudar, e, assim, o que é providenciado pela graça podemos apropriar por meio da fé. *Que desafio!*⁴⁶

É por isto que o apóstolo tem tanto a dizer acerca da operação do Espírito *agora* e acerca da nossa vida e conduta espiritual *agora* neste século da rejeição de Cristo. É por causa disto que as doutrinas em cada uma das suas grandes epístolas às igrejas são seguidas de aplicações práticas ao nosso comportamento neste «*presente século mau*».

⁴⁵ «Dizendo **Nova aliança**, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar» (Heb. 8.13).

⁴⁶ Para uma discussão mais plena deste assunto ver o livro do autor, *Verdadeira Espiritualidade*, Pp. 87-99.

Que quantidade de escritos de Paulo poderíamos citar em apoio destes factos! O que a seguir se segue não é senão um conjunto de passagens representativas:

«... Considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor.

«Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscência;

«Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.

«Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça» (Rom. 6.11-14).

«Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte» (Rom. 8.2).

«E, se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita.

«De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne» (Rom. 8.11,12).

«Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?

«Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus» (I Cor. 6.19,20).

«Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados,

«Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,

«Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz» (Efé. 4.1-3).

Muito mais poderia ser acrescentado a tudo isto para mostrar como ninguém antes de Paulo proclamou as verdades da santificação prática do crente por crer na apropriação da operação do Espírito Santo na sua vida, como fez Paulo. Como toda esta evidência acumulada distingue Paulo como o único especialmente levantado por Deus para tornar conhecidas as verdades particulares para a presente dispensação!

Mas ainda há mais evidências de outra espécie..

OS JURAMENTOS DE PAULO

Quantas vezes o apóstolo fala com um juramento!

«Deus ... me é testemunha» (Rom. 1.9).

«Em Cristo digo a verdade, não minto ...» (Rom. 9.1).

«Invoco, porém, a Deus por testemunha sobre a minha alma ...» (II Cor. 1.23).

«Como a verdade de Cristo está em mim ...» (2 Cor. 11.10).

«O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é eternamente bendito, sabe que não minto» (2 Cor. 11.31).

«... eis que diante de Deus testifico que não minto» (Gál. 1.20).

«Deus me é testemunha» (Fil. 1.8).

«... digo a verdade em Cristo, não minto ...» (I Tim. 2.7).

«Conjuro-te diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo ...» (I Tim. 5.21).

«Mando-te diante de Deus ...» (I Tim. 6.13).

«Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo ...» (2 Tim. 4.1).

Como diz Dean Howson: “Quando [Paulo] faz uma declaração solene sob a consciência da presença de Deus, ele não hesita em *expressar isto*” (*Hulsean Lectures for 1862*, P. 160).⁴⁷

Mas os outros não tinham falado sob a consciência da presença de Deus? Na verdade, Pedro, pelo Espírito, diz, «Se **alguém** falar, fale segundo as palavras de Deus» (I Ped. 4.11). No entanto mesmo uma leitura superficial das Escrituras revelará que PAULO INVOCA DEUS PARA TESTEMUNHAR DE LONGE MUITAS VEZES MAIS DO QUE QUALQUER OUTRO ESCRITOR DA BÍBLIA e na sua maioria a respeito da sua *integridade pessoal*. Isto porquê? Porque é que ele *necessitou* de falar com juramento?

A resposta a esta questão deve ser, de novo, encontrada no carácter distinto do ministério do Apóstolo como revelador do mistério.

João Baptista não necessitava de falar com juramentos porque ele proclamou o reino que já tinha sido predito por todos os profetas do Velho Testamento. Os quatro “evangelistas” não necessitavam de falar com juramentos porque apresentaram o nosso Senhor como o Messias profetizado. Pedro, em Pentecostes, podia salientar que «isto» era «o que foi dito pelo profeta Joel» (Act. 2.16); porque é que *ele* havia de necessitar de jurar que estava a dizer a verdade? Além disso, tanto ele como os seus associados estavam todos, evidentemente, sob o controlo do Espírito Santo (Act. 2.4).

Porém com Paulo era um caso diferente. Separado dos doze, que eram amplamente conhecidos como apóstolos de Cristo, Paulo tinha sido levantado para tornar conhecido um maravilhoso segredo que Deus tinha mantido escondido de todos os que até ali tinham vivido. Apesar de não ser, de forma alguma, uma *contradição* da profecia, este segredo *não* se encontrava, no entanto, nos dizeres ou escritos de qualquer um que o tinha precedido. Além disso, a revelação de «este mistério» trazia com ele uma mudança revolucionária na mensagem e no programa – uma nova

⁴⁷ Um comentário importante sobre Mat. 5.33-37.

dispensação. Assim, é apropriado que Paulo insista repetidas vezes que escreve como na presença de Deus.

A CONSCIÊNCIA DE PAULO

Na mesma base o Apóstolo estava intensamente ciente da *consciência* e ensinou os outros a estarem-no igualmente. De facto, uma vez de novo, PAULO TEM MAIS A DIZER SOBRE A CONSCIÊNCIA DO QUE QUALQUER OUTRO ESCRITOR DA BÍBLIA.

Já vimos como em Rom. 9.1 ele jura no nome de Cristo que não está a mentir, e acrescenta:

«... **dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo**».

Em Act. 23.1 encontramos-lo «*pondo Paulo os olhos no conselho*», e a dizer:

«**Homens irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência**» (Ver também II Tim. 1.3).

Ele tinha sido mesmo consciencioso (embora conscientemente *errado*) na sua perseguição a Cristo (Act. 26.9) e embora seja claro que ele não se *tivesse salvo* pela obediência à sua consciência, esta característica da sua maneira de ser tornou-se mais fortemente vincada após a sua regeneração e iluminação do Espírito Santo.

A Félix ele podia dizer:

«*E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens*» (Act. 24.26).

Aos Coríntios podia escrever:

«*Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que com simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo, e de modo particular convosco*» (II Cor. 1.12).

E isto é representativo de muitas passagens semelhantes:

Ademais ele apela às consciências dos *outros*:

«... não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade» (II Cor. 4.2).

Timóteo foi exortado a guardar a fé **«e a boa consciência»** (I Tim. 1.19), e foi lembrado que os diáconos devem guardar **«o mistério da fé numa consciência pura»** (I Tim. 3.9).

Ao tratar das relações dos crentes uns com os outros o Apóstolo roga-lhes que sejam sensíveis não apenas à sua própria consciência mas também às dos outros (I Cor. 8.7-12; 10-25-29).

É importante notar que o Apóstolo não só mostrou que tinha, como exortou que houvesse consciência, especialmente no que concernia a questões financeiras. Ele não somente exortou os outros a *procurar* «as coisas honestas, perante todos os homens» (Rom. 12.17), como ele próprio praticou isso. Em relação às grandes contribuições a ser feitas pelas igrejas Gentílicas para os santos em Jerusalém, ele escreveu aos Coríntios para que juntamente com Tito (enviado para recolher a contribuição *deles*) fosse enviado outro irmão que fosse bem conhecido de todas as igrejas e designado *por eles*, para viajar com ele no transporte da oferta para Jerusalém;

«Evitando isto, que alguém nos vitupere por esta abundância, que por nós é ministrada;

«Pois zelamos do que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens» (II Cor. 8.20,21).

Na verdade, ele já lhes tinha escrito:

« E, quando tiver chegado, mandarei os que por cartas aprovardes, para levar a vossa dádiva a Jerusalém.

«E, se valer a pena que eu também vá, irão comigo» (I Cor. 16.3,4).

Isto tudo não indica que o programa do reino tinha sido interrompido e a dispensação da graça introduzida?

Não teria havido necessidade de tais preocupações e exortações, ou mesmo de tais colectas, se o programa Pentecostal tivesse continuado ininterrupto, pois nessa altura,

«*Era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns ... Não havia, pois, entre eles necessitado algum ...*» (Act. 4.32-34).

Sob tais condições controladas pelo Espírito seria desnecessário acautelar alguém a respeito da consciência de outrém. *Eles viviam todos uns para os outros*. Nem haveria necessidade de exortá-los para terem cuidado com as suas próprias consciências. *Eles tinham sido todos cheios do Espírito Santo*. De facto, dois que procuraram juntar-se ao grupo por meios que menosprezavam a consciência foram *fulminados com morte* (Act. 5.1-11). Teria sido, semelhantemente, desnecessário exortar Pedro e os seus irmãos para guardarem a verdade numa consciência pura pois, cheios do Espírito, eles falavam «*conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem*».

Mas as manifestações sobrenaturais de Pentecostes foram suspensas há muito e nós agora vivemos sob a dispensação da *graça*. Por conseguinte, é supremamente apropriado que o nosso apóstolo tenha tanto que dizer acerca da *consciência*, exortando-nos sempre para mantermos a integridade pessoal e revelarmos a consideração devida ao bem estar espiritual dos outros, produzindo assim os *frutos* da graça.

OS SOFRIMENTOS DE PAULO

Em conclusão consideremos mais uma característica em que Paulo se distingue de todos os seus antecessores: *os seus sofrimentos*.

Todos reconhecem que nenhum sofrimento, meramente humano, se pode comparar com os sofrimentos do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele suportou o juízo que lançaria o mundo inteiro no inferno. Mas entre os homens mortais ao serviço de Deus certamente que ninguém

sofreu mais do que Paulo. Tanto quanto está registado, PAULO SOFREU MAIS POR CRISTO QUE QUALQUER DOS SEUS ANTECESSORES.

Temos pelo menos um indício inspirado disto no registo das palavras de nosso Senhor a respeito de Saulo:

«... Eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo Meu nome» (Act.9.16).

Mas uma vez mais, este facto é mais amplamente confirmado através da comparação do registo dos sofrimentos de Paulo com o dos sofrimentos dos seus antecessores.

Como é que podemos começar a citar tudo por que ele passou, desde a sua fuga sobre o muro de Damasco (Act. 9.23-25) até àquelas horas de espera na prisão Romana aguardando a sua execução como criminoso (II Tim. 4.6)? Basta dizer que mesmo na altura que escreveu duas das suas primeiras epístolas, as que escreveu aos Coríntios, ele já tinha superado outros nas perseguições e sofrimentos que padeceu por Cristo. Ao escrever aos Coríntios ele diz de si mesmo e dos seus companheiros:

«... somos feitos espectáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens.

«Nós somos loucos por amor de Cristo, ... nós fracos, ... e nós vis.

«Até esta presente hora sofremos fome, e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa,

«E nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos;

«Somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo deste mundo, e como a escória de todos» (I Cor. 4.9-13).

Que este «nós» se refere sobretudo a si é claro na longa lista detalhada que nos é dada em II Cor. 11.23-33 relativamente a todos os sofrimentos que ele tinha pessoalmente sofrido até essa altura. Esta lista é sempre lida demasiado depressa. Um pouco de meditação nos detalhes: os açoites, os castigos, o apedrejamento, os naufrágios, as viagens extenuantes, os perigos de rios, salteadores, Judeus, Gentios, os perigos na cidade, no deserto, no mar, entre falsos irmãos, a fadiga, a dor, as vigílias, a fome, o frio, a nudez, e depois, «o cuidado de todas as igrejas» -

um pouco de meditação em cada um destes detalhes particulares na sua vida de perseguição e sofrimento explicará logo porque é que ele exclamou:

«São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em perigo de morte, muitas vezes ... Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu me não abrase?» (II Cor. 11.23-29).

É claro que esta visão é parcial, mas para revelarmos o aspecto mais cintilante dos sofrimentos do Apóstolo temos que primeiro saber *porque* é que ele sofreu tudo isto.

Não nos devemos esquecer que ele tinha liderado Israel e o mundo na rebelião contra o Filho de Deus. Como líder inflamado desta rebelião ele tinha assolado «a igreja» (Act. 8.3), tinha-a «sobremaneira» perseguido e assolado (Gál. 1.13), tendo manchado as suas mãos com o sangue dos mártires.

Nisto ele não deixou de representar a atitude do mundo para com Cristo, porém quando o mundo estava pronto para o juízo profetizado, o tempo da ira de Deus, Deus interveio graciosamente, *salvando*, em vez de julgar, Saulo de Tarso e enviando-o com a oferta da reconciliação aos Seus inimigos por graça por meio da fé.

Naturalmente, Saulo, como embaixador da graça entre inimigos alienados, teria agora de suportar os mesmos sofrimentos que tinha infligido aos outros. Contudo, este sofrimento constante foi, num verdadeiro sentido, «as aflições de Cristo», a consequência continuada da inimizade do mundo contra Deus e o Seu Cristo. Isto explica uma outra passagem difícil na sua carta aos Colossenses:

«Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja» (Col. 1.24).

Tais sofrimentos são doces! Não admira o apóstolo regozijar-se neles uma vez que o levavam a uma comunhão mais íntima com o Cristo rejeitado. Não é de admirar o seu profundo desejo de:

«*Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação [comunhão] de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte*» (Fil. 3.10).

Assim, mesmo nos seus sofrimentos, Paulo destaca-se como o apóstolo da graça de Deus, escolhido para proclamar o amor do Cristo rejeitado a um mundo condenado.

É somente quando reconhecemos estas distinções bíblicas entre Paulo e todos os seus antecessores que estamos capacitados a proclamar o evangelho da graça de Deus com clareza e poder, sendo o único modo de nos podermos tornar obreiros que *podem* ser aprovados por Ele (II Tim. 2.15).

O Apostolado Único de Paulo
Um Facto Incontestável

Capítulo XV

UMA RECAPITULAÇÃO

AS PRÓPRIAS PALAVRAS DE PAULO SOBRE O ASSUNTO

As Escrituras ensinam *como facto*, sem a menor sombra de dúvida, que o apostolado e a mensagem de Paulo foram absolutamente únicos e separados da mensagem e apostolado dos doze ou de quem quer que fosse que o tivesse antecedido. Tem sido isto que a Cristandade, como um todo, tem recusado aceitar, confundindo assim o programa divino profetizado do reino com o que foi entregue a Paulo para connosco nesta presente dispensação.

Neste capítulo apresentamos uma recapitulação das próprias palavras de Paulo sobre o assunto, e visto que ele escreve por inspiração do Espírito Santo, elas também são *a Palavra de Deus* sobre a matéria, não devendo por isso ser levadas ou tratadas com leviandade.

As seguintes passagens das Escrituras não enfatizam apenas o uso repetido que o apóstolo faz do pronome pessoal na primeira pessoa, «*eu*», «*me*», «*mim*» - muito mais poderia ser citado ao longo desta linha – mas o *carácter único* do seu apostolado e mensagem. Ignoremos este facto e o resultado será a confusão inevitável; aceitemo-lo e uma centena de contradições aparentes nas Escrituras dissipar-se-ão.

«PAULO, APÓSTOLO (NÃO DA PARTE DOS HOMENS, NEM POR HOMEM ALGUM, MAS POR JESUS CRISTO, E POR DEUS PAI, QUE O RESSUSCITOU DENTRE OS MORTOS)» (Gál. 1.1)

Matias também podia ter dito que o seu apostolado não era «*da parte dos homens*», mas ao contrário do de Paulo, foi «*por homem*» (isto é, por instrumentalidade humana), pois Deus usou homens para o designarem apóstolo (Act. 1.15-26). Porém o apostolado de Paulo foi totalmente único. Nem teve origem nos homens, nem foi escolhido por instrumentalidade humana.

«... FAÇO-VOS SABER, IRMÃOS, QUE O EVANGELHO QUE POR MIM FOI ANUNCIADO NÃO É SEGUNDO OS HOMENS.

«PORQUE NÃO O RECEBI, NEM APRENDI DE HOMEM ALGUM, MAS PELA REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO» (Gál. 1.11,12).

Note cuidadosamente: Paulo não aprendeu dos outros as verdades que pregou. Ele recebeu-as por revelação directa do Senhor Jesus Cristo.

«E subi por uma revelação, e lhes expus O EVANGELHO, QUE PREGO ENTRE OS GENTIOS, e particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão» (Gál. 2.2).

Paulo não foi a Jerusalém para se certificar que pregava a mesma mensagem que os doze. Pelo contrário, foi *enviado* «por revelação» para dar a conhecer aos líderes ali «o evangelho» que ele pregava «entre os Gentios». Qual a razão desta fraseologia se a sua mensagem era a mesma da deles, e porque é que houve necessidade de primeiro tratar *privadamente* com os líderes?

«E, quanto àqueles que pareciam ser alguma coisa ... nada me comunicaram;

«Antes, pelo contrário, ... VIRAM QUE O EVANGELHO DA INCIRCUNCISÃO ME ESTAVA CONFIADO, COMO A PEDRO O DA CIRCUNCISÃO» (Gál. 2.6,7).

Os líderes em Jerusalém *nada comunicaram* a Paulo. Ele compreendia o programa profético tão perfeitamente quanto eles. «Antes, pelo contrário», ele comunicou-lhes algo: «o evangelho» que ele pregava «entre os Gentios», um passo adicional no programa de Deus. Mais: nós podemos compreender minimamente como é que alguns podem *confundir* «o evangelho do reino» com «o evangelho da graça de Deus», mas certamente que «o evangelho da circuncisão» e «o evangelho da *INcircuncisão*» não podem ser uma e a mesma coisa.

«E CONHECENDO TIAGO, CEFAS E JOÃO, QUE ERAM CONSIDERADOS COMO AS COLUNAS, A GRAÇA QUE ME HAVIA SIDO DADA, DERAM-NOS AS DESTRAS, EM COMUNHÃO COMIGO E COM BARNABÉ, PARA QUE NÓS FÔSSEMOS AOS GENTIOS, E ELES À CIRCUNCISÃO» (Gál. 2.9).

Quando Paulo comunicou o seu evangelho aos líderes em Jerusalém, eles «*viram*» (Gál. 2.7), e *conheceram* (Ver. 9), a validade dos seus clamores e reconheceram *publica e oficialmente* Paulo (com os seus cooperadores) como o apóstolo designado por Deus para com os Gentios, concordando, dali em diante, na limitação do seu próprio ministério a Israel. Assim, os doze, que tinham inicialmente sido comissionados para irem a «*todas as nações*» (Mat. 28.19), reconheciam agora Paulo como o apóstolo para os Gentios e concordaram em circunscrever o seu ministério a Israel.

«... Em parte vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória, PELA GRAÇA QUE POR DEUS ME FOI DADA;

«QUE SEJA MINISTRO DE JESUS CRISTO PARA OS GENTIOS ...» (Rom. 15.15,16).

Como podia ele declarar mais claramente que pela graça de Deus *ele* era agora o «*ministro de Jesus Cristo para os Gentios*»?

«PORQUE CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE, ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, EXALTO O MEU MINISTÉRIO» (Rom. 11.13).

Não foi por orgulho, mas por inspiração divina, que Paulo *exaltou* – não a sua pessoa, mas – o seu ministério. Não é, então, um pecado *minimizar* o que Deus tem exaltado?

«Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.

«O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, PARA SERVIR DE TESTEMUNHO A SEU TEMPO.

«PARA O QUE (DIGO A VERDADE EM CRISTO, NÃO MINTO) FUI CONSTITUÍDO PREGADOR, E APÓSTOLO, E DOUTOR DOS GENTIOS NA FÉ E NA VERDADE» (I Tim. 2.5-7).

Note bem: esta mensagem de graça para todos, através do Calvário, não foi tornada conhecida *imediatamente* após a morte e ressurreição de Cristo, mas «a seu tempo», e por intermédio de Paulo.

«Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios;

«Se é que tendes OUVIDO A DISPENSAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS, QUE PARA CONVOSCO ME FOI DADA;

«COMO ME FOI ESTE MISTÉRIO MANIFESTADO PELA REVELAÇÃO, ...

«O QUAL NOUTROS SÉCULOS NÃO FOI MANIFESTADO AOS FILHOS DOS HOMENS, COMO AGORA TEM SIDO REVELADO PELO ESPÍRITO AOS SEUS SANTOS APÓSTOLOS E PROFETAS» (Efé. 3.1-5).

Note: «por revelação» o Senhor manifestou a Paulo «o mistério ... o qual noutros séculos **não foi manifestado** aos filhos dos homens». Assim, quando Paulo o comunicou aos «santos apóstolos e profetas» de Deus, eles viram-no «pelo Espírito», como acontece connosco hoje. Assim «o mistério» foi revelado a Paulo «pela revelação de Jesus Cristo» e depois aos outros «pelo Espírito».

«... pelo seu corpo, que é a igreja;

«DA QUAL EU ESTOU FEITO MINISTRO SEGUNDO A DISPENSAÇÃO DE DEUS, QUE ME FOI CONCEDIDA PARA CONVOSCO, PARA CUMPRIR [COMPLETAR] A PALAVRA DE DEUS;»

«O MISTÉRIO QUE ESTEVE OCULTO DESDE TODOS OS SÉCULOS, E EM TODAS AS GERAÇÕES, E QUE AGORA FOI MANIFESTO AOS SEUS SANTOS» (Col. 1.24-26).

Como é que poderia ser declarado mais claramente que esta «dispensação» foi primeiro confiada a ele, para conosco, ou que esteve oculta «desde todos os séculos, e em todas as gerações, E QUE AGORA foi manifesta aos Seus santos»?

«Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dentre os mortos, segundo O MEU EVANGELHO» (II Tim. 2.8).

A ressurreição de Cristo segundo o evangelho de Paulo é um elemento básico da mensagem de Deus para o mundo hoje. Os doze tinham proclamado a ressurreição de Cristo para Ele se assentar no trono de David (Act. 2.29-31), a qual tinha sido profetizada e não era, de forma alguma, um segredo. Porém Paulo proclamou uma nova verdade acerca da ressurreição, a saber, que ela tinha sido «para nossa justificação» e que nós ressuscitámos com Ele (Rom. 4.25; 6.3,4; Efé. 2.4-6).

«No dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo O MEU EVANGELHO» (Rom. 2.16).

Pondere este versículo reflexivamente. Contém claramente uma verdade importante – e note particularmente as palavras «o meu evangelho».

«Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo O MEU EVANGELHO E A PREGAÇÃO DE JESUS CRISTO, CONFORME A REVELAÇÃO DO MISTÉRIO QUE DESDE TEMPOS ETERNOS ESTEVE OCULTO,

«MAS QUE SE MANIFESTOU AGORA, ...» (Rom. 16.25,26).

Os santos desta dispensação são confirmados, não pelo «*evangelho*» em geral, mas especificamente pelo *evangelho de Paulo* («*o meu evangelho*»: cf. Act. 20.24): Não meramente pela «*pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério*». Note: no contexto a expressão «*o evangelho*» refere-se muitas vezes ao evangelho de Paulo.

«Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã» (I Cor. 1.17).

A mensagem de Paulo centrava-se no que ele chama «*a pregação da cruz*», as *boas novas* da obra redentora toda suficiente de Cristo. Foi por isso que ele não foi enviado a baptizar. A obra consumada de Cristo a nosso favor *é suficiente*. É tudo o que precisamos para sermos aceites por Ele.

«Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que CRISTO JESUS VEIO AO MUNDO, PARA SALVAR OS PECADORES, DOS QUAIS EU SOU O PRINCIPAL.

«MAS POR ISSO ALCANCEI MISERICÓRDIA, PARA QUE EM MIM, QUE SOU O PRINCIPAL, JESUS CRISTO MOSTRASSE TODA A SUA LONGANIMIDADE, PARA EXEMPLO DOS QUE HAVIAM DE CRER NELE PARA A VIDA ETERNA» (I Tim. 1.15,16).

Poderia o apóstolo ter declarado com maior clareza que Deus teve um propósito especial ao salvá-lo a ele, o principal dos pecadores?

«Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos;

«Mas a seu tempo manifestou a sua palavra PELA PREGAÇÃO QUE ME FOI CONFIADA segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador» (Tit. 1.2,3).

Observe: Manifestado «*a seu tempo*» por meio da *pregação confiada a Paulo!* O que podia ser mais claro?

«... O EVANGELHO DA GLÓRIA DE DEUS BEM-AVENTURADO, QUE ME FOI CONFIADO» (I Tim. 1.11).

Porque é que o pronome na primeira pessoa aparece aqui se este *evangelho glorioso* tinha sido confiado a outros antes dele?

«Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e O MINISTÉRIO QUE RECEBI DO SENHOR JESUS, PARA DAR TESTEMUNHO DO EVANGELHO DA GRAÇA DE DEUS» (Act. 20.24).

Algum outro apóstolo, para além de Paulo, diz que lhe foi confiado «o *evangelho da graça de Deus*»?

«DO QUAL FUI FEITO MINISTRO, PELO DOM DA GRAÇA DE DEUS, QUE ME FOI DADO SEGUNDO A OPERAÇÃO DO SEU PÓDER.

«A MIM, O MÍNIMO DE TODOS OS SANTOS, ME FOI DADA ESTA GRAÇA DE ANUNCIAR ENTRE OS GENTIOS, POR MEIO DO EVANGELHO, AS RIQUEZAS INCOMPREENSÍVEIS DE CRISTO,

«E DEMONSTRAR A TODOS QUAL SEJA A DISPENSAÇÃO DO MISTÉRIO, QUE DESDE OS SÉCULOS ESTEVE OCULTO EM DEUS, QUE TUDO CRIOU POR MEIO DE JESUS CRISTO» (Efé. 3.7-9).

Como é que ele podia dizer mais claramente que ele tinha sido divinamente escolhido, *de toda a humanidade*, para tornar conhecido o que até então tinha estado «*oculto em Deus*»?

«PORQUE EU RECEBI DO SENHOR O QUE TAMBÉM VOS ENSINEI ...» (I Cor. 11.23).

Directamente *do* Senhor, e directamente *para* eles. Será que isto pode ser interpretado doutro modo?

«PORQUE PRIMEIRAMENTE VOS ENTREGUEI O QUE TAMBÉM RECEBI ...» (I Cor. 15.3).

Ele insiste de novo que a sua mensagem para eles tinha sido recebida, isto é, *do Senhor*.

«Eis aqui VOS DIGO UM MISTÉRIO: NA VERDADE, NEM TODOS DORMIREMOS, MAS TODOS SEREMOS TRANSFORMADOS;

«NUM MOMENTO, NUM ABRIR E FECHAR DE OLHOS, ANTE A ÚLTIMA TROMBETA; PORQUE A TROMBETA SOARÁ, E OS MORTOS RESSUSCITARÃO INCORRUPTÍVEIS, E NÓS SEREMOS TRANSFORMADOS» (I Cor. 15.51,52).

Note: «vos *digo um mistério*». Esta afirmação tornará possível que alguém antes dele tenha proclamado estas verdades?

«SEGUNDO A GRAÇA DE DEUS QUE ME FOI DADA, PUS EU, COMO SÁBIO ARQUITECTO, O FUNDAMENTO, E OUTRO EDIFICA SOBRE ELE; MAS VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE» (I Cor. 3.10).

A colocação de um fundamento não indica *um novo começo*?

«MAS, AINDA QUE NÓS MESMOS OU UM ANJO DO CÉU VOS ANUNCIE OUTRO EVANGELHO ALÉM DO QUE JÁ VOS TENHO ANUNCIADO, SEJA ANÁTEMA.

«ASSIM, COMO JÁ VO-LO DISSEMOS, AGORA DE NOVO TAMBÉM VO-LO DIGO. SE ALGUÉM VOS ANUNCIAR OUTRO EVANGELHO ALÉM DO QUE JÁ RECEBESTES, SEJA ANÁTEMA» (Gál. 1.8,9).

Como isto nos deveria conduzir ao temor, para *nós* não pregarmos «*outro evangelho*» além daquele que Paulo pregou, ou confundirmos o seu evangelho com outras boas novas proclamadas por aqueles que o antecederam. Esta passagem não explica porque é que a maldição da confusão e da divisão tem assolado a Igreja dos nossos dias?

*A Confusão Teológica e a Divisão;
A Sua Causa e Cura*

Capítulo XVI

O DESVIO DA MENSAGEM DE PAULO

OS RESULTADOS DA DESOBEDIÊNCIA

A Igreja – mesmo a *verdadeira* Igreja de crentes em Cristo, é, sem dúvida, maior hoje, do que alguma vez foi. No entanto está fraca e doente, confusa e dividida.

Muitos pensam que as causas do baixo estado espiritual da Igreja são: o fracasso em viver-se vidas separadas, falta de oração, indiferença para com os perdidos, etc.. Todavia, estes são os *efeitos*, não as causas. A *causa* é o desvio da Igreja da mensagem e programa de Deus para os nossos dias, como está revelado através dos escritos do Apóstolo Paulo. É aí que jaze a raiz do problema, embora tão poucos ainda o reconheçam ou admitam.

Com Israel foi o desvio da lei de Moisés que constantemente os lançou em problemas; conosco tem sido o desvio da verdade Paulina. Pois, lembremo-nos, *do mesmíssimo modo que a dispensação da Lei foi confiada a Moisés, a dispensação da graça foi confiada a Paulo* (Efé. 3.1-3), e os que têm decaído ou regredido desde os seus dias até aos nossos, têm-no feito, não tanto pelo desvio da Palavra de Deus em geral, mas pelo desvio da Palavra de Deus *por meio de Paulo* em particular.

Para o fim da sua vida Moisés exortou o povo de Israel para não terem como dado adquirido as riquezas de Canaã. De facto, ele avisou-os que se eles fizessem isso «*logo*» *pereceriam «da terra»* que eles iriam possuir, e seriam espalhados entre as nações.

Semelhantemente Paulo, também, avisou os crentes que perderiam as bênçãos pretendidas para eles, se se desviassem da verdade e do programa que lhes foi dado a conhecer. Alguns, na verdade, já tinham começado a desviar-se, e a perda da bênção tinha-se tornado evidente. Os Gálatas são um impressionante exemplo disto – e uma lição para nós.

Como eles se tinham regozijado quando Paulo veio a eles no princípio com «a pregação da cruz» e «o evangelho da graça de Deus»! Quando eles o ouviam pregar, e reparavam na dificuldade, e talvez dor, que ele experimentava com os olhos, diziam uns aos outros: “*Desejava poder dar-lhe os meus olhos! Ficaria alegremente sem eles. Ele tem enorme necessidade da vista, e penso na alegria e bênção que nos tem proporcionado!*”

Contudo, logo após a sua partida, eles foram dominados pelos Judaizantes que *com zelo cortejaram-nos* para os desviar de Paulo e da sua mensagem (Gál. 4.17). E agora Paulo tinha que escrever-lhes:

«Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho» (1.6)

«Ó insensatos Gálatas! quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi evidenciado, crucificado, entre vós?» (3.1).

«QUAL É, LOGO, A VOSSA BEM-AVENTURANÇA? Porque vos dou testemunho de que, se possível fora, arrancaríeis os vossos olhos, e mos daríeis» (Gál. 4.15).

A bênção tinha-se ido! Os que se tinham regozijado tão grandemente com as riquezas da graça de Deus proclamadas por Paulo, tinham agora regredido para Moisés e a Lei.

Nas epístolas de Paulo nós encontramos tanto a tendência dos crentes para se desviarem da senda da bênção como o diagnóstico de Deus relativamente à causa particular do problema. Em qualquer caso é uma rebelião contra a autoridade dada por Deus a Paulo e um desvio da mensagem e programa que Deus lhe deu.

NÓS DEVÍAMOS TER ESCUTADO

Foi numa situação de horrendo desespero que Paulo foi usado por Deus para oferecer esperança e certeza a homens em grande perigo, através duma declaração que ao mesmo tempo nos ensina uma valiosa lição espiritual e dispensacional. Ocorreu durante o temível temporal no mar que o apóstolo experimentou na sua viagem para Roma.

«*Havendo já muito que não se comia*» tanto da parte dos passageiros como da tripulação, o apóstolo «*Paulo, pondo-se em pé no meio deles*» falou a todos que estavam a bordo. Apesar de, sem dúvida, eles (com a exceção de Paulo e dos seus companheiros) terem estado a clamar aos seus deuses pagãos para serem libertados,⁴⁸ Paulo tinha estado em comunhão com Deus e tinha recebido a certeza adicional da chegada em segurança a Roma – e isto também para os que viajavam com ele.

«*Fora, na verdade, razoável, ó senhores,*» exclamou ele por cima do ruído do temporal «*ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incómodo e esta perda*» (Ver. 21).

Não era intenção de Paulo embarçar o mestre e a sua tripulação, o dono do navio e Júlio, o centurião, diante de todos, mas as presentes circunstâncias exigiam tais medidas, para eles agora poderem dar ouvidos às suas palavras.

Quão semelhante é a situação na Igreja hoje! É porque os crentes, e especialmente os seus líderes espirituais, têm ignorado as instruções de Paulo dadas por Deus e os homens de Deus que se têm esforçado por as tornar conhecidas, que a Igreja está agora «*à toa*» e a sofrer muito dano e perda. E uma vez mais, quando a dispensação da graça parece estar a aproximar-se do fim, é Paulo que exclama: «*Fora, na verdade razoável ... ter-me ouvido a mim*».⁴⁹

E agora o apóstolo exorta os seus ouvintes a estarem de bom ânimo, ao assegurar-lhes que não haveria nenhuma perda de vidas entre eles, mas apenas a do navio. Com certeza que isto pode ser dito da verdadeira Igreja hoje. Não haverá perda *de vidas*, nenhum dos seus membros se perderá, apesar da Igreja *professa*, «*o navio*», a organização, se afundar num triste fracasso.

Mas como é que Paulo tinha recebido esta certeza? Escutemos o que ele diz ao erguer-se no meio do temporal devastador:

⁴⁸ Como em Jonas 1.5.

⁴⁹ Note a analogia com Eutico, que adormeceu sob a pregação de Paulo, precipitando-se da posição em que se encontrava assentado numa janela no «*terceiro andar*» e depois foi restaurado através da instrumentalidade de Paulo (Act. 20.9-12).

«Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo, esteve comigo,

«Dizendo: Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo» (Vers. 23,24).

Uma vez mais há uma impressionante analogia espiritual e dispensacional. Na presente dispensação todos os que navegam com Paulo, e somente estes, estão salvos e seguros. Os pregadores mal instruídos podem misturar lei e graça, profecia e o mistério, o reino e o Corpo, porém os seus ouvintes estão salvos apenas enquanto ouvem e recebem a revelação Paulina a respeito da obra consumada de Cristo e da salvação apenas pela graça por meio da fé. De facto, os ouvintes, por associação errónea, podem ler estas verdades em passagens que não as ensinam exactamente, mas o facto permanece que eles são salvos através dessas verdades da gloriosa revelação confiada a Paulo. Certo é que não são salvos por trazerem sacrifícios, como fez Abel (Gén. 4.4,5), ou por se esforçarem por guardar a Lei (Éxo. 19.5), ou pelo arrependimento e o baptismo na água (Mar. 1.4; Act. 2.38), mas tão somente pela *pregação da cruz* e pelo *«evangelho da graça de Deus»*.

Esta cena nos Actos termina com a mais notável demonstração de fé: um homem erguendo-se num convés fustigado por um violento temporal, exclamando acima do rugido do mar enfurecido a mais de duzentas e setenta homens esfaimados e exaustos:

«... tende bom ânimo; porque creio em Deus, que há de acontecer assim como a mim me foi dito» (Ver. 25).

ESCUTEMOS E OBEDEÇAMOS

As palavras de Paulo em Fil. 1.27 falam à Igreja dos nossos dias como falaram à Igreja dos seus dias:

«Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho».

Mas o que é que o apóstolo quer dizer pela «fé do evangelho»? Pelo que é que eles deviam erguer-se e combater unidos? Seria pela mensagem que Cristo, *na terra*, e os Seus doze apóstolos, tinham pregado? Não, era pela «fé que se havia de manifestar» (Gál. 3.23). A «*uma só fé*» de Efé. 4.5, a mensagem distinta confiada a Paulo, «*o evangelho da graça de Deus*» (Act. 20.24), «*a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério*» (Rom. 16.25).

As verdades por que os Filipenses deveriam erguer-se conjuntamente e combater juntos eram as mesmas verdades que Paulo mandou Timóteo *conservar e confiar a outros*; as verdades particulares reveladas a Paulo e por seu intermédio:

«*Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus*» (II Tim. 1.13).

«*E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idóneos para também ensinarem os outros*» (II Tim. 2.2).

Que Deus nos ajude a *conservar* estas verdades preciosas e a estarmos «*num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo*» para torná-las conhecidas, de modo a que o mundo possa ouvir de novo a gloriosa mensagem revelada por meio de Paulo, «*a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério*» (Rom. 16.25).

Se este livro provou ser uma bênção para si,
porque não nos ajuda a fazê-lo chegar a outros?
